Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Setembro 1977
Quinta-feira
ANO 57.º
N.º 19 456
6 escudos
15

Vão regressar as «esperas» na Portela e em Pedras Rubras?

Conflito da TAP em Conselho de Ministros

. O diferendo que opõe o Sindicato dos Pilotos da Aviação Civil ao Conselho de Gerência dos Transportes Aéreos Portugueses vai ser analisado no Conselho de Ministros, que está reunido em São Bento. Espera-se que importantes medidas sejam tomadas no sentido de evitar a greve que o SPAC decretou para as 24 horas, de hoje, decisão que agravará consideravelmente o defice (recuperável) da transportadora aérea nacional.

A assembleia geral do Sindicato do Pessoal de Voo da Aviação Civil decidiu esta madrugada que, se no prazo de oito dias os dois pilotos recentemente despedidos não forem reintegrados na TAP, decretará também a greve.

(Pág. 11)

Diário de Lisboa

. Uma avaria na nossa rotativa, que lamentamos e a todo o tempo esperamos reparar, obriga-nos desde ontem a prescindir da cor na impressão do «Diário de Lisboa». O facto tem originado também alguns contratempos na confecção de publicações clientes da Renascença Gráfica cuja compreensão nos apraz registar.

NAS VÉSPERAS DA REUNIÃO DO SECRETARIADO DO PS

DIREITA "VENDE" GOVERNO PS-PSD

A próxima reunião, sábado e domingo, do Secretariado Nacional do PS, que irá definir a estratégia do partido, incluindo a tão questionada remodelação governamental, começa a ser alvo das atenções (e pressões) dos sectores políticos de direita.

Assim se poderá entender toda a especulação de um semanário de direita que, na sua edição de hoje, a par de significativas entrevistas com os vice-presidentes do CDS (Amaro da Costa) e do PSD/PPD (Rui Machete), adianta como «hipótese mais viável» a da «constituição de um Governo comum PS/PSD, suportado parlamentarmente pelo CDS, surgida através da aproximação entre os dois maiores partidos e de uma posterior proposta ao CDS».

Envolvendo o general Ramalho Eanes nas suas intencionais conjecturas, o citado semanário entende ainda que «nesta hipótese, a que o Presidente da República poderia aderir, seria aprovado entre os dois partidos um programa comum de Governo — que substituiria o actual. (...) O Primeiro-Ministro seria Mário Soares, repartindo-se as pastas do Governo entre elementos da confiança simultânea do PS e do PSD».

Entretanto o vice-presidente do PSD/PPD, Rui Machete, depois de considerar na citada entrevista, um Governo PS/PSD como hipótese a não excluir, adianta uma outra possível: «um Governo formado só por independentes e apoiado por esses mesmos partidos, ou com personalidades políticas independentes», desde que apoiado na Assembleia da República pelo PS, PSD e CDS.

A hipótese de um tal Governo vir a ser dirigido por um militar não é do agrado do dirigente do PSD/PPD, que considera os militares como não tendo «qualquer qualificação para fazerem política e não a devem fazer».

Todavia, para Amaro da Costa um Governo apenas PS/PSD não obteria os favores incondicionais do CDS. O vice-presidente «centrista» entende que tal hipótese «não é realista» e que «só restaria ao CDS comportar-se, pura e simplesmente, como partido de oposição».

Sobre a confiança do PR, invocada por Soares, em relação ao actual Governo, o vice-presidente do CDS considera a possibilidade de a impopularidade do Governo se projectar «crescentemente sobre o Presidente da República» e pergunta «se não deveria ser o próprio general Ramalho Eanes a tomar nas suas mãos a resolução da crise governamental que já existe».

Num ponto convergem as afirmações de Rui Machete e Amaro da Costa: a fórmula actual do Governo tem os dias contados. Quanto à fórmula posterior, ou que se vai seguir, é de admitir que as soluções ou hipóteses avançadas, quer pelo semanário, quer pelos entrevistados, funcionem, sobretudo, como forma de pressão sobre a próxima reunião do Secretariado Nacional do PS e sobre o próprio Chefe do Estado.

Tal encontro dos principais dirigentes do partido do Governo vai determinar, certamente, com maior clareza, as hipóteses de saída política de uma crise que se arrasta perigosamente, com pesados efeitos sociais e económicos.

Entretanto, e a manter-se a irredutibilidade do PS face a um Governo bipartido (com o PSD/PPD) ou a não se alterar a oposição dos partidos de direita a um acordo de Governo que inclua o PCP, as propostas dos comunistas, avançadas em 31 de Julho passado, de eleições gerais ou, em alternativa, um governo de plataforma, já não aparecem como tão «irrealistas» para os seus principais críticos de então. Tudo indica de facto que nenhuma outra solução — dentro do actual quadro democrático-constitucional — parece viável. O futuro rapidamente o dirá.

"CRISE" NAS PASTAS ECONÓMICAS?

Demitiu-se Consiglieri Pedroso

. Tende a acentuar-se a «crise» no sector económico governamental: depois da saída de Manuel Silva da Secretaria de Estado do Plano, Eduardo Consiglieri Pedroso abandona agora, a seu pedido, a Subsecretaria de Estado do Tesouro.

O decreto exonerando aquele membro do Governo, saiu hoje no «Diário da República»: E exonerado a seu pedido, sob proposta do Primeiro-Ministro, o dr. Eduardo da Costa Monteiro Consiglieri Pedroso do cargo de subsecretário de Estado do Tesouro», lê-se no texto do diploma que é assinado pelo Presidente da República e pelo dr. Mário Soares.

As razões que terão levado à entrega do pedido de demissão ao Primeiro-Ministro não foram reveladas, nem por S. Bento nem pelo ex-membro do Governo. Aponta-se, no entanto, para divergências que terão vindo a agudizar-se nos ultimos tempos com o responsável pelo sector das Finanças, o ministro Medina Carreira.

Boavista: a honrosa excepcão

O Boavista confirmou vocação europeia: foi a única das quatro turmas portuguesas que concluiu vitoriosamente a «4.ª-feira uefeira», batendo os romanos do Lazio (1-0) nas Antas. O «DL», esteve nas quatro frentes em que o nosso futebol foi posto à prova: na Luz, em Colónia (viajando através da «Star») em Córsega (por intermédio da «Europeia» e na capital nortenha, afinal o único ponto verdadeiramente branco na escalada. Reportagens em «Desportos»: págs. 19 e 22.

CÉSAR OLIVEIRA AO "DL"

"Ou alternativa de esquerda ou antecâmara do fascismo"

. O Partido Socialista arrisca-se a desaparecer por estupidez» — afirma César Oliveria na entrevista que hoje publicamos, a primeira de uma série em que ouviremos várias personalidades da esquerda portuguesa acerca das propostas reiteradas pelo PCP e das perspectivas de saída da crise.

A posição eleitoral das diferentes forças políticas, a eventualidade da constituição de uma nova «força socialista-marxista» com revelância numa futura Assembleia da República, a prática política do actual Governo, a responsabilidade histórica do Partido Socialista «pelo menos, no impedir de alternativas de direita», a evolução da situação sindical o PC face ao «eurocomunismo» e ainda a «Lei Barreto» e as contradições da «democracia parlamentar» relativamente à «democracia política», são alguns dos principais pontos abordados nesta entrevista, a propósito da necessidade de uma «alternativa de esquerda».

A próxima entrevista desta série será com Jorge Sampaio, da Intervenção Socialista.

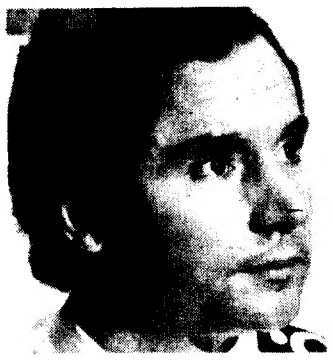
(Centrais)

ELOGIO DE RAMIRO E ISABEL CORREIA — por J. Laginha Serafim (Pág. 2)

Reestruturação A IMPRENSA TEM FILHOS E ENTEADOS (Pág. 5)

Elogio de Ramiro e Isabel Correia

O povo português e o povo moçambicano acabam de sofrer uma rude perda. Morreram subitamente, vítimas da sua própria alegria de viver, Ramiro Correia, sua mulher Isabel e seu filho mais novo, Nuno. Com o seu desaparecimento, os povos amantes da paz, os povos que crêem na força da solidariedade internacional da paz, isto, no progresso harmónico da humanidade, da justiça na distribuição das riquezas naturais e dos frutos da actividade comum, ficaram mais pobres e mais sós. Os desaparecidos fazem-nos muita falta. Fazem falta quer nas rudes e difíceis tarefas da construção de um Moçambique independente, próspero, saudável e forte e farão muita falta no prosseguimento da Revo-



lução Portuguesa, iniciada em Abril de 1974, em que Ramiro Correia teve um dos papéis de maior destaque. Entre os obreiros dessa estrondosa mutação da sociedade portuguesa, uma das mais bonitas e bem organizadas rebeliões de um grupo de militares que, polarizando toda uma Nação, conseguiram erradicar o fascismo da terra portuguesa e acelerar o irreversível processo da independência das colónias de África, contava-se o comandante Ramiro Correia.

Era ele um convicto democrata, um antifascista militante, um dedicado e sincero amigo do povo. Apesar de haver atingido o nível económico da burguesia, que a sua profissão lhe permitia, apesar de poder desfrutar os privilégios inerentes à sua carreira militar, apesar de dispor de todos os dotes físicos para o êxito e a fama pessoal no campo do desporto, Ramiro Correia preferiu a tudo isso lutar e estar ao lado dos que lutam pela justiça social, pela igualdade económica efectiva entre os homens, pela liberdade dos indivíduos e dos povos, independentemente da sua raça ou das suas crenças. Ele preferiu a arena política do homem de esquerda. Ramiro tinha aquela grandeza de quem dá aos outros, de quem se oferece à própria Sociedade em que vive.

A sua origem humilde não era por ele esquecida; ele tinha orgulho da sua origem de classe. E era evidente que dessa origem de classe derivava ele o seu carácter generoso e a sua coragem. Com naturalidade transmitia aos outros o optimismo e a alegria de viver, a inabalável confiança no futuro e a certeza da vitória dos seus ideais de humanista e de Socialista. A campanha de Dinamização Cultural do MFA consequência desses ideais.

Era uma mente sã num corpo são de desportista. Vencia no desporto com facilidade, era facilmente campeão em qualquer modalidade. Mas o exito fácil do desportista não o tentou.

Era um escritor e um poeta, com bastante talento para a síntese, que nos últimos anos enveredou pelo humanismo militante e pela actividade de escritor político dedicado a repor a verdade dos factos que têm constituído os soavancos da revolução portuguesa.

Como testemunhas desses factos e co-autores dos seus livros inventou «dois companheiros de luta do nosso Portugal» — como escreveu em dedicatória —, o João Marujo e o Pedro Soldado.

Nos seus livros bem demonstra Ramiro Correia as suas grandes qualidades de homem, a sua elevada capacidade intelectual, o seu poder de análise de problemas complexos como foi o do amortecimento do processo revolucionário português. Eram e são os homens como Ramiro Correia que ajudam a manter latentes o fogo revolucionário do povo português, dos operários e em especial dos mais humildes trabalhadores rurais.

Ao escolher a profissão de médico Ramiro dá já uma nota do seu carácter e do seu amor pelo semelhante e de dedicação ao sofrimento alheio. Era em suma um homem de bem e isso o fazia admirador de todos quantos lutam contra o obscurantismo filosófico, os «tabus» e a crendice política que os fascistas fizeram crescer em Portugal. Era portanto um intelectual de esquerda, independente e militante, como o prova a sua decisão da vinda para Moçambique com profundas e bem justificadas convicções políticas de progressista.

E assim, após o 25 de Novembro, resolve deixar temporariamente Portugal para vir dar a sua colaboração juntamente com a sua mulher, na jovem República Popular de Moçambique. E que, como dizia ao jornal «O Diário» antes de partir «Moçambique aparece-me no horizonte como experiência de solidariedade internacionalista».

A companheira e esposa de Ramiro, Isabel Lacximy era também uma personalidade de muito valor de marcado espírito revolucionário, ainda que mais introvertida e dedicada à sua casa, à sua família e à sua profissão na medicina. De elevada competência profissional, o seu valor era amplamente reconhecido pelos seus companheiros e facilmente apreciado pelos seus doentes. Exigia aos seus companheiros de trabalho a mesma honestidade, dedicação e esforço que exigia a si própria. Era intransigente para os que não queriam dar toda a contribuição e todo o esforço que poderiam dar.

Era grande a sua preocupação de rigor científico e com frequência corrigia o humanista, o poeta e o revolucionário que era o seu marido.

Isabel nasceu em Goa e veio para Moçambique na tenra infância. Da sua curta permanência nesta terra pouco se lembrava, mas o carácter deste povo seguramente lhe terão deixado alguma grata recordação. Fez todo o curso dos liceus em Portugal e foi Coimbra a Universidade escolhida para tirar o curso de medicina. Aí se conheceram, aí começaram o seu caminho comum.

Em Moçambique o casal vivia uma fase de intensa actividade profissional, de dedicação à medicina, e também ao lar tendo agora oportunidade de recuperar das deficuldades e da falta de convívio familiar, que necessariamente os dois anos da Revolução em Portugal impuseram como sacrifício aos verdadeiros «capitães de Abril».

Ramiro e Isabel, a nossa memória, os nossos sentimentos mais íntimos, estão profundamente abalados pela vossa falta; nós sentimos como vós haveis sentido a enorme tragédia que vos retirou da nossa luta.

Maputo, Agosto de 1977

J. Laginha Serafim

MÁRIO SOARES EM COIMBRA

Novo Hospital Escolar estará pronto em 1983

«Os problemas do ensino terão que ser resolvidos em clima de diálogo de liberdade, sem exageros e com a autoridade que resulta da competência. Se for necessário usaremos de autoridade para impor essas condições, e estaremos acompanhados pela maioria do povo português porque é profundamente reaccionário conceber a Universidade como lugar de confrontação ideológica» — afirmou o Primeiro-Ministro Mário Soares ontem em Coimbra e no uso da palavra durante o almoço que lhe foi oferecido pelo reitor da Universidade. Soares referiu-se à necessidade da normalização da vida escolar, para que — disse — «tenham acesso à Universidade aqueles que querem estudar e ensinar». Anunciou que o Governo «fará todos os esforços nesse sentido»: e acrescentou: «Uma política digna desse nome terá de estar fundamentalmente orientada para objectivos de tipo cultural, porque é através da cultura que poderemos transformar o homem e a sociedade no sentido de maior liberdade e justiça social».

O ponto mais alto da visita de Soares e respectiva comitiva a Coimbra, terá sido a passagem pela Faculdade de Medicina, onde o Primeiro-Ministro anunciou para 1978 o início da construção do novo hospital escolar. As obras estarão concluídas em 1983.

«Os problemas da Saúde vão conhecer a necessária definição por parte do Governo, embora não possamos esquecer que o País esta condicionado por problemas de tipo financeiro — diria ainda o Primeiro-Ministro, a justificar as relativamente escassas proporções do empreendimento anunciado. Na sequência Soares, faria um relance pela situação económica do País, garantindo que o País está em condições de vencer a crise» e acrescentou que «temos dinheiro e todas as condições para construir um futuro melhor, desde que eista a necessária confiança no Governo»: «Nenhum outro governo concitaria tantos apoios internacionais e tanto consenso interno» — disse.

No uso da palavra durante o almoço o reitor da Universidade de Coimbra, prof. Férrer Correia salientaria a importância não apenas do novo Hospital Escolar, mas ainda de instalações adequadas para algumas Faculdades e a criação de um novo estatuto como as necessidade prioritárias da Universidade de Coimbra.

A.A. AUSENTE

No almoço não estiveram presentes representantes da Associação Académica. A justificar esta ausência, a Direcção da Associação emitiu um comunicado dizendo que «contactos com entidades governamentais deverão, no momento, circunscrever-se a reuniões de trabalho. Nesta óptica, não se justificava a sua participação no almoço, que, aliás era de pura cortesia».

Tinha sido admitida a possibilidade de uma curta entrevista com o Primeiro-Ministro — revelava a Associação. Tal entrevista no entanto não chegou a realizar-se.

COMITIVA

Numerosa a comitiva que acompanhou Soares nesta visita a Coimbra: com o Primeiro-Ministro, os ministros da Educação e Investigação Científica, Sottomayor Cardia, das Obras Públicas, Almeida Pina, do Comércio Interno, Mota Pinto, os secretários de Estado para os Assuntos Políticos, Manuel Alegre, da Segurança Social, Vítor Vasques dos Recursos Hídricos e Saneamento Básico, Morais Barroco, do Fomento Agrário, António Campos, da Juventude e Desportos, Joaquim de Sousa, e ainda o vice-presidente da Assembleia da República António Arnaud.

OUTRAS VISITAS

A presença em Coimbra de Soares e respectiva comitiva governamental serviu não apenas para sessões no âmbito da Universidade. Houve ainda entre outras coisas, uma visita às obras do açude-ponte — considerado empreendimento de importância capital para a vida da cidade e da região, como complemento da barragem da Aguieira.

O açude-ponte permitirá a existência de uma toalha de água frente à cidade e tornará possível a irrigação de 15 mil hectares de terras do baixo Mondego entre Coimbra e Figueira da Foz. Prevê-se que as obras estejam concluídas no final de 1979.

ADMISSÃO DE PORTUGAL NA CEE

Concorrência portuguesa preocupa agricultores holandeses

O alargamento do Mercado Comum a Portugal, Espanha e Grécia está a provocar grande inquietação entre os produtores holandeses de frutas e legumes.

O alargamento da CEE aos três países constituiu o tema principal dos discursos ontem proferidos no congresso dos horticultores holandeses, realizado em Wageningen, durante o qual vários oradores pediram ao Governo que exija da CEE garantias contra as importações a baixos preços que poderão vir a fazer concorrência no sector das frutas e legumes, bem como no da floricultura.

Segundo os oradores, terão de ser adoptadas medidas de protecção aos produtos holandeses caso os três países candidatos à CEE se preparem para um aumento da sua própria produção.

Por outro lado, Petrus Lardinois, antigo membro da comissão da CEE para a agricultura e actual presidente do Banco da Holanda, declarou que o receio dos congressistas se justifica, não só na Holanda, mas em todas as regiões meridionais da CEE.

COOPERAÇÃO LUSO-HOLANDESA

Foi ontem assinado um acordo de cooperação luso-holandesa, com vista ao projecto de fomento agrário leziria grande, de Vila Franca de Xira.

Do lado português, o acordo foi assinado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira, e, pelo lado holandês, pelo embaixador dos Países Baixos em Lisboa, Arnout de Waal. Ao acto de assinatura esteve ainda presente o secretário de Estado da Emigração, João Lima.

O acordo insere-se no âmbito da assistência económica bilateral concedida a Portugal pela Holanda e envolve um empréstimo no montante de 9 milhões de florins (150 mil contos). Uma parte deste empréstimo é destinado ao projecto de fomento agrário da lezíria grande de Vila Franca de Xira e à assistência técnica à preparação de um plano integrado de desenvolvimento rural e à formulação de pontos de acção concretos para imediato fomento naquela área.

MINISTRO SUIÇO EM LISBOA

A fim de debater, com o Governo português, assuntos relacionados com a cooperação luso-suíça, chega hoje a Lisboa o ministro suíço das Relações Exteriores, Pierre Graber.

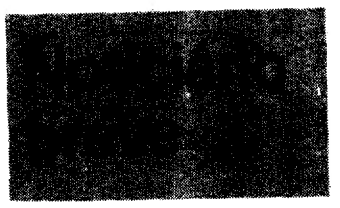
A visita de Pierre Graber, que também é conselheiro federal helvético, prolonga-se até amanhã, integrando-se no desenvolvimento da cooperação entre os dois países ultimamente intensificado.

A Suíça é um dos países que participa no consórcio internacional de auxílio a Portugal, com uma verba que deverá rondar os 30 milhões de dólares (1 milhão e 200 mil contos).

Dia de Bocage em Setúbal

SETÚBAL, 15 — «Até aqui o dia de Bocage foi sempre assinalado com conferências. Esta é a primeira vez que a população é convidada a vir para a rua festejar a data» — disse o director da Casa do Bocage, José Fernandes que, em colaboração com a Câmara Municipal desta cidade organizou o programa de festas comemorativas do 212.º aniversário do nasimento do poeta.

Hoje de manhã, na Praça do Bocage, as crianças de Setúbal participaram num concurso de pintura infantil sobre a vida e obra do poeta e fizeram uma prova de jornalismo.



CONFERÊNCIA INTERPARLAMENTAR

A convite do «Grupo dos Nove», Rodolfo Crespo, dirigente do PS, deslocou-se a Copenhaga para participar na reunião preparatória da 64.ª Conferência Interparlamentar Europeia que decorrerá em Sófia de 20 a 30 deste mês. Portugal foi escolhido para a presidência do «Grupo dos Nove» na próxima Conferência, ficando ainda decidido que o nosso país servirá de sede às reuniões que se efectuarem em 1978.

RELAÇÕES COM A VENEZUELA

Fazer o ponto da situação presente dos acordos de cooperação já assinados entre os dois países terá sido o objectivo central de uma audiência que o presidente venezuelano Carlos Andrés Pérez concedeu ao embaixador de Portugal em Caracas, Walter Rosa.

MISSÃO NA URSS

Prossegue a visita que uma missão da indústria naval portuguesa está a efectuar à União Soviética. A missão teve já reuniões de trabalho com os ministros soviéticos do Comércio Externo, Marinha Mercante e Construções Navais, e visitou estaleiros, nomeadamente os de Vyberg. Prevê-se que sejam ultimadas propostas com vista à cooperação entre as indústrias navais dos dois países.

PARLAMENTARES FRANCESES

Encontra-se desde ontem na cidade do Porto a delegação de 14 parlamentares franceses que desde há alguns dias visita Portugal. O programa de deslocações para hoje incluía visitas às caves de vinho do Porto, em Gaia e às instalações de tecidos de Ponte da Pedra.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

A Comissão Permanente da Assembleia da República reúne na próxima segunda-feira a fim de se pronunciar sobre o início da actividade das diversas comissões parlamentares as quais se deverão pronunciar sobre algumas propostas de lei que subirão ao plenário aquando do recomeço dos seus trabalhos, previstos para 15 de Outubro.

DELEGAÇÃO DE PODERES

Por despacho hoje publicado no «Diário da República», o Primeiro-Ministro delega no secretário de Estado da Administração Pública competência para aprovar horários especiais.

PRETENDE DECORAR A SUA CASA?

Visite a **GALERIA ACTUAL**, onde encontrará mobiliário de todos os estilos, jogos maples, candeeiros, estatuetas, biblots, quadros a óleo e enorme variedade de peças de decoração.

AV. DA REPÚBLICA, 12 (Perto do Saldanha)

post-scriptum

Bombistas: quem os pune?

Mais bombas explodiram, causando desta vez bastantes danos materiais e físicos e que tentavam visar os Centros de Reforma Agrária. O Governo reagiu de pronto, mas, apesar dessa reacção ser evocada com palavras duras e prometimentos, não podemos acreditar nelas. O que se passa com a maioria dos bombistas incriminados ultimamente? Onde está o Corrécio? E o Décio Sottomayor? E o sr. Comendador e outros? E o sr. major Mota Freitas cuja detenção tem sido umas «terias prolongadas»? E os «pides» libertados? E os implicados no 11 de Março? E os implicados no 28 de Setembro? E o bandoleiro Serejo, após as ameaças que fez? Enfim, como pode um Governo de um momento para outro querer tomar atitudes drásticas, quando é o primeiro a tolerar o terrorismo?

Vários pasquins da nossa praça e alguns jornais estatizados empregaram uma linguagem perfeitamente idêntica àquela do antigo «Diário da Manhã» e de outros jornais da época, dizendo «palermices» e nada mais. Há só uma única coisa que achamos bem: Foi quando António Barreto numa entrevista para a RTP afirmou que «quem não tem razão, recorre à violência». De facto é uma realidade e sendo assim o titular do MAP, que tem recorrido sempre à violência sobre os trabalhadores rurais, também não tem razão. Foi isso que ele disse, penitenciou-se ou fugiu-lhe a língua para a verdade. Houve também um pasquim que teve o arrojo de criticar o PCP pela sua festa no Jamor, frisando o elevado gasto com tal organização quando há desalojados sem casa, perto do local do festival. Cremos não ter o PCP quaisquer direitos em socorrer desalojados, pois os partidos CDS e PSD que foram os preferidos e que à custa do obscurantismo político da maioria deles obtiveram mais uns milhares de votos, nunca cumpriram o que lhes prometeram negando-lhes sempre o auxílio. Se o PCP gasta muito dinheiro com tal organização, convém frisar que esse dinheiro é contribuição do Povo Português e não vem do país dos dólares ou dos marcos. Portuguesmente falando isto tem um nome: DOR DE COTOVELO.

A. Garrido
LISBOA

Quem está interessado no retorno ao «antigamente»?

A pouco e pouco, a reacção perde a vergonha, e por toda a parte tece a sua teia maldita. Ressuscita os seus hitlers.

Por cá, um Governo tíbio e tímido é passo a passo enleado pela direita, que se lhe impõe por terríveis compromissos assumidos. E de repente surgem as bombas...

Nos Açores vêm de há muito os motivos afirmados e as intenções. Aqui, no Alentejo, na zona da Reforma Agrária, é a nova escalada de quem não perdeu a esperança de que a fome se reinstale, a exploração do homem pelo homem recomece e que surjam os latifúndios.

Na verdade o fascismo é impaciente. Necessita de acabar com tudo o que atrase o seu processo.

É o Conselho da Revolução que demora as coisas? Acabe-se com ele!

É o Presidente da República que impõe o legalismo neste País? Inicie-se a demagogia. Nós até votámos nele...

E assim surge, evidente, a chave do problema: quem está interessado em «pulverizar» os órgãos legitimados pela Constituição? Quem naturalmente votou contra ela.

Quem não deseja ver aplicado o que a Constituição consigna? Quem obviamente votou contra ela.

Quem está interessado na recuperação capitalista? Quem votou (e vota) contra o Socialismo: por palavras, por gestos; passiva ou activamente; nem que seja à bomba!

António Terrinha
LISBOA

A festa que a RTP desconheceu

Venho mais uma vez protestar contra a forma como a RTP faz a sua programação. E neste caso concreto, relativamente à maior manifestação de internacionalismo e unidade até hoje realizada neste país: a festa do «Avante!». Mais uma vez a televisão demonstrou desconhecer essa jornada pela publicidade que não lhe deu. E teria o dever de dar, bastaria para tanto, ver que o povo que lá estava era o povo trabalhador de norte a Sul do País. Mas a RTP continua como no passado a estar ao serviço de um Governo e de toda a direita reaccionária, em que não se vê o povo. Mais concretamente continua a estar ao serviço dos exploradores, manipulando a seu bel-prazer toda a informação que dá no seu dia-a-dia (Ex. no dia em que dá a Cornélia no 1.º Programa dá um filme de um país socialista no 2.º; num outro dia da semana dá então no 1.º Programa um filme de um país imperialista.

É vergonhoso, triste e lamentável esta atitude, e só serve, cada vez mais, para a afastar da sua importante missão que é informar. Por isso o meu protesto, e ao mesmo tempo o meu apelo, para que reflitamos na gravidade da situação.

António José P. Ribeiro
LISBOA

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 36 87 40

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

A CONSTITUIÇÃO REVOGADA (2)

ANTÓNIO AVELÃS NUNES

A violação da Constituição é manifesta. Uma coisa é, com efeito, o não se efectuarem expriações. bem nome de quê se oportunidade política, nesta ou naquela região do país, outra coisa — esta inadmissível! — é o legislar-se que, fora de certa zona, não haverá expropriações. Em nome de que se mutila deste modo a Constituição?

A Constituição manda expropriar todos os latifúndios e todas as grandes explorações capitalistas. Em nome de quê, portanto, o art.º 23.º, n.º 3 da Lei exclui da expropriação os latifúndios pertencentes a «pessoas colectivas de direito privado e regime administrativo», a «associações ou fundações cuja acção social ou cultural seja reconhecida de alto interesse por despacho do MAP», às chamadas «sociedades cooperativas agrícolas», que não são cooperativas de trabalhadores agrícolas ou de pequenos agricultores que trabalham as suas terras, que são falsas cooperativas, que são um mero expediente destinado a permitir que os agrários se furtem à aplicação da Constituição? Mais uma vez, é patente o desprezo pelos preceitos da nossa lei fundamental!

A mesma nota de inconstitucionalidade fica patente quando a Lei votada na A.R. exclui da expropriação as plantações agrícolas ou florestais de curta ou média duração e outras benfeitorias realizadas pelos próprios agricultores, designadamente plantações agrícolas ou florestais de qualquer duração, obras de ragadio, obras de construção civil, compartimentação e protecção tecnicamente aconselháveis e melhoramentos fundiários (art.º 31.º, n.º 3), ou quando, no art.º 41.º, exclui da expropriação todo «o equipamento fixo e móvel, o gado e outros componentes do estabelecimento agrícola directamente utilizados na exploração dos prédios expropriados, bem como o equipamento industrial a ele adstrito», desde que não sejam «excedentários em relação à respectiva reserva ou área de exploração»...

Mas então a Constituição não manda expropriar todos os latifúndios e todas as grandes explorações capitalistas, como meio de transferência da posse útil da terra e dos meios de produção directamente utilizados na sua exploração para aqueles que a trabalham? Como pode então aceitar-se que a «Lei Barreto» venha assim subverter este claro comando constitucional?

É claro que bem anda a lei quando diz (art.º 23.º, n.º 3) que não são expropriáveis os prédios rústicos pertencentes a produtores autónomos, a cooperativas de produção agrícola, a unidades de exploração agrícola por trabalhadores. Nem de outro modo poderia ser, porque não se trata, em tais casos, de *latifúndios* ou de *grandes explorações capitalistas*, e proque o objectivo constitucional é exactamente o de operar a transferência da posse útil da terra para os pequenos agricultores, as cooperativas de trabalhadores rurais ou de pequenos agricultores, ou outras unidades de exploração colectiva por trabalhadores (art.º 97.º, n.º 2). Em face deste preceito constitucional e da própria al. c) do n.º 3 do art.º 23.º da Lei Barreto poderá é perguntar-se onde está a coerência desta Lei ao permitir *agora* a «expropriação», em favor dos seus antigos proprietários, de terras que hoje se encontram na posse legítima de cooperativas de trabalhadores rurais ou de pequenos agricultores ou de unidades colectivas de produção. Nenhum preceito da Constituição, nenhum princípio de justiça social autoriza o absurdo de devolver aos ex-proprietários terras que se encontram legalmente expropriadas ou nacionalizadas e que, agora, por obra e graça da «Lei Barreto», deixariam de ser expropriadas ou passariam a fazer parte das enormes reservas permitidas, não só em benefício dos ex-proprietários, mas também em benefício de grandes arrendatários capitalistas! Será que pode esquecer-se tão facilmente que o art.º 83.º da Constituição proclama que «todas as nacionalizações efectuadas depois de 25 de Abril de 1974 são conquistas irreversíveis das classes trabalhadoras»? Será que alguém pode seriamente pretender que este preceito não abrange as terras expropriadas ou nacionalizadas ao abrigo das leis da reforma agrária anteriores à Constituição? Será que alguém pode iludir a contradição insanável em que cai o art.º 67 da «Lei Barreto» quando declara que «o disposto nesta lei sobre o direito de reserva é aplicável aos prédios nacionalizados no domínio do decreto lei n.º 407-A/75, de 30 de Julho sem prejuízo da irreversibilidade das nacionalizações» (isto é, as terras nacionalizadas da área de regadio podem ser desnacionalizadas para permitir a constituição das novas reservas oferecidas aos beneficiários da prodigalidade do MAP, mas «sem prejuízo da irreversibilidade das nacionalizações»...)? Estas nacionalizações de terras situadas na área de regadio são irreversíveis ou não? Em que ficamos, uma vez que não há solução intermédia? Perante o artigo 83.º da Constituição alguém pretenderá que as normas sobre constituição de reservas da «Lei Barreto» se poderão aplicar a tais terras? Alguém terá dúvidas sobre a inconstitucionalidade deste art.º 67.º ?

O art.º 97.º, n.º 2 da Constituição é bem expresso quando diz que «as propriedades expropriadas serão entregues, para exploração, a pequenos agricultores, a cooperativas de trabalhadores rurais ou de pequenos agricultores ou a outras unidades de exploração colectiva por trabalhadores». Nada autoriza, pois, a entrega aos agrários de terras hoje expropriadas, a título de reserva ou outro, sendo certo que a «Lei Barreto» visa essencialmente isto mesmo, não afastando, por outro lado, que empresários capitalistas, (grandes arrendatários capitalistas, por exemplo) fiquem na posse de terras expropriadas (art.º 37.º, n.º 2), do mesmo modo que se prevê a possibilidade de o Estado, cooperativas de produção agrícola ou unidades de exploração colectiva por trabalhadores (que devem ser os principais destinatários das terras expropriadas) possam associar-se com qualquer outra empresa agrícola, mesmo com uma sociedade anónima (art.º 73.º, n.º 3.7)!

Paralelamente, a lei Barreto viola ainda a Constituição ao destruir as unidades colectivas de produção, definidas no art.º 89.º da Constituição como «unidades de produção com posse útil e gestão dos colectivos de trabalhadores», para as transformar em «associações de trabalhadores agrícolas prestadores de actividade específica e exclusiva do respectivo estabelecimento agrícola que, por deliberação própria, aceita a colaboração do Estado na respectiva gestão» (art.º 73º, n.º 3.6). Em nome de que princípio se derroga assim o art.º 89.º, n.º 2 da Constituição e se impõem aos trabalhadores formas de co-gestão que estes não são obrigados a aceitar e cuja institucionalização contraria frontalmente o preceito do n.º 3 do art.º 90.º da Constituição?

Os próprios deputados que votaram na Assembleia da República esta lei inconstitucional ter-se-ão dado conta de que estariam a ir longe de mais no caminho do arbitrário e do desrespeito da Constituição. Mas não encontraram melhor maneira para minorar esta sua falta grave do que instituir uma comissão, a eleger pela AR, para «reapreciar do mérito, da conveniência ou da oportunidade dos actos administrativos que, segundo a presente lei compete ao MAP praticar no uso de poderes descricionários (...)». É claro que foi pior a emenda que o soneto. A apreciação do mérito, da conveniência ou da oportunidade dos actos administrativos é da competência própria do governo como «o órgão de condução da política geral do País e o órgão superior da administração pública». O art.º 72.º da «Lei Barreto» viola, pois, este preceito da Constituição e subverte o princípio constitucional da separação de poderes, esvaziando a competência inalienável do governo e atribuindo funções próprias do poder executivo a uma comissão saída da AR, que assim assumiria responsabilidades administrativas que só ao Governo podem caber.

O elenco dos artigos da Lei Barreto que violam imperativos constitucionais poderia alongar-se sem dificuldades. Mas mais importante do que isso é pôr em realce que a lei como um todo, nos favores de que rodeia os ex-proprietários, os futuros reservatários e os empresários capitalistas, na marginalização a que remete os trabalhadores rurais, os pequenos agricultores, as cooperativas de trabalhadores e de pequenos agricultores que trabalham a terra e as unidades colectivas de produção, no esvaziamento quase total do preceito constitucional que manda expropriar todos os latifúndios e grandes explorações capitalistas, na filosofia que a informa, propõe um modelo de organização económica e social que não tem nada a ver com as grandes linhas programáticas da Constituição da República e que vão frontalmente em sentido contrário ao que nesta se dispõe.

A Constituição aponta a realização da Reforma Agrária como uma das incumbências prioritárias do Estado no domínio económico (art. 81.º), o que bem se compreende, uma vez que o art. 1.º diz que «Portugal é uma República soberana (...) empenhada na sua transformação numa sociedade sem classes» e o art. 96.º proclama que «a Reforma Agrária é um dos instrumentos fundamentais para a constituição da sociedade socialista».

Em face destes preceitos e dado o apoio prioritário que nela se faz a *formas colectivas de exploração da terra* (art.º 100.º), é claro que a Constituição não se limita a pôr de pé as bases de uma reforma agrária meramente antilatifundista: a reforma agrária há-de contribuir para a «criação de novas relações de produção na agricultura» (art. 96.º), assentes na propriedade colectiva da terra e, preferencialmente, em formas colectivas de exploração da terra: «a realização dos objectivos da reforma agrária — diz o art. 100.º da Const. — implica a constituição por parte dos trabalhadores rurais e dos pequenos e médios agricultores, com o apoio do Estado, de cooperativas de produção, de compra, de venda, de transformação e de serviços e ainda de outras formas de exploração colectiva por trabalhadores.»

As novas relações de produção na agricultura só podem ser *relações de produção socialistas*», já que o «impulsionar o desenvolvimento de relações de produção socialistas» é uma das «incumbências prioritárias do Estado» (art. 81.º, al. *n*). Só o desenvolvimento de relações de produção socialistas é, aliás, compatível com a prossecução dos objectivos da reforma agrária, expressos no art. 96.º da Const. em termos que não se reduzem à mera transformação das estruturas fundiárias de modo a propiciar uma maior produtividade (segundo cânones capitalistas) e não admitem qualquer hipótese de confusão com as reforma agrárias de cariz burguês.

Pois bem. Contrariando abertamente estes princípios constitucionais, a «Lei Barreto» constitui uma ameaça frontal ao processo de reforma agrária, alterando as estruturas fundiárias com absoluto desprezo das formas de empresa a que a Constituição dá prevalência e em prejuízo do acesso à terra dos pequenos agricultores e distribuindo terras a empresários individuais ou a sociedades capitalistas com o objectivo fundamental de lançar a criação, na região a Sul do Tejo, de uma rede densa de empresas capitalistas que se desejam prósperas, na esperança vã de ver transformados os ex-latifundiários em dinâmicos empresários capitalistas...

Ainda quando se entenda, com Lopes Cardoso, que a «Lei Barreto» não visa a reconstituição do latifúndio, é irrecusável que o seu objectivo fundamental — e inconstitucional! — é o de «garantir a viabilização de empresas capitalistas em prejuízo das formas colectivas e cooperativas de exploração e das pequenas explorações agrícolas» (Lopes Cardoso, sessão n.º 131 da A. R.).

Com efeito, deduzidas as terras não expropriáveis, excluídas as benfeitorias e os meios de produção que escapam à expropriação, demarcadas todas as reservas, feitas todas as majorações, satisfeitos todos os contituiares não tratados unitariamente, garantidos aos reservatários os privilégios que lhes são concedidos no art. 35.º da Lei, ressalvados os direitos de todos os que, a qualquer título, que não o de propriedade perfeita, exploram uma parte dos prédios expropriados, muito pouco ficaria para dar cumprimento ao art. 97.º, n.º 2 da Constituição. A propriedade social da terra, que o art. 90.º da Const. diz que «tenderá a ser predominante», ficaria reduzida às franjas residuais de terras inferiores, onde nunca se fez o mínimo investimento, onde não existiriam infra-estruturas nem construções, nem maquinaria, nem alfaias, nem gado, nem obras de rega. As terras que viessem a ser entregues à propriedade social seriam uma espécie de «reservas de índios» destinadas talvez a «provar» que a socialização dos meios de produção não pode conduzir ao progresso económico e social.

Perante o sentido claro da Constituição da República, quem pode aceitar a vigência de uma tal lei? Termino como comecei: *não haverá democracia em Portugal se os preceitos da Constituição não forem escrupulosamente respeitados por todos os órgãos de soberania, a começar pela Assembleia da República.*

Agente da Judiciária vítima de carteiristas

. PORTO, 15 — Quando subiam a Avenida Fernão de Magalhães, em serviço de prevenção, e na altura em que os adeptos do futebol desciam a mesma avenida, vindos do Estádio das Antas, três agentes da Polícia Judiciária do Porto que não seguiam a par, aperceberam-se a dada altura que um carteirista se preparava para extrair a carteira do bolso de um deles. O agente visado reagiu e tentou agarrar o carteirista, mas este, com um esticão libertou-se. Os outros dois agentes que seguiam atrás acabaram por deter o indivíduo, já que este não contava com a sua presença ali.

Entretanto as pessoas que vinham do futebol ou elementos do «grupo» em que os carteiristas costumam actuar tentaram e conseguiram dar a fuga ao mesmo indivíduo. Enquanto um dos agentes lhe movia perseguição, os outros dois dirigiram-se por ruas próximas tentando também cortar o caminho ao fugitivo.

Nessa altura um grupo de indivíduos interceptou o agente que seguia no encalço do carteirista e tentaram manietá-lo ao mesmo tempo que se apoderavam da bolsa que trazia na mão. Ouviram-se então disparos de pistola e os dois agentes vieram em auxílio do seu colega que, entretanto, apresentava sinais de violência, pois encontrava-se a sangrar da boca. No hospital, os agentes tiveram conhecimento que também ali se encontrava um indivíduo ferido em resultado da mesma contenda, mas de momento a PJ está a proceder a diligências para ver até que ponto o indivíduo em questão possa estar ou não envolvido no assunto.

Mulher a dias alvo de despejo
— Dezassete polícias para "manter a ordem"

Uma mulher a dias, Maria Suzete Meneses Manecas, foi ontem de manhã alvo de uma acção de despejo. O tom da operação foi dado pelo grande aparato policial: nada menos que 17 agentes da PSP para «manter a ordem».

Maria Suzete, de 34 anos, vivia naquela casa (um rés-do-chão da Rua José Maria Rodrigues, a Alcântara) há cerca de quatro anos: dois como hóspede da anterior inquilina, e os últimos dois sózinha, ou melhor, com um octogenário que decidira ajudar, levando-o para casa. Aliás, por altura do despejo foi exibido ao representante da autoridade um atestado médico onde se revelava que o velhote estava doente, não devendo por isso sofrer as consequências de uma acção que o atingiria particularmente. Na circunstância, o funcionário do tribunal declarou que tomava a responsabilidade.

Vem a propósito referir que por ocasião da saída da inquilina anterior («ela deixou a casa porque comprou um andar») Maria Suzete pediu à senhoria, Maria Antunes das Neves, que a deixasse ficar. A renda era de 1500 escudos e «ao princípio, ela disse que tanto fazia ser eu como outra pessoa qualquer».

Por ordem do tribunal, ela foi posta na rua com os tarecos: «Podem levar o que quiserem, eu dou tudo, fico apenas com o meu enxoval»

. A verdade, porém, é que a senhoria sempre se recusou a receber a renda, obrigando a mulher a dias a depositá-la na Caixa Geral de Depósitos. Por conselho de um funcionário do sector da Habitação, a partir de certa altura Maria Suzete passou a depositar mais, considerando justo e razoável o «aumento da renda» para 1.870 escudos.

Quando ontem apareceram em sua casa os representantes do Tribunal com todo aquele policiamento, a mulher, em desespero, anunciou que ofereceria todos os seus haveres «levem tudo, fiquem com tudo». Na circunstância, os tarecos foram carregados para uma viatura e estarão algures, à responsabilidade de quem de direito. Pela sua parte, a vizinhança ficou «com as melhores coisinhas», na intenção de devolver à Maria Suzete logo que ela esteja melhor dos nervos e tenha onde as pôr.

Em todo o caso, a mulher a dias acha que nunca mais conseguirá ter uma casa, ao preço que as rendas estão e, sendo assim, «a única coisa que quero é o meu enxoval. O resto é vosso».

Semanário fascista suspende publicação

. O semanário fascista «A Rua» anuncia na sua edição de hoje que suspende a sua publicação, embora, «com a graça de Deus», espere voltar a sair — com a «graça de Deus» e de «quem nos protege», se este(s) último(s) «não nos desamparar».

Anunciando a suspensão, «A Rua» propõe a sua transformação em sociedade anónima, apelando para os leitores no sentido de uma elevação de capital para 6 mil contos.

O encerramento (temporário?) do semanário de Manuel Maria Múrias, conhecido pelas posições que tem tomado à direita do próprio CDS, vem demonstrar o fraco acolhimento dispensado pelo público àquele tipo de imprensa «do antigamente», fracasso que transparece da própria confissão de dificuldades financeiras feita na primeira página de hoje de «A Rua», onde se anuncia «dolorosamente» a suspensão.

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSE PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

. Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 5 de Agosto de 1977, lavrada de fls. 35v.° a fls. 39, do Livro A-105, para «escrituras diversas», deste Cartório, entre Isaura Batalha Lopes, Dionísio Borges Lopes e Dionísio Maria Lopes, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regulará pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes: 1.° A sociedade adopta a firma «Dionísio Lopes, Limitada», tem a sua sede no lugar da Póvoa da Galega, freguesia do Milharado, concelho de Mafra e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje. 2.° O seu objecto é a matança de gado, fabrico de enchidos e o comércio de carnes verdes e fumadas, podendo — com prévio acordo dos sócios — ser explorado qualquer outro ramo de comércio ou indústria permitido por lei. 3.° O capital social, integralmente realizado, é de 960.000$00, correspondendo à soma de — três quotas iguais de 320.000$00, uma de cada sócio, o qual é constituído pelos bens a seguir indicados: a) Prédio urbano composto de casa de rés-do-chão, para arrecadação, sito no indicado lugar da Póvoa da Galega; descrito, na competente Conservatória do Registo Predial, sob o número 51.045, a folhas 121 verso, do Livro B-137, encontrando-se registado, a favor dos sócios, pela inscrição número 39.862, a folhas 112, do Livro G 66 e inscrito, na respectiva matriz urbana, sob o artigo 1.255, com o rendimento colectável de 292$00, de que resulta o valor matricial de 5840$00, ao qual atribuem o valor de 156.593$00; b) A quantia de 26.287$20, em dinheiro; c) Uma camioneta pesada marca Bedford, com a matrícula 1A-50-82 no valor de 174.614$50; d) Uma furgoneta ligeira marca Mercedes, com a matrícula HF-29-66, no valor de 57.000$00; e) Móveis e utensílios não aderentes ao solo — a seguir indicados — no valor global de 511.905$30; uma cravadeira, no valor de 8.000$00; 2 batedeiras de banha, no valor de 43.000$00; 3 tachos de derreter banha, no valor de 60.000$00; uma máquina de encher chouriço, no valor de 8.000$00; 3 prensas de torresmos, no valor de 9.000$00; um caldeira a vapor, no valor de 35.000$00; uma peladora, no valor de 60.000$00; 2 filtros inox, no valor de 30.000$00; 3 carros inox, no valor de 30.000$00; 3 caros inox, no valor de 12.000$00; 15 facas, no valor de 3.084$00; 5 maxis, no valor de 1.000$00; uma lavadora Oertzen, no valor de 34.000$00; uma máquina hidráulica de picar carne, no valor de 80.000$00, 8 carros de transportar carne, no valor de 53.000$00; uma serra de cortar costeletas EFA 25, no valor de 15.000$00, uma câmara frigorífica, no valor de 37.821$30; mercadoria a seguir discriminada — no valor global de 33.600$00; cento e cinquenta quilogramas de chouriço de carne no valor de 12.000$00; 600 quilogramas de banha, no valor de 7.800$00; 80 quilogramas de chouriço mouro, no valor de 2.000$00; 160 quilogramas de chouriço de sangue, no valor de 3.200$00; 160 quilogramas de entremeadas, no valor de 7.200$00, 50 quilogramas de farinheiras, no valor de 1.400$00. § Único — Todos os bens, que constituem o capital social foram realizados pelos sócios na proporção das suas quotas. 4.° A gerência da sociedade — dispensada de caução com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral — será desempenhada pelos sócios Dionísio Borges Lopes e Dionísio Maria Lopes que, desde já, ficam nomeados gerentes, sendo necessária a intervenção, em conjunto, dos 2 sócios, para obrigar a sociedade, em juízo ou fora dele, nomeadamente, em actos e contratos. — § 1.° Em actos de mero expediente é suficiente a assinatura de qualquer dos sócios gerentes. § 2.° É vedado aos sócios gerentes o uso da firma social em actos e documentos estranhos à sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações e outros semelhantes, sob pena de ser individual e não social a responsabilidade assumida. § 3.° Os sócios gerentes poderão delegar noutro sócio ou em pessoa estranha à sociedade todos ou parte dos seus poderes, mediante o respectivo mandato. 5.° A cessão de quotas e a sua divisão é permitida entre os sócios, dependendo do consentimento expresso dos outros sócios a cessão a estranhos. § 1.° Gozam do direito de preferência os sócios não cedentes, em 1.° lugar, e em 2.° lugar a sociedade. § 2.° Os sócios que pretenderem alienar a sua quota, quando haja lugar ao exercício do direito de preferência, avisarão os outros sócios e a sociedade por meio de carta registada com a antecedência mínima de 10 dias, declarando o nome do adquirente e as condições da cessão, devendo a resposta ser dada dentro do mesmo prazo. § 3.° O valor da cessão em caso de exercício do direito de preferência será o valor que lhe for atribuído por balanço a dar na ocasião, acrescida de eventuais lucros não distribuídos. 6.° Verificando-se o falecimento ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade subsistirá com os seus herdeiros ou representantes legais, se estes pretenderem fazer parte dela, nomeando entre si, um que a todos represente enquanto a quota estiver indivisa. § Único — Na hipótese de os herdeiros ou representante legal do falecido ou interdito não quererem continuar na sociedade, apenas, terão direito a receber o que lhes pertencer, apurado por balanço a dar, nessa ocasião. 7.° As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de 10 dias, sempre que a lei não exija outras formalidades.

É certidão de teor parcial que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita e, certifico que, na parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ou além do que fiz transcrever — Mafra, 7 de Setembro de 1977.

O Ajudante
Maria Manuela Beirão Clímaco Delgado

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA (DIAMANG)

Comunicado aos Accionistas

A Imprensa divulgou a notícia da nacionalização, por decreto do Governo da República Popular de Angola, das acções pertencentes aos accionistas particulares. Tal medida atinge de forma discricionária os legítimos interesses de mais de um milhar de portugueses detentores de participações individuais que, embora modestas consideradas individualmente, representam no seu conjunto um valor muito significativo.

Um grupo de accionistas integrados na iniciativa da conferência realizada em Lisboa a 27 de Junho findo está congregando esforços no sentido de promover as diligências necessárias à salvaguarda dos interesses em causa, e promoverá em data a anunciar uma reunião em que se definam programas de actuação e se eleja uma comissão que tome a seu cargo a sua execução.

Os Accionistas
J. Marques Martinho
Vasco José Santos Loureiro

GALERIA TRIANGULO

Moveis, estofos e decorações, Lda.

Com nova gerência de Armando Fernandes e F. Varela.

Agora também com a mais vasta gama de electrodomésticos.

Preços antigos — Quantidades Limitadas.

— Faça-nos uma visita e terá uma surpresa

Av. Almirante Reis, 166-A — Lisboa — Tel. 571978

A PROPÓSITO DAS DECISÕES DO GOVERNO SOBRE REESTRUTURAÇÃO E APOIOS À IMPRENSA

DL Uma Imprensa com filhos e enteados

As medidas que o Governo, após uma muito demorada consideração do assunto, adoptou em relação à Imprensa, foram, de um modo geral, recebidas com grandes reticências ou abertamente contestadas. Tendo em conta as opiniões expressas após a divulgação das medidas pode-se concluir que os trabalhadores do sector e as pessoas que melhor conhecem os problemas de Imprensa não terão sido consultadas, ou que, no caso de terem sido ouvidas, as suas opiniões não vieram a ser consideradas quer no que se refere ao diagnóstico da situação, quer no que diz respeito a muitos aspectos das soluções adoptadas.

Esta opinião foi já expressa, com particular veemência, pelo jornalista Fernando Pires, profissional com larga experiência que exerce o cargo de chefe de Redacção no «Diário de Notícias»:

«Mas o que sabemos, o que temos como irrecusável direito de todos nós profissionais da Informação, era de sermos voz neste longo e penoso processo. De sermos voz — mas uma voz autorizada, experiente, caldeada na fornalha dos jornais, da redacção, das oficinas, da administração entendida, uma voz que soubesse ouvir e soubesse respeitar os interlocutores para exigir — escrevemos, aqui, sem rebuço, uma palavra que, por formação, renegamos — ser ouvida e ser respeitada. Não fomos essa voz — infelizmente. Não fomos essa voz — e por outras razões injustamente. Não assiste ao Governo o direito de ignorar quem quer que seja, mas, neste caso, o Governo assumiu uma competência que não tem e ignorou muitos dos nossos mais ilustres camaradas, nossos mestres e de Imprensa, uns já retirados, outros no exercício da profissão, cuja opinião e cujo conselho teria feito bem solicitar».

Nota-se, também, que além das soluções drásticas (supressão de publicações e de postos de trabalho), se insiste em prolongar situações empresariais precárias, se manifestou tendência para privilegiar certas empresas e certos jornais, se foi mesquinho nos apoios prometidos.

A situação do «Diário de Lisboa» reveste aspectos particulares. Encaramo-la com optimismo. Mas o nosso optimismo não é extensível à situação global criada à Imprensa, nem às soluções adoptadas para outras empresas e jornais, nem à previsão dos efeitos das medidas de apoio genérico ou restrito, tanto no quese refere à Imprensa «estatizada», como pelo que diz respeito à Imprensa dita «independente». A peculiaridade do nosso caso não é razão, todavia, para não comentarmos o conjunto de medidas anunciadas pelo Conselho de Ministros e para nos não debruçarmos sobre o problema da Imprensa. Alguma coisa importa esclarecer. Alguma coisa importa desmistificar.

Exagerou-se e generalizou-se intencionalmente a situação de crise da «Imprensa estatizada». Das sete empresas, quatro eram e são relativamente equilibradas e três apresentavam índices de um acentuado desequilíbrio económico-financeiro. E estas situações de equilíbrio e de desequilíbrio, deveriam ter sido encaradas tendo em conta a função específica de cada publicação. O Governo parece ter-se colocado exclusivamente numa óptica económico-financeira. Só assim se explicará a supressão, com a do jornal «O Século», de outras publicações da Sociedade Nacional de Tipografia (SNT), tais como «Mulher», «Século Ilustrado», «Vida Mundial» que preenchiam uma função específica de comunicação social. Mas essa mesma óptica económico-financeira levaria a considerar em situações equivalentes os jornais *O Século, Diário de Notícias, e A Capital*. Também estes últimos não poderão viver, nos mais próximos meses, sem o caudal reanimador dos avales ou de outra qualquer forma de financiamento.

Deu-se à opinião pública a falaciosa impressão de que o Estado deixaria de financiar órgãos de Comunicação Social e de suprir as dificuldades financeiras das empresas. No caso da Empresa Pública Notícias Capital (EPNC) não será assim. Os dois jornais «Diário de Notícias» e «A Capital» não poderão prescindir de avales ou de outra forma de financiamento e a declaração de «empresa em situação económica difícil», iniciativa que, nos termos do Decreto-Lei 353-A/77 (2.º pacote) compete ao Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos e que carece, obrigatoriamente, de ser acompanhada de uma justificação e de um plano das medidas consideradas necessárias à resolução da sua situação económico-financeira ou à gradual minimização da situação de crise.

Esta tarefa só poderá ser executada pela Administração (ou Conselho de Gerência) e exige um prazo razoável que não é referido na Resolução do Conselho de Ministros. Não nos surpreenderemos se a questão se arrastar por dois ou três meses. Entretanto o Governo ganhou tempo e continuou a financiar directa ou indirectamente o «Diário de Notícias» e «A Capital», enquanto, pela sua severa óptica económico-financeira, encerrou «O Século».

Torna-se impossível desligar os diferentes critérios de decisão de subjacentes ligações e afinidades políticas. Há, também, lugar para pôr em dúvida a possibilidade do Conselho de Gerência da EPNC, desfalcado e a empresa dividida na apreciação do problema como tem resultado de declarações públicas (confirma-se a afirmação de Francisco Lyon de Castro relativa ao Anuário Comercial e a nota publicada no «Diário de Notícias» sobre a origem dos prejuízos), poder efectuar esse estudo em tempo útil de modo a corresponder á proclamada intenção governamental de acabar com a política de avales.

No anunciado da Resolução do Conselho de Ministros é patente que certos jornais foram privilegiados e que se teve em conta outros particulares problemas empresariais (caso de intervenção no sector de distribuição, por exemplo). Patente, também, que se não teve em conta, em fase de austeridade» nacional, e austeridade interna das empresas. Todos sabemos que são consentidos salários altos, uma margem de horas extraordinárias, mais largas regalias sociais, criando uma capacidade competitiva a jornais privilegiados. Enquanto, o que é também reflexo de uma orientação política, a outros se criam, ou permitem que sejam criadas, as maiores limitações em relação ao pessoal da Redacção.

As resoluções e as comunicações ministeriais deixaram a opinião pública sequiosa por saber como têm sido substituídos os avales nos apertos financeiros de certas empresas. Segredos de Estado ou favoritismos à margem do rigor administrativo que é legítimo estranhar quando se anunciava o propósito de sanear um sector em crise e de prestar contas ao cidadão contribuinte. Se este prescindia do rigor do «minuto» e não acompanhava os raciocínios que vertiam para «habitações» ou «leitos de hospital» o custo social da «Imprensa», não contabilizando, em contrapartida, os resultados positivos da «informação» numa sociedade democrática, tão escassamente penetrada pela comunicação social escrita, o português — como cidadão contribuinte — diziamos, queria saber quem recebia com largueza, quem era submetido à regra da austeridade, quem era condenado ao silêncio ou ao desemprego. Este precedido de longos períodos de inactividade estipendiada o que é pesado para o Estado e desmoralizante para os trabalhadores.

A solução da situação de «A Capital» é, aliás, típica. Dizêmo-lo, como se compreenderá sem despeito. Dizê-

Continua na pág. 7

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

CONVOCATÓRIA

Camarada,

Convocamos-te para participares em um dos plenários, abaixo indicados, e que fique mais perto da tua residência, de Delegados Sindicais e Comissões de Trabalhadores:

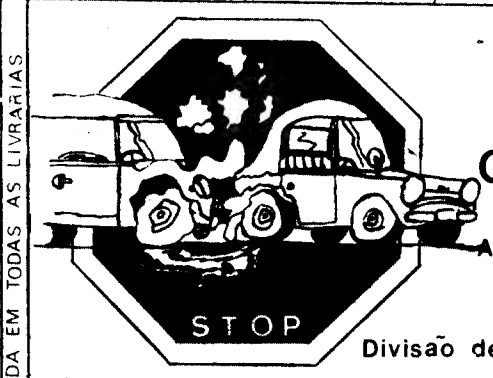
BARREIRO — Dia 17/9/77 às 15 horas — No Sindicato dos Ferroviários
ALMADA — Dia 17/9/77 às 15 horas — Na Incrível Almadense
SETÚBAL — Dia 17/9/77 às 15 horas — No Inatel — Praça da República

Estes plenários inserem-se na campanha do movimento sindical contra os despedimentos e leis antioperárias emanadas da Assembleia da República.

A TUA PRESENÇA É IMPORTANTE

UNIDOS VENCEREMOS!

A DIRECÇÃO

NOVAS regras de trânsito. multas, indicações várias, etc. 303 págs. ils.
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS


EVITE O ACIDENTE
COMPRE JÁ
O
GUIA DE TRÂNSITO
do
AGENTE, PEÃO E CONDUTOR
uma edição (1977)
Divisão de Trânsito da P.S.P. Lisboa
distribuidor exclusivo:
CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO
C/índice remissivo e geral

MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO, URBANISMO E CONSTRUÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA HABITAÇÃO E URBANISMO

FUNDO DO FOMENTO DA HABITAÇÃO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DAS EMPREITADAS N.º 16/77 DE «EXECUÇÃO DA REDE GERAL DE DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA À 1.ª SUBFASE E DE CONSTRUÇÃO DO RESERVATÓRIO ELEVADO r2 III NA ZONA ALTA, DO PLANO INTEGRADO DE SETÚBAL»

1 — Preço base

Empreitadas números	Descrição	Preço base	Caução provisória	Prazo de execução
16/A/77	Rede de água	3 942 777$00	98 569$40	240 dias
16/B/77	Depósito elevado	4 797 800$00	119 945$00	300 dias

2 — Alvarás exigidos

Empreitada 16/A/77 — 3.ª subcategoria da V Categoria para empreiteiros de obras públicas.

Empreitada 17/A/77 — 3.ª subcategoria da I Categoria para empreiteiros de obras públicas.

4.ª e 5.ª subcategorias da Categoria única para Industriais da Construção Civil.

Devendo os concorrentes indicar, os nomes e alvarás dos subempreiteiros com quem se propõem trabalhar para a execução dos trabalhos abrangidos na 9.ª e 10.ª subcategoria da Cat. I, e 11.ª e 12.ª subcategoria da Cat. única, respectivamente para empreiteiros de obras públicas e Industriais da Construção Civil.

Classe e subclasse correspondentes ao valor de cada proposta apresentada, ou da proposta conjunta.

3 — Data, hora limite e local para entrega das propostas: Até às 17 horas do dia 12 de Outubro de 1977, no Fundo de Fomento da Habitação / Secção de Expediente Técnico, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 5 - 4.º andar, Lisboa.

4 — Local, dia e hora do acto público do concurso: No mesmo edifício, 8.º andar, pelas 15 horas do dia 13 de Outubro de 1977.

5 — Local e horário para exame do processo: No mesmo edifício, 1.º andar, às horas normais de expediente.

Fundo de Fomento da Habitação em 7 de Setembro de 1977

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS DE OBRAS
Serafim de Oliveira
(Engenheiro)

COMISSÃO SINDICAL DA INDUSTRIA DOS TABACOS

PROPOSTA

CONSIDERANDO:

1 — Que o despacho normativo n.º 165/77 foi elaborado sem consulta e nem sequer informação aos trabalhadores da Indústria, uma vez que só através da Imprensa diária os órgãos representativos dos trabalhadores tiveram conhecimento do referido despacho.

2 — Que os trabalhadores da Indústria não concordam com a integração dos 31 empregados da SUT, uma vez que a Tabaqueira, EP, nada tem a ver com a SUT, e além disso é aberto o precedente para as outras empresas que a INTAR empresa Industrial de Tabacos, tinha ligações e para as outras que de igual modo pertenciam ao grupo financeiro que integrava a TABAQUEIRA SARL.

3 — Que esta integração constituirá uma ultrapassagem às normas de admissão em vigor. Com efeito há neste momento cerca de mil e quinhentas inscrições, estando as mesmas encerradas desde Novembro de 1975, devido ao excesso de inscrições.

4 — Que a aplicação do despacho vem contrariar as preocupações do Governo no que diz respeito ao subemprego especialmente nas empresas nacionalizadas.

5 — Que não é criando subemprego nas empresas que se vence a crise económica do País.

6 — Que em 11 de Agosto a Comissão Sindical solicitou aos Ministérios da Indústria e Tecnologia e dos Negócios Estrangeiros uma entrevista a fim de analisar e discutir o despacho normativo n.º 165/77 e que até à data não obteve resposta.

OS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE TABACOS REUNIDOS EM PLENÁRIO NO DIA 13 DE SETEMBRO RESOLVERAM:

1 — Exigir junto dos Ministérios da Indústria e dos Negócios Estrangeiros a revogação do despacho normativo 165/77.

2 — Realizar uma conferência de Imprensa de forma a informar a opinião pública do que se está a passar e dar a conhecer as posições dos trabalhadores.

3 — Caso os Ministérios por qualquer meio imponham a integração destas pessoas, a comissão sindical convoca de emergência um plenário que decidirá das atitudes a tomar.

4 — As resoluções deste plenário sejam já dado conhecimento através da Imprensa diária.

Em relação ao ponto dois informamos que a conferência de Imprensa se realiza no dia 20 pelas 10 horas no Sindicato dos Escritórios, Rua do Alecrim n.º 46-1.º.

Com os nossos respeitosos cumprimentos
PELA COMISSÃO SINDICAL

MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
SECRETÁRIO DE ESTADO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

Albarraque, 13 de Setembro de 19 / /

Excelência:

Os trabalhadores da Tabaqueira, EP, vêm por este meio exprimir o desacordo pelo Despacho Normativo n.º 165/77, que foi elaborado sem consulta, e nem sequer informação, aos trabalhadores da Indústria, uma vez que só através da Imprensa diária, os Orgãos representativos dos trabalhadores tiveram conhecimento do referido Despacho.

Os trabalhadores da Tabaqueira, EP não concordam com a integração dos 31 empregados da SUT, atendendo a que:

1 — Nos considerandos do Despacho pretende o MIT justificar a integração dos empregados da SUT, pelo facto da nacionalização da INTAR, pretendendo assim equiparar estes empregados aos funcionários públicos.
Este argumento não está certo, pois que a SUT não foi nacionalizada, conforme reconhece o Despacho quando diz: a Intar-Emp. Ind. de Tabacos, SARL, que era dominada pela Cotapo-Emp. Comerciais e Industriais, SARL, que dominava igualmente a Soc. Ultramarina de Tabacos, Lda. Mais ainda a Cotapo também não foi nacionalizada.
O precedente aberto permite a elaboração de novos Despachos do mesmo teor, premiando empregados da Sital, empresa na qual a Cotapo também tinha quota, e também empregados das empresas que de maneira análoga pertenciam ao grupo financeiro que integrava a Tabaqueira, SARL, como é o caso da Seta e da Sat.

2 — Este Despacho contempla apenas 31 empregados da SUT, alguns dos quais ainda se encontram a trabalhar, o que torna o Despacho discriminativo em relação às centenas de milhar de desalojados que se encontram sem trabalho, e aos milhares de desempregados que sempre viveram neste País.

3 — A fusão das duas antigas empresas «Intar e a Tabaqueira» e a consequente integração dos Serviços, ainda em curso, provocou um excedente de pessoal não técnico, que corresponde precisamente à grande maioria dos empregados da SUT, a integrar, o que sendo uma desvantagem para a dmissão na Tabaqueira, EP, permite o ingresso em outras empresas nacionalizadas de outros ramos de actividade. Aliás, conforme é indicado no ponto 8 da exposição dos empregados da SUT ao MIT, em 11/1/77.

4 — Infração das regras de admissão em vigor na Empresa, nas quais se estipula que:
— A admissão é feita respeitando a ordem de inscrição na lista de candidatos, cujo número atinge cerca de 1500, embora as inscrições se encontrem encerradas desde Novembro/75.
— Desta lista apenas são admitidos os candidatos que se encontram desempregados.
— A idade de admissão tem como limite superior os 45 anos, o que se explica pelo facto de a Empresa garantir um mínimo de 50 por cento do vencimento à data da reforma, independentemente do tempo de serviço prestado.

5 — O acesso aos vários níveis hierárquicos na Empresa, é feito por meio de concursos internos, o que permite aos trabalhadores que preencham os requisitos definidos no perfil do posto de trabalho, prosseguirem a sua carreira. Só quando não há concorrentes ou estes não satisfaçam nas provas prestadas se recorre à admissão do exterior. O ingresso dos trabalhadores da SUT, na sua maioria em níveis intermédios provocaria o cortar os acessos, aos trabalhadores da Empresa.

Pelos pontos acima indicados e descritos, os trabalhadores da Tabaqueira, EP não permitem a integração dos 31 empregados da SUT, e a fim de evitarem graves problemas na Indústria, esperam a revogação do Despacho Normativo n.º 165/77.

Com os n/ respeitosos cumprimentos,
Pela Comissão Sindical

A Comissão Sindical é constituída pelos Sindicatos:
Trabalhadores da Indústria de Tabacos
Trabalhadores de Escritório
Trabalhadores do Comércio
Porteiros e Contínuos
e Comissão de Trabalhadores

MARIA CELESTE E SEUS DEZ FILHOS

Fugir à fome sem entrar na "Mitra"

TEXTO: Manuel Geraldo **FOTOS: Rui Pacheco**

«Pobres de pobres são pobrezinhos/ Aves sem lar aves semninho», escrevia o peta (romântica, sentimentalmente). Talvez. E nem por isso muitos pobres deixaram se ser pobrezinhos, dirão. Logo a pena do poeta teria trabalhado em vão. O livro do poeta papel lançado a esmo. A ideia do poeta mensagem sem alcance, perdida na voragem do tempo. E sem ninho, sem lar, sem pão, numa barraca ou entre escombros de prédios em demolição, filhos de camponeses, de pescadores, de operários, de emigrantes (França, Suíça, Alemanha), de imigrantes (escrevo sem forçar cabo-verdianos), continuam a vegetar neste País que foi de Abril.

Assim (embora em parte assim seja) também a reportagem sobre o caso de Maria Celeste e seus dez filhos menores se tornaria desnecessária. E o repórter recolheria a caneta ao bolso. Lançaria o bloco de notas à força do vento Norte. E, desta realidade, apenas saberiam as pessoas que passam diariamente apressadas junto àquela barraca de tábuas pòdres e retorcidas, sob o viaduto Duarte Pacheco, na Damaia.

E seria apenas mais um drama entre milhares o de Maria Celeste e seus dez filhos que, para comer, apenas têm uma panela de sopa de água e lentilhas e de feijão, se nesse dia, a jovem mãe lavar umas escadas, ou estender a mão à esmola do anónimo comovido.

E a tragédia de Maria Celeste, a quem o marido (suponha-se) morreu, foi preso, desertou, procurou outra mulher, foi abatido por um qualquer esquadrão da morte, enlouqueceu, (sei lá) seria apenas o romance barato de cordel que já ninguém compra porque «Gabriela e Ilhéus» fecham as bolsas e trazem os corações monopolizados. E Nacib, «Chico Chicão», Pretinha e Glorinha são tudo gente que nem um centavo custam, ali na televisão do café da esquina, no vizinho do lado, da tenda de farturas ou de matraquilhos. E são personagens que falam a quem não sabe ler.

Mas aqui o repórter teima. Passa pela barraca de Maria Celeste e toma notas mesmo. Escreve mesmo. E alguns milhares hão-de conhecer o drama de Maria Celeste e dos seus dez filhos famintos (o 11.º foi em Janeiro trucidado por um comboio na passagem de nível da Damaia. Era uma menina e tinha apenas dois anos).

E os outros olham para a objectiva fotográfica e um deles (doze anos se tanto) diz: «Eu sei porque querem tirar o retrato à gente. Porque somos pobres, que é para os da Mitra virem cá e levarem-nos. Mas a minha mãe já disse à gente que antes a fome que a Mitra. Antes o céu azul da liberdade do que as grades de uma cadeia disfarçada».

Uma panela de sopa para dez crianças que só ferve de quando em quando...

Mas o repórter não pensa na Mitra (leia-se orfanato, casa de correcção). Até odeia a Mitra. Porque a Mitra lhe faz lembrar a «caridadezinha» hipócrita e soeza dos tempos de Salazar e Caetano. A Mitra que teima em funcionar com polícias em vez de educadores. Com demagogia em lugar de socialismo. Átrio fechado. Tumba adiada. De morte que não de vida. Justificação para «festinhas-bem» e «chás-canasta». Alfobre de futuros marginais a serem aproveitados pelas forças retrógradas. Vejam-se os «Corrécios», os legionários e muitos pides de triste memória, guarda-costas de que certo «forcadismo» ainda é exemplo.

Porque o que faz escrever o repórter, o que o faz contar a história de Maria Celeste e dos seus dez filhos que agora vegetam numa barraca às portas da Damaia é a necessidade, a urgência em destruir a razão que deu força ao poema, para que surja o dia em que vate algum possa escrever que em Portugal milhares de crianças são «aves sem lar aves sem ninho»

Quem vela pelos primeiros passos desta criança?...

Curso de tecnologia da Catalogação

No próximo dia 26 de Setembro, a Teor promove um curso de «Tecnologia da Catalogação» com o objectivo de formar ou aperfeiçoar catalogadores ou auxiliares de catalogação de serviços de documentação ou bibliotecas, em instituições oficiais ou do sector privado.

O curso terá a duração de 14 horas com um horário das 16 e 30 às 18 e 30, e custará 1.800$00. Os interessados podem contactar para a Av. Casal Ribeiro, 18 - 2.º, em Lisboa. As incrições, em número limitado, só são aceites até três dias úteis antes do início do curso.

ESCOLA NOCTURNA DE MOSCAVIDE

Uma vitória da cultura popular

Encontram-se abertas as inscrições na Escola Nocturna de Moscavide para professores do Ciclo Preparatório, Curso Geral dos Liceus, Curso Complementar, assim como para todos os trabalhadores-estudantes.

Formada após o 25 de Abril de 1974, no intuito de desenvolver a cultura e o ensino da população mais desfavorecida daquela freguesia, a Escola Nocturna de Moscavide, que fica situada na Avenida de Moscavide, 65, 2.º, é uma comunidade onde a acção conjunta de alunos e professores, tem por objectivo proporcionar um mais amplo desenvolvimento da sociedade portuguesa e do processo de transformação social definido pela Constituição que nos rege.

Essa acção conjunta de alunos e professores deu no final do ano lectivo transacto (tal como já havia acontecido nos dois anteriores), resultados altamente positivos. Assim os trabalhadores-estudantes da Escola Nocturna de Moscavide obtiveram resultados dos mais brilhantes nos estabelecimentos de ensino onde prestam exames (Liceu D. Dinis e Escola Preparatória Gaspar Correia). Só com a colaboração sempre pronta e desinteressada dos professores das escolas primárias oficiais (cedências das instalações) e da comissão administrativa da Junta de Freguesia local estes resultados se tornaram, porém, possíveis.

ANTÓNIO BARRETO EM TRÁS-OS-MONTES

O ministro encontrou no caminho cartazes contra a sua política

O ministro António Barreto continua a cumprir o seu programa de visita às terras de Trás-os-Montes e Alto Douro. Encontros com directores disto e daquilo, discursos, propostas têm sido a constante da digressão do ministro pelos lugares onde se deslocou. Acontecem, porém, os imprevistos. António Barreto talvez não esperasse encontrar em certas localidades, como por exemplo em Chaves, dísticos e cartazes contra «sua» lei da Reforma Agrária e contra a lei do Arrendamento Rural, elaborada pelo PS, PSD, CDS.

Em Chaves o ministro António Barreto depois de se ter avistado com os técnicos das delegações do IRA visitou as obras de regadio da Veiga de Chaves. Esteve ainda em Boticas, na Cooperativa de Produtores de batata de semente. Aqui o titular da pasta da Agricultura sublinhou que o seu Ministério tinha a intenção de fomentar a produção da batata de semente e para isso já estava a elaborar um programa a pôr em prática a partir de 1978.

Aprofundando o conteúdo das suas palavras António Barreto referiu que o programa nacional para a batata de semente tem por objectivo diminuir a dependência de Portugal em relação ao estrangeiro na importação anual daquele produto, acrescentando ainda que o mesmo programa tem como fim assegurar aos produtores um preço mais remunerador.

Na parte da tarde, do dia de ontem, o ministro visitou a Cooperativa de Produção de Batata, e a barragem de Montalegre. Percorreu a zona da Saveira, salientando a urgência da obtenção de prados permanentes e novas áreas para o desenvolvimento pecuário.

O ministro que ontem pernoitou em Chaves desloca-se hoje a Vila Real onde depois de se reunir com o governador civil visitará a Quinta do Prado nos arredores da cidade.

Na parte da tarde António Barreto vai empossar no cargo para que foi designado o eng.º Teles Grilo que durante algum tempo acumulará as funções de director regional agrário e as de presidente da Comissão Instaladora do complexo do Cachão.

ENQUANTO JUDICIÁRIA PROCURA BOMBISTAS

Embrulho com ratazana lança alarme no Porto

Enquanto a Polícia Judiciária, através da sua Brigada de Investigação de Actos de Violência Concertada, continua a desenvolver esforços para localizar os implicados nos atentados do passado dia 8 contra a Reforma Agrária, secções de minas e armadilhas da PSP foram, ontem à noite, mobilizadas para acorrerem a alarmes sobre a hipotética colocação de bombas nas instalações do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Distrito de Setúbal e em agências no Porto dos Bancos Borges e Irmão e Espírito Santo.

No primeiro dos casos foi a própria polícia que foi avisada, por meio de um telefonema anónimo, de que uma bomba iria rebentar pelas 23 e 52. «Faltavam apenas dez minutos para a hora marcada» — disse-nos esta manhã o comissário da PSP local — «por isso como não havia tempo a perder telefonámos imediatamente para o Sindicato alertando-os para que abandonassem sem demora o edifício, o que viria a acontecer. Mais tarde, elementos da nossa Secção de Minas e Armadilhas passaria uma vistoria total ao prédio de sete andares, sem que nada tivessem detectado».

Na altura em que foi dado o alarme encontravam-se apenas naquele Sindicato, situado na Rua Silva Porto, dois funcionários, que antes da chegada da Polícia se ocuparam em avisar os restantes inquilinos do prédio para que fugissem para a rua.

No Porto, os falsos alarmes foram igualmente transmitidos para o Comando da PSP, indicando as 15 horas como o momento aprazado para os rebentamentos. Também ali foram tomadas as normais medidas de precaução, sem que nada de concreto tivesse sido encontrado, para além de um embrulho contendo uma ratazana, sob um balcão das instalações da secção do Banco Espírito Santo, no cruzamento das ruas de Cedofeita e Alvares Cabral.

Entretanto, de entre as várias manifestações de protesto contra os atentados bombistas que têm chegado nas últimas horas à nossa Redacção destaca-se a posição emitida pelo Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura, Pecuária e Silvicultura do Distrito de Lisboa que considera estas acções como «uma provocação da direita reaccionária com o objectivo de incriminar os trabalhadores» e repudia energicamente a vaga bombista que, refere, «mais não visa do que a desestabilização da situação».

Conferências sobre Cooperativismo em Mirandela e Viseu

. Por iniciativa do conselho directivo do Instituto António Sergio do sector cooperativo (INSCOOP) vão realizar-se amanhã e depois, duas conferências regionais de cooperativismo, respectivamente em Mirandela e Viseu.

Em Viseu estará presente o ministro de Estado prof. Henrique de Barros, que presidirá na sua qualidade de responsável pelo Instituto António Sergio, aos trabalhos da conferência, a realizar no pavilhão da VIAGRI-77.

A conferência de Mirandela realiza-se nos serviços técnicos do MAP naquela vila. As cooperativas existentes nas duas regiões em número de várias centenas foram convidadas a fazer-se representar.

Entre os assuntos a abordar sem prejuízo daqueles que os representantes das cooperativas queiram apresentar, serão discutidas sugestões sobre medidas a adoptar para expansão do sector cooperativo circulação e distribuição de produtis, interligação dos diferentes tipos de cooperativas e funcionamento do INSCOOP.

IMPRENSA

Filhos e enteados

Continuação da pág. 5

mo-lo realmente. E tomámos conhecimento da vitoria do dr. Francisco Sousa Tavares contra o dr. Roque Lino (e, indirectamente, contra o dr. Raul Rego) sem outra reacção que o sorriso a que a decisão adoptada dá naturalmente motivo. A decisão, neste caso, comprova que a óptica económico-financeira governamental tinha dois padrões de medida. O critério drástico foi aplicado à SNT e determinou a liquidação de «O Século», pondo fim a uma velha presença na Imprensa portuguesa e esquecendo outros valores e solenes promessas.

Anote-se ainda, quanto a «O Século» e outras publicações da ex-SNT, que o problema não foi encarado no quadro da EPSP (Empresa Pública «Século»-«Popular») Este é outro aspecto quedeverá ser sublinhado quanto à aplicação de distintos critérios consoante os casos analisados. E para suprir as angústias financeiras da SNT, durante arrastados meses, contou-se apenas com a boa vontade e expedientes administrativos da Secretaria de Estado da Comunicação Social. Boa vontade de louvar expedientes administrativos que só certa Imprensa censurou, mas que nenhum são critério de gestão pode justificar, nem se enquadram em qualquer critério de política de informação.

Muito do quese escreve, muito do que se diz, radica nesta questão básica: o Estado recebeu uma «pesada herança». Herança de um grande valor industrial e operacional (em termos de comunicação social escrita). Não soube prevalecer-se de um importante parque gráfico, não soube utilizar, dando-lhes função nacional, regional ou sectorial, órgãos úteis de comunicação social. Não considerou a responsabilidade que o remoinho das nacionalizações criara à Administração central e às instâncias políticas e educacionais num País no qual 34,3 por cento dos portugueses têm apenas um *contacto mensal* com um jornal diário. Em Lisboa, na Grande Lisboa, a percentagem sobe a 44,5 por cento. Que pensar? Que os Governos não têm desta carência a imprescindível consciência e que nunca pensaram numa política democrática de informação.

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO CENTRO

MOÇÃO

Os problemas ligados aos despedimentos e situação de repressão nas empresas «Santix» e «Mondorel» bem como outros traz preocupados os trabalhadores em geral e muito particularmente o Sindicato Têxtil, Lanifícios e Vestuário do Centro, que têm diligênciado no sentido da sua resolução.

Assim e naturalmente, tendo conhecimento através dos órgãos de Informação que o ministro Gonelha se encontrava em Coimbra, no dia 6 do corrente, dirigentes do Sindicato estavam e conseguiram avistar-se com aquele membro do Governo, apesar de esperarem que o sr. ministro «austeramente» lanchasse com «whisky» e tudo.

Era de esperar que o ministro ouvisse calmamente a exposição dos dirigentes sindicais e tivesse uma explicação sobre os motivos porque o Ministério do Trabalho não dá cumprimento ao que deliberou.

Surpreendentemente resolveu o sr. ministro responder desabridamente, permitindo-se usar palavras ofensivas para os dirigentes sindicais Kalidás Barreto e Manuel Lopes (aliás ausente) e perguntando em tom irónico «se os trabalhadores queriam que matasse o Eládio».

Perante a serenidade das respostas e da atitude dos dirigentes sindicais do «STTLVC, o ministro Gonelha reflectiu e afirmou «que falava alto, mas que cão que ladrava não mordia».

Nada temos a ver com as autoclassificações do sr. ministro nem nos importa saber se não se sente bem na escala zoológica em que o julgávamos, mas entendemos que os problemas dos trabalhadores não se resolvem desta forma desabrida e desinteressada.

Por isso os delegados sindicais do Sindicato Têxteis Lanifícios e Vestuário do Centro, reunidos em Assembleia Geral em Coimbra, no dia 7/9/77, deliberaram:

1.º) Repudiar a atitude tomada pelo ministro Maldonado Gonelha.
2.º) Exigir que o Governo resolva urgentemente os problemas criados na Santix e Mondorel, da única responsabilidade da incúria do Ministério do Trabalho e Ministério da Indústria e Tecnologia.
3.º) Apoiar os dirigentes sindicais em todas as acções tendentes à resolução destes problemas.

APROVADO POR UNANIMIDADE

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa

BOLSAS DE ESTUDO

De acordo com a proposta aprovada na A.G. de 31 3-77 estão abertas as inscrições durante o mês de Setembro. Os boletins de inscrição e respectivo regulamento encontram-se na Secção de Delegados Sindicais e devem ser enviados pelo correio ou entregues directamente depois de preenchidos.

A DIRECÇÃO

NOVO SERVIÇO

Você e o seu carro no mesmo comboio

Diariamente Lisboa - Porto - Lisboa

Consulte as secções de informação
Telef. Lisboa 326226 Porto 311616 555699

Caminhos de Ferro Portugueses

Guerra de desgaste no Ogaden

Jean-Claude Pomonti
(Le Monde)

— Todas as planícies estão libertas e os combates só continuam com toda a força no interior. Era assim que a Frente de Libertação da Somália Ocidental (FLSO) resumia, no dia 4 de Stembro, a situação no Ogadan.

O significado destas mudanças é considerável. Desde meados de Agosto que a ofensiva-relâmpago das forças de libertação somalis parece ter dado lugar a uma guerra de **desgaste nas terras altas.** A aparente estabilização das frentes militares tem a sua contrapartida: a procura de armas e de apoios diplomáticos em ambos os campos.

UMA «CAUSA ÁRABE»

A retensão e a natureza dos combates na franja ocidental do Ogaden continuam a ser pouco conhecidas. A FLSO anunciou no dia 4 que três mil soldados etíopes haviam sido mortos a semana passada no sector de Vijiga, e que os seus adversários tinham sido obrigados a retirar-se para uns quinze quilómetros a oeste desse aglomerado, nos montes Kara-Marda, onde os combates prosseguiam. Ainda segundo a FLSO, a aviação etíope teria perdido sete caças F-5A e F-5E. Mais a oeste, perto da localidade de Afden, a meio caminho entre Dire-Daona e Miseso, teriam sido mortos uns mil etíopes.

Estas informações parecem confirmar que, no norte de Harrarghe onde houve as mais fortes concentrações de tropas, a frente formaria uma espécie de sinusóide que iria do sector de Miseso, a oeste, ao de Jijiga, a leste, passando pelas regiões de Dire-Daona e de Harrar. Os somalis não confirmaram a imposição de um **black-out** nocturno sobre Hargheisa, do seu lado da fronteira, devido a dois raids aéreos realizados a semana passada sobre essa cidade pelos etíopes, que, durante eles, teriam perdido três caças-bombardeiros.

Também prosseguem os combates a oeste de Ogaden, nas proximidades de Goba, capital da província de Bâle, e da localidade bastante próxima, de Ginir. A FLSO referiu dois exitos: trezentos e cinquenta etíopes teriam sido mortos no sector de Goba e outros cinquenta e nove no de Ginir. Os combates prosseguem.

Essa região constitui um abcesso de fixação, como a de Dolo, a sul do Ogaden, onde o anúncio do fim dos combates, por Rádio Ais-Abeba, foi desmentido no dia 4 pelo FLSO, que afirma ter «libertado» esse aglomerado populacional, situado perto da fronteira do Quénia.

A aparente estabilização das «frentes» militares desde há quase três semanas explica decerto, em parte, o silêncio até agora observado por Mogadiscio sobre os resultados da viagem do presidente Siad Barre a Moscovo. O comité central do Partido Socialista Revolucionário Somali (PSRP) passou vinte e quatro horas na sua sede, após o regresso do Cairo do presidente somali, que aí se encontrara com o seu homólogo egípcio.

Depois dessa sessão não houve declarações. Só se sabe que a Somália submeteu, durante o fim-de-semana, à conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Liga Árabe reunida no Cairo, um memorando em que lhe era pedido que considerasse como uma «causa árabe» a luta pela libertação do Ogaden, que «reconhecesse» e desse um «apoio tanto material como moral» a esses movimentos de libertação, e defendesse os seus pontos de vista no seio das organizações internacionais (oficialmente, a FLSO bate-se na província de Harrar, enquanto que a luta é conduzida nas de Sidamo e de Bale por uma segunda organização, a Frente de Libertação dos Somalis-Abo).

O memorando somali chamava igualmente a atenção de todos os Estados estrangeiros para que não interviessem no conflito e, no caso de o fazerem, pedi a sua condenação pela Liga, o que é interpretado como uma referência ao auxílio militar fornecido por Moscovo a Adis-Abeba.

OS PERITOS SOVIÉTICOS E M«FÉRIAS FORÇADAS»

Outro indício de uma degradação crescente das relações entre Moscovo e Mogadiscio: pela primeira vez desde a partida, a 28 de Agosto, do presidente Barre para Moscovo, a televisão soviética lembrou no sábado a **posição da urss a favor de uma solução pacífica e política do conflito**, segundo os termos de uma declaração da agência Tass, difundida a 14 de Agosto. Por outras palavras, os soviéticos continuam a achar — disse-o o comentarista da televisão — que no Ogaden se batem unidades regulares dos dois exércitos, ao passo que os somalis negam o seu envolvimento directo no conflito, para lá das próprias fronteiras.

Fontes independentes também indicam em Mogadiscio que, se os conselheiros e peritos soviéticos junto do exército somali, continuam presentes, o certo é que estão em «férias forçadas». Os três barcos soviéticos que em Agosto foram avistados ao largo da capital somali, teriam desembarcado provisões devido a contratos feitos antes dos combates de Julho. Depois as entregas soviéticas teriam parado. Por fim, os somalis teriam recordado aos seus aliados soviéticos que o tratado de amizade e de cooperação feito entre os dois países a 2 de Novembro de 1974, convida as duas partes a não se ligarem a alianças **militares ou grupos de Estados, e a não tomar parte em acções dirigidas contra a parte contrária.** (Artigo 10)

UMA ESCOLHA TRÁGICA

Os somalis tentaram, até agora sem grande êxito, encontrar outros fornecedores de armas e de munições. A expectativa manifestada neste domínio pelas potências ocidentais, assim como as reticências de certos países árabes em face dos elos mantidos por Mogadiscio com Moscovo, fariam pensar que os somalis se encontram perante uma escolha trágica: a de mudar de campo ou retirar o seu apoio à luta armada pela FLSO em Ogaden. Para eles, a equação resume-se assim: escolher entre o Ogaden e a aliança com Moscovo. O que parece fora de causa é Mogadiscio aceitar uma **pax soviética** que levasse os movimentos de libertação do Ogaden a cessar toda a actividade.

NÃO A UM PRESIDENTE INTERINO

Nicarágua é "propriedade" de um Somoza cardíaco...

A Câmara dos Deputados da Nicarágua pronunciou-se recentemente contra a designação de um chefe de Estado interino para assegurar a substituição temporária de Anastásio Samoza, actualmente em convalescença em Miami, devido a uma crise cardíaca. A maioria rejeitou a proposta do deputado da oposição Julio Molina, que era a de substituir Somoza por um dos três suplentes previstos: os presidentes da Câmara e do Senado, e o general na reserva Roberto Martinez.

Por outro lado, devido à convalescença de Somoza, a visita que o rei Juan Carlos devia fazer em Setembro à Nicarágua, no âmbito de uma «tournée» pelos países da América Central, foi adiada «sine die», a pedido do Governo nicaraguaiano.

Poucas horas após a publicação do relatório de Amnesty International sobre os atentados aos direitos do homem na Nicarágua, o general Rogério Bermudez, porta-voz do Governo de Manágua, desmentia as **alegações** dessa organização humanitária, ao que parece antes mesmo delas ter tomado conhecimento. Qualificava como um **tecido de mentiras**, as prisões arbitrárias, as torturas, os raptos, os desaparecimentos, as execuções em massa a que o relatório se refere, e até os **campos de concentração** que o texto não menciona...

A pretexto de combater os guerrilheiros da Frente Sandinista de libertação (1), que têm operado com maior ou menor êxito nos últimos vinte anos e que se entrincheiraram nas montanhas do nordeste, na fronteira com as Honduras, a Guarda Nacional, única força armada do país, maltrata os camponeses dessa região isolada. Mais de trezentos, cujos nomes são citados pela Amnesty, foram presos entre Maio de 1975 e Janeiro de 1977, e desapareceram sem deixar rastos. Famílias inteiras foram executadas. Em Varilla, no departamento de Matagalpa aconteceu isso a quarenta e quatro pessoas das quais vinte e nove eram crianças.

Um grupo de religiosos capuchinhos, na sua maioria americanos, há muito responsáveis pela evangelização do nordeste, é que alertou a opinião internacional para tais massacres. A Guarda Nacional, para **asfixiar** a guerrilha, ataca principalmente os professores primários e os leigos com funções religiosas que levam a palavra ao povo, indo ao ponto de transformar os lugares de culto em câmaras de tortura. Os capuchinhos denunciaram essas atrocidades, arrastando consigo alguns bispos até então reticentes.

UMA GUARDA PRETORIANA

A declaração da conferência episcopal nicaraguaiana publicada em Janeiro chamou a atenção do presidente Carter. O Governo americano está preocupado, tanto mais quanto Washington tem uma responsabilidade muito especial na evolução política da Nicarágua. Com efeito, foi o exército dos Estados Unidos que, em 1927, criou a Guarda Nacional, e esses pretorianos ainda estão mais estreitamente ligados aos militares americanos do que noutros países da América Latina. Dois terços dos sete mil guardas nacionais passaram pelas suas escolas.

A Guarda Nacional é extremamente dedicada à família Somoza. O seu comandante em 1935 Anastásio I, o homem que assegurava a ligação com os americanos, apoiou-se nela para fundar um regime dinástico, único na região. Quando morreu, em 1956, sucedeu-lhe Luís, o filho mais velho, depois, em 1967, o mais novo, Anastásio II, formando em West Point, e que continua a comandar a Guarda. O seu meio-irmão assiste-o nestas funções, enquanto o filho, Anastásio III, já major, se prepara para lhe suceder.

O talento político dos Somoza talento esse que tem que se lhes reconhecer, só é comparável à sua vocação para os negócios. A Nicarágua é propriedade sua. Enquanto que Anastásio I, que em 1935 só possuía uma plantação de café, se contentou acumulando **haciendas**, o segundo grande conhecedor dos modernos métodos de gestão, desenvolveu os seus investimentos em todos os domínios. Os bens da família, avaliados em mais de 300 milhões de dólares, ultrapassam o orçamento anual do país e passam para além das fronteiras da Nicarágua.

UM «LOBBY» PODEROSO

O dinheiro dos Somoza poderá entravar a campanha moralizadora de Carter? O departamento de Estado resolveu esperar algum tempo antes de desbloquear os créditos militares (3.300.000 dólares) que Washington destinava, em 1977, a Manágua. Mas, no mês de Junho, uma subcomissão da Câmara dos Representantes decidiu suspender pura e simplesmente todo o auxílio militar à Nicarágua. O presidente Somoza reagiu imediatamente, pedindo auxílio aos amigos que tem nos meios dos negócios, no Pentágono, no ongresso e até, ao que parece, no departamento de Estado.

Na véspera do debate sobre o problema, a 23 de Junho, na Câmara dos Representantes — que voltou atrás sobre a decisão que a subcomissão tomara — o subsecretário de Estado dos assuntos interamericanos, Terence Todman, dirigira uma carta a alguns parlamentares recomendando o restabelecimento do auxílio à Nicarágua. A sua intervenção pesou decerto na votação. O Senado deverá pronunciar-se em Setembro, quando o Parlamento reabriu. Laurence Birns, director do conselho dos assuntos interamericanos, instituição universitária com sede em Washington, pediu aos membros do Congresso que procedessem a um inquérito sobre as actividades do «Lobby nicaraguiano». Um novo escândalo após as «luvas» sul-coreanas?

(1) Augusto Sandino foi um herói nacional que organizou, em 1927, a resistência contra a ocupação dos «marines» e foi assassinado por ordem de Anastásio Somoza I.

(Le Monde)

DIZ GALVÃO DE FIGUEIREDO

"Bombas não têm lugar numa democracia"

. A explosão, na madrugada do passado domingo, de um engenho explosivo na futura residência do Ministro da República para os Açores, em Angra do Heroísmo, foi classificada pelo general Galvão de Figueiredo, em declarações prestadas à Anop, como um acto de «forças minoritárias», as quais «não têm lugar numa democracia».

O Ministro da República para os Açores disse, também esperar que em breve a Polícia Judiciária identifique os criminosos e os entregue à Justiça visto que «numa democracia não há lugar para bombas».

A explosão da potente carga, que foi reivindicada por uma força desconhecida até agora noa Açores, o «Exército Revolucionário Açoriano» (ERA), provocou sérios danos no edifício oitocentista para onde o general Galvão de Figueiredo pensa transferir a sua residência oficial, no decorrer do próximo mês de Outubro.

Este edifício, situado na Quinta da Oliveira, em Angra do Heroismo, foi recentemente adquirido pelo Estado por 14 milhões e oitocentos mil escudos.

Entretanto, o general Galvão de Figueiredo, que no próximo domingo regressa a Ponta Delgada, tratou já em Lisboa, com o ministro da Defesa, tenente-coronel Firmino Miguel, do andamento da transferência dos serviços periféricos para aquela região autónoma.

Segundo declarou à Anop o Ministro da República, na próxima semana efectua-se, em Lisboa, mais uma reunião da Comissão Mista, destinada a tratar da transferência para os Açores, dos Serviços dependentes do Ministério da Educação e Investigação Científica.

Ogeneral Galvão de Figueiredo, que — hoje participa na reunião do Conselho de Ministros, será ainda recebido pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes, e pelo Primeiro-Ministro, Mário Soares, a quem fará o ponto da situação no Arquipélago dos Açores.

CONSELHO DE GERÊNCIA GARANTE

Petrogral quase equilibrada

. «Neste momento tudo indica que venha a verificar-se uma situação equilibrada na exploração da Petrogal, referente ao exercício de 1977», declarou à agência oficial um membro do Conselho de Gerência da Petrogal, a propósito da afirmação de um semanário segundo a qual a referida empresa pública «parece apresentar falência técnica».

Depois de frisar que aquela afirmação «não tem fundamento», o referido dirigente disse que «tudo indica que o exercício financeiro da empresa em 1977 seja positivo», pois, se de Abril a Dezembro de 1976 foi negativo em mais de 592 milhões de escudos — segundo o relatório de Gerência — «a partir de 21 de Janeiro deste ano, com o último aumento dos preços dos combustíveis, a situação financeira da Petrogal modificou-se, porque foram revistas com a Direcção-Geral dos Combustíveis as margens de lucro dos produtos derivados do petróleo».

Acentuou, no entanto, que o facto de não se afirmar desde já que será positivo o saldo do exercício de 77 da Petrogal se deve à circunstância de tal depender «da evolução do escudo, já que aqueles produtos são importados».

Referindo-se a outra afirmação do mesmo semanário, aquele dirigente declarou que «também não é verdade dizer-se que a Petrogal 'complica todo o abastecimento e comércio de petróleo e outros combustíveis líquidos' pois ao contrário do que se afirma se tem apercebido a sua clientela e o público em geral».

ENTRE 5 E 12 DO CORRENTE

269 acidentes 34 mortos e 329 feridos

. A GNR, em quinze operações efectuadas entre 5 e 12 do corrente, fiscalizou 4828 viaturas do que resultou 1869 autuações. Em igual período de tempo, aquele organismo lançou 7081 patrulhas pelos diversos pontos do território nacional que conduziram à vistoria de 1926 veículos, ao levantamento de 127 autuações, à detecção de 17 condutores desencartados e a 11 apreensões de carta.

Por sua vez, a Brigada de Trânsito montou durante o mesmo período uma operação «Stop» na qual conseguiu recuperar 27 automóveis furtados e três motos. De frisar ainda o facto de entre 5 e 12 do corrente se terem verificado, segundo os registos da Brigada de Trânsito, 269 acidentes rodoviários, de que resultaram 34 mortos e 329 feridos.

No capítulo da investigação criminal, a GNR efectuou 56 intervenções em diversos pontos do País, conseguindo deter 64 indivíduos «a contas com a justiça».

Portugueses numa brigada de voluntários em Cuba

. Jovens estudantes e trabalhadores portugueses participam com outros no quarto contingente da Brigada «José Martí», que efectua trabalho voluntário em Cuba — refere em «telex» de Havana a Prensa Latina.

Cento e quatro jovens de nove países da Europa Ocidental, constroem habitações para trabalhadores cubanos de uma fábrica têxtil e participam na colheita de citrinos. Os jovens, que ficarão em Cuba até 10 de Outubro próximo, são membros das Associações de Amizade com Cuba dos seus respectivos países — Portugal, Espanha, Itália, Suíça, San Marino, Alemanha Federal, Holanda, Bélgica e ainda Berlim Ocidental.

O estudante espanhol Antônio Peralta, estudante de Ciências Políticas e Sociologia, afirmou à agência cubana: «Estamos a demonstrar com o nosso trabalho voluntário a solidariedade dos jovens europeus com Cuba.» De igual modo, ou no mesmo sentido, se manifestaram outros jovens, entre os quais Manuel Costa Martins (Portugal) e Eric Schissl (Suíça).

Fraternidade Operária faz sessões no Norte

. Sessões públicas em Coimbrões, São Mamede de Infesta e Viana do Castelo estão programadas para este fim-de-semana pela Associação de Cultura Socialista Fraternidade Operária, intervindo em todas elas o eng. Lopes Cardoso, ex-ministro da Agricultura e Pescas.

O programa pormenorizado é como segue; amanhã à noite, no Cine-Teatro Coimbrões, na localidade do mesmo nome, às 21 e 30, sessão com Lopes Cardoso, Kalidás Barreto, Nuno Teixeira Neves e responsáveis da associação em Vila Nova de Gaia; no sábado, às 9 e 30, no pavilhão da Comissão de Moradores das Antas, à Praça das Flores (Porto), reunião sobre organização e estruturação da associação no distrito do Porto, com Arnaldo Silva e Fernanda Lopes Cardoso; às 11 e 30, no mesmo local, análise da situação política portuguesa, com Lopes Cardoso; da parte da tarde, às 15 horas, em Guimarães, reunião com todos os responsáveis da asssociação no distrito de Braga, com Arnaldo Silva, Fernanda Lopes Cardoso e Mota Prego, e às 16, em São Mamede de Infesta, sessão pública com Lopes Cardoso, Nuno Teixeira Neves, César Oliveira e Kalidás Barreto; à noite, no Teatro Sá de Miranda, em Viana do Castelo, às 21 e 30, sessão pública com Lopes Cardoso, Rui Polónio Sampaio, César Oliveira, Kalidás Barreto e responsáveis da associação em Viana do Castelo.

Holandeses apoiam fomento da lezíria grande de Vila Franca de Xira

. Um acordo de cooperação luso-holandesa para o fomento agrário da lezíria grande de Vila Franca de Xira foi assinado no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Assinaram o documento o ministro português dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira, e o embaixador da Holanda em Lisboa, Arnout de Waal.

Falando durante a cerimónia, a que assistiu, também, o secretário de Estado da Emigração, João Lima, o titular da pasta dos Negócios Estrangeiros referiu o significado da assinatura daquele acordo, destinado ao desenvolvimento da lezíria de Vila Franca de Xira e agradeceu ao Governo holandês a prova de solidariedade que tem dado a Portugal.

Por seu turno, o embaixador Arnout de Waal falou da amizade entre os povos dos dois países e sublinhou que o Governo holandês «tudo fará para continuar a prestar ajuda económica a Portugal».

De acordo com o projecto de fomento agrário para a lezíria de Vila Franca de Xira, o Governo holandês contribuiu com cerca de sete milhões de escudos (432.000 florins), destinados à preparação de um plano integrado de desenvolvimento rural e à formulação de pontos de acção concretos para imediato fomento naquela área.

A contribuição dos Países Baixos incluí a assistência de consultores especialistas de equipamento experimental agrícola e de análise de solos e a manutenção de dois técnicos daquele país, pelo período de dois anos e meio, associados ao grupo interministerial a funcionar sob o patrocínio da Junta de Hidráulica Agrícola.

No âmbito do mesmo acordo, dois técnicos daquela Junta encontram-se já a estagiar na Universidade holandesa de Wageningen.

Cartazes portugueses são êxito na Polónia

. VARSÓVIA, 15 — «Valiosa e única» é como o diário polaco «Zycie Warsawy» classifica a colecção de cartazes da Biblioteca Nacional de Lisboa actualmente em exposição em Varsóvia.

Para este diário polaco, a colecção portuguesa permite uma vasta e interessante abordagem da situação deste ramo de actividade artística entre nós, e foi inspirada numa semelhante, de cartazes polacos, que teve lugar há dois anos em Lisboa.

Marinheiro perdeu saco num táxi

. O marinheiro Francisco José Rodrigues Caldeira, que se encontra internado no Hospital da Marinha, quando, no domingo passado, se deslocou à Parede de visita a uma irmã, deixou esquecido num «táxi», entre as 23 e 30 e as zero horas, um saco com roupa e documentos pessoais.

Francisco Caldeira solicita a quem tenha encontrado o dito saco o favor de o entregar no Hospital da Marinha, indicando a identidade atrás referida.

GITUS 77

FÉRIAS PARA TRABALHADORES

PASSEIO DE BARCO A V. FRANCA DE XIRA

Domingo, 25 de Setembro

Partida às 09.00 horas

TERREIRO DO PAÇO (Barcos para o Montijo)

Regresso às 18.30 horas

Tempo livre: das 11.30 às 16.00 horas

Possibilidade de banho na piscina local, encontro com o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas, almoço em restaurante local (limitado)

Preço por pessoa: 150$00

Criança (4/12 anos) 50$00

Reformado, 3 idade 50$00

Almoço: 110$00

VENDA DE BILHETES:

R. Victor Cordon, 1-3.º Telefone 36 52 86

Av. Sidónio Pais, 4-A Telefone 53 98 71

Rua do Alecrim, 10 Telefone 36 57 82

Pr. dos Restauradores, 14 Telefone 36 25 01

CONFRATERNIZA PARTICIPA DIVULGA

GITUS 77

FÉRIAS PARA TRABALHADORES

VIAGEM À UNIÃO SOVIÉTICA

«O 7 DE NOVEMBRO»

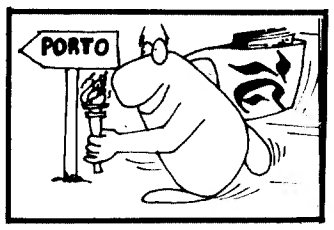
29 Outubro — 12 dias

MOSCOVO LENINEGRADO — KIEV

Transportes, Visitas, Excursões, Encontros com Trabalhadores. Tudo incluido Esc. 17.390 por pessoa. Consulta-nos, pede programa. Participa.

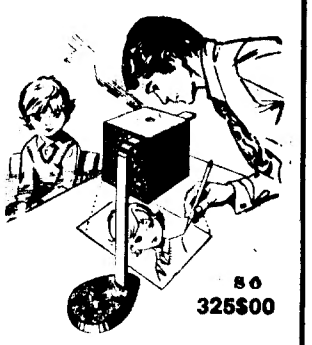
Rua Victor Cordon n.º 1, 3.º andar — T. 365286

Av. Sidónio Pais, 4/A T. 539871



MAGIC ART

APARELHO DE DESENHO



SÓ 325$00

Agora TODO O MUNDO pode desenhar o que quiser e no tamanho desejado como um bom artista

PEDIDOS À COBRANÇA + 25$00 (portes)

A SEX-SHOP

Apartado 292 — PORTO

KOL CONVITE PARA HOJE

Temos o prazer de convidar V. Ex.ª a visitar a maior exposição de maples do País. Encerra às 23 h.

Av. Col. Bordalo Pinheiro, 87-89 — Lisboa (à Praça de Espanha)

VISITE

16/25 SETEMBRO 77

SALÃO INTERNACIONAL DE AGRICULTURA E INDÚSTRIAS AFINS

AGRICULTURA PORTUGUESA PASSAPORTE PARA A EUROPA

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

HORÁRIO

PÚBLICO: Dias uteis das 20 às 23 - Sab. e Dom. das 15 as 23 H.

PROFISSIONAIS: Dias 19 a 23 das 16 as 20 Horas

J 77

EM DEFESA DA TAP E TAMBÉM DO PAÍS

1. A Direcção do Sindicato dos Pilotos da Aviação Civil (SPAC) tornou público um Comunicado em que dá a conhecer a moção aprovada na Assembleia Geral Extraordinária realizada no dia 13 de Setembro por aquele Sindicato.
2. Foi o Conselho de Gerência da TAP notificado pela Direcção do SPAC de que os seus associados não descolarão dos aeroportos nacionais nos próximos dias 16 e 17, conforme o que aconteceu no passado dia 11 de Setembro.
   Acontece porém que, segundo notícias divulgadas pelos órgãos de Informação, e que não são do conhecimento oficial do Conselho de Gerência, a Direcção do SPAC tem intenção de prolongar por tempo indeterminado a greve que decretou para os dias 16 e 17 de Setembro.
3. A simples leitura dos considerandos da Moção apresentada pela Direcção do SPAC à sua Assembleia Geral, revela com meridiana claridade, a elevação e profundidade de análise dos problemas que opõem esse Sindicato ao Conselho de Gerência da TAP e, muito particularmente, visam atacar o Presidente do Conselho de Gerência, dr. Gomes Mota, pela enumeração de uma série de falsas, desajeitadas e deselegantes afirmações.
4. Entende o Conselho de Gerência, pela dignidade das funções em que está investido e pelo respeito que lhe merece a opinião pública, não dever responder a todo esse chorrilho de lamentáveis acusações mas pura e simplesmente fazer sentir ao povo português o que certamente aconteceria à TAP se os seus destinos de Empresa Pública tivessem que ser definidos e governados por tão argutos e profundos analistas e gestores: os dirigentes do SPAC.
5. Apesar de tudo a repetição de algumas acusações, mormente as que se prendem com a segurança da Companhia, merecem o mais veemente repúdio do Conselho de Gerência e determinam, para inteira reposição da verdade, que o Conselho de Gerência da TAP tenha resolvido demandar criminalmente os seus autores.
6. Quem tenha seguido com cuidado o conflito que infelizmente já se desenrola na TAP vai para 2 meses, terá certamente notado que os argumentos utilizados pela Direcção do SPAC para hostilizar o Conselho de Gerência da TAP variam tanto ao sabor das circunstâncias que, na verdade, o que denotam são motivações mais profundas: por um lado, puramente salariais; por outro, de cariz simplesmente político.
7. Os órgãos representativos dos trabalhadores da TAP têm, na sua esfera de competência própria, dado a melhor resposta aos argumentos da Direcção do SPAC e é só pena que alguns meios de comunicação social não lhe tenham dado o relevo que a sua importância inteiramente merecia.
8. Ainda que a história da crise da TAP tenha de vir a ser feita com a objectividade e a profundidade que os interesses que nela se jogam obrigatoriamente reclamam, entende o Conselho de Gerência dever deixar de lado o seu aspecto folhetinesco para unicamente comunicar à opinião pública mais alguns dados que pela sua transparência são sinal incontroverso dos resultados de uma gestão que se honra de ter conseguido, com a dedicada colaboração de todos os verdadeiros trabalhadores da TAP.
9. Assim, em termos do Orçamento de Exploração para 1977, as Receitas e Despesas da TAP no fim do mês de Julho de 1977 — último mês de que se dispõe de contas já apuradas — foram as seguintes:

	Orçamentado	Realizado	Var. %
RECEITAS			
De Tráfego	3 725 630	4 004 954	
Outras	494 551	412 111	
Total	4 220 181	4 417 065	+ 5
DESPESAS			
Pessoal	1 441 966	1 443 080	
Materiais	313 729	251 444	
Vendas	383 920	377 544	
Funcionam. Corrente	130 497	128 543	
Operacionais	1 647 044	1 681 413	
Financ. Div. e outras	293 993	245 720	
Total	**4 221 149**	**4 127 744**	— 2

10. Atendendo ao particular significado do mês de Julho, dado que foi a 15 desse mês que os associados do SPAC iniciaram a sua greve de zelo, transcrevem-se as receitas de tráfego referentes a Julho de 1976 e 1977:

	1976	1977	Var.%
Passageiros	2 0055 560	3 031 135	
Carga	240 706	384 568	
Fretamentos	424 664	512 246	
Outras	76 715	77 005	
Total	**2 797 645**	**4 004 954**	+ 43

11. Dada, também, a extraordinária insistência com que a Direcção do SPAC tem contestado os resultados previsionais anunciados pelo Conselho de Gerência da TAP, valerá por certo a pena referir que no fim de Julho de 1977 os resultados orçamentados eram um prejuízo de 418.355 contos e como apenas se verificou um «deficit» de 167.290 contos há que salientar a recuperação de 251.055 contos no prejuízo previsto.
    É por esta razão que o Conselho de Gerência tem repetidas vezes garantido a viabilidade económica da TAP e o realismo do seu «deficit» previsto para 1977, cerca de 300.000 contos.
12. Ainda a propósito dos resultados previstos para 1977 é tristemente curioso, mas luminosamente sintomático, que a Direcção do SPAC, simultaneamente, apresente ao Conselho de Gerência da TAP gravosas reivindicações salariais e à apreciação da opinião pública a contestação da recuperação económica da TAP, falando por sua conta e risco de prejuízos da ordem de 800 mil contos, número maldosamente inventado.
13. Como porém, cada dia de greve dos pilotos representa para a TAP cerca de 20.000 contos de prejuízo, é fácil prever quantos dias de greve será necessário fazer para passar dos 300.000 para os referidos 800.000 contos de prejuízo.
14. Não quer o Conselho de Gerência deixar sem um comentário um ponto que também tem constituído «bandeira» da Direcção do SPAC: brutal utilização dos tempos de voo dos pilotos da TAP para cumprimento do ambicioso programa de Verão, inconscientemente definido pelo Conselho de Gerência.
    A leitura do quadro seguinte é por si inteiramente esclarecedora, dado que o valor dos tempos de voo que pode ser feito mensalmente por cada piloto, ao abrigo da legislação em vigor, é de 85 horas. Mais ainda: os tempos de voo em 1977 são praticamente iguais aos tempos de voo feitos em 1976.

TEMPOS DE VOO

Categoria Profissional	Média 1.º Sem. 1976	Média 1.º Sem. 1977	Junho 1976	Junho 1977	Julho 1976	Julho 1977
Comandante 747	40 13	29 32	3587	29 09	37 00	37 63
Oficial Piloto 747	45 83	32 68	47 19	47 96	47 17	
Comandante 707	45 56	48 12	46 35	52 99	51 50	55 40
Oficial Piloto 707	39 65	46 66	43 53	53 68	55 85	55 87
Comandante 727	41 92	43 89	42 47	46 90	48 34	49 40
Oficial Piloto 727	35 18	38 67	35 73	42 08	45 59	46 44

15. Afinal, e por último, é legítimo perguntar: Quem defende a TAP e também o País? O Conselho de Gerência ou a Direcção do SPAC?

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Lisboa, 14 de Setembro de 1977

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

..Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 8 de Junho de 1977, lavrada de fls. 76v.° a fls. 78v.°, do Livro C-21, para «escrituras diversas», deste Cartório, entre António da Silva Gomes, João Paixão dos Santos Póvoa e João Francisco Filipe da Silva Reis, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regulará pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes: 1.° A sociedade adopta a denominação de «Avimat, Sociedade Agro-Pecuária, Lda.», tem a sua sede no lugar da Galiza, freguesia da Encarnação, concelho de Mafra e durará por tempo indeterminado, a partir de 20 do corrente mês. 2.° O seu objecto é a exploração de aviário e o comércio de aves, podendo — com prévio acordo dos sócios — ser explorado qualquer outro ramo de comércio ou indústria permitido por lei. 3.° O capital social é de 300.000$00, integralmente realizado em dinheiro, correspondendo à soma de 3 quotas iguais de 100.000$00, uma de cada sócio. 4.° A gerência da sociedade — dispensada de caução com ou sem remuneração, conforme o deliberado em Assembleia Geral — será desempenhada por todos os sócios que, desde já, ficam nomeados gerentes, sendo necessária a intervenção em conjunto de 2 sócios para obrigar a sociedade, em juízo ou fora dele, nomeadamente, em actos e contratos. § 1.° Em actos de mero expediente é suficiente a assinatura de qualquer dos sócios. §2.° É evdado aos sócios-gerentes o uso da denominação social em actos e documentos estranhos à sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações e outros semelhantes, sob pena de ser individual e não social a responsabilidade assumida. §3.° Os sócios-gerentes poderão delegar noutro sócio ou em pessoa estranha à sociedade, todos ou parte dos seus poderes, mediante o respectivo mandato. 5.° A cessão de quotas e a sua divisão é permitida entre os sócios, dependendo do consentimento expresso dos outros sócios a cessão a estranhos, aos quais é reservado o direito de preferência. 6.° Verificando-se o falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade subsistirá com os seus herdeiros ou representantes legais, se estes pretenderem fazer parte dela, nomeando entre si um que a todos represente enquanto a quota estiver indivisa. § ÚNICO — Na hipótese de os herdeiros ou representante legal do falecido ou interdito não quererem continuar na sociedade, apenas terão direito a receber o que lhes pertencer apurado por balanço a dar, nessa ocasião. 7.° As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com a antecedência mínima de 8 dias, sempre que a lei não exija outras formalidades.

É certidão de teor parcial que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita e, certifico que, na parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ou além do que fiz transcrever — Mafra, 7 de Setembro de 1977

O Ajudante
Maria Manuela Beirão Clímaco Delgado

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

..Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 21 de Junho de 1977, lavrada de fls. 37 a fls. 38.° do Livro A-104, para «escrituras diversas», deste Cartório, entre Joaquim Manuel Ambrósio Pereira e mulher Maria José Damião Vieira Pereira, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regulará pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes: — 1.° A sociedade adopta a firma «Manuel e Pereira, Lda.», tem a sua sede no Largo da República, número 11, vila e freguesia da Ericeira, concelho de Mafra e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje. 2.° O seu objecto é o comércio de mariscos e cerveja, podendo — com prévio acordo dos sócios ser explorado qualquer outro ramo de comércio ou indústria permitido por lei. 3.° O Capital Social é de 200.000$00, integralmente realizado em dinheiro, correspondendo à soma de 2 quotas iguais de 100.000$00, uma de cada sócio. 4.° A gerência da sociedade — dispensada de caução com ou sem remuneração; conforme for deliberado em Assembleia Geral — será desempenhada por ambos os sócios que, desde já, ficam nomeados gerentes, sendo suficiente a assinatura de qualquer dos sócios para obrigar a sociedade em juízo ou fora dele, nomeadamente, em actos e contratos. § 1.° É vedado aos sócios gerentes o uso da firma social em actos e documentos estranhos à sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações e outros semelhantes, sob pena de ser individual e não social a responsabilidade assumida. § 2.° Os sócios gerentes poderão delegar noutro sócio ou em pessoa estranha à sociedade todos ou parte dos seus poderes, mediante o respectivo mandato. 5.° A cessão de quotas e a sua divisão é permitida entre os sócios, dependendo do consentimento expresso do outro sócio a cessão a estranhos, ao qual é reservado o direito de preferência. 6.° Verificando-se o falecimento ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade subsistirá com os seus herdeiros ou representante legal se estes pretenderem fazer parte dela, nomeando entre si, um que a todos represente, enquanto a quota estiver indivisa. § ÚNICO — Na hipótese de os herdeiros ou representante legal do falecido ou interdito não quererem continuar na sociedade, apenas, terão direito a receber o que lhes pertencer, apurado por balanço a dar, nessa ocasião. 7.° As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de 8 dias, sempre que a lei não exija outras formalidades.

É CERTIDÃO DE TEOR PARCIAL que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita e, certifico que, na parte omitida referida escritura, nada há em contrário ou além do que fiz transcrever Mafra, 7/9/77. — O Ajudante,
Maria Manuela Beirão Clímaco Delgado

DÉCIMO NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Fausto da Silva Malvar ajudante deste Cartório

CERTIFICO

..Para efeitos de publicação que por escritura de vinte e um de Julho de mil novecentos e setenta e sete lavrada de folhas seis a oito verso do livro de notas E-Sessenta e Sete deste Cartório, Manuel Álvaro Monteiro e João Carlos Marques Antunes únicos sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que usa a firma Monteiro e Irmão, Limitada, com sede nesta cidade, alteraram parcialmente o pacto da mesma sociedade, substituindo a redacção dos seus artigos, quarto, sexto, sétimo e nono os quais passaram a reger-se pelo pacto constante da presente fotocópia e está conforme ao original.

Lisboa e Décimo Nono Cartório Notarial oito de Setembro de mil novecentos e setenta e sete.

O Ajudante
Fausto da Silva Malvar

«Quarto: — O capital social é de trinta mil escudos, está integralmente realizado nos bens e valores constantes da escrita social e corresponde à soma das duas seguintes quotas: — uma do valor nominal de vinte mil escudos pertencente ao sócio Manuel Álvaro Monteiro, e uma de valor nominal de dez mil escudos pertencente ao sócio João Carlos Marques Antunes».

«Sexto: — A administração e gerência da sociedade pertencem a ambos os sócios, Manuel Álvaro Monteiro e João Carlos Marques Antunes, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução, sendo sempre necessária a assinatura do gerente Manuel Álvaro Monteiro para obrigar a sociedade.

Parágrafo primeiro: — Para a representação social em negócios de trespasse do estabelecimento, cedência de exploração a terceiros ou rescisão do direito ao arrendamento do local da sede social, basta a assinatura do gerente Manuel Álvaro Monteiro.

Parágrafo segundo: — Os gerentes terão direito a uma retribuição, a fixar em assembleia geral, de montante não inferior ao estabelecido na lei, ou em instrumento da regulamentação colectiva de trabalho, para os oficiais de primeira, devendo a do gerente Manuel Álvaro Monteiro ser superior a vinte por cento à do gerente João Carlos Marques Antunes.

Parágrafo terceiro: — Quaisquer negócios que tenham lugar dentro do estabelecimento e em que participe qualquer dos gerentes, ainda que em nome individual, entender-se-ão feitos sem admissibilidade de prova em contrário, em nome da sociedade.

Parágrafo quarto: — Fica vedado aos gerentes exercerem, quer em nome individual, quer como membros de outra qualquer sociedade, actividade ou negócio que possa constituir concorrência ou desvio de clientela relativamente à presente sociedade, ou que possa directa ou indirectamente prejudicá-la por qualquer forma.

Parágrafo quinto: — Fica vedado aos gerentes, intervir em nome da sociedade em fianças, abonações ou em quaisquer outros actos estranhos aos negócios sociais.

«Sétimo: — Os lucros líquidos que resultarem do balanço anual, depois de deduzida a percentagem legal para o fundo de reserva, serão divididos, bem como as perdas, na proporção de cinquenta por cento para cada sócio.»

..«Nono: — Em caso de falecimento do sócio João Carlos Marques Antunes e da sobrevivência do sócio Manuel Álvaro Monteiro a quota do falecido será amortizada aos seus herdeiros pelo respectivo valor, segundo o que resultar do último balanço aprovado à data do falecimento.

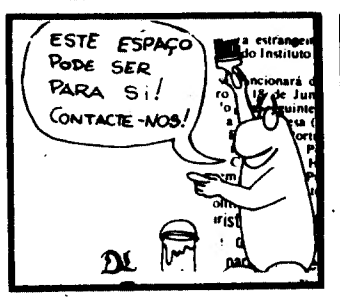
Parágrafo único: Em caso de falecimento do sócio Manuel Álvaro Monteiro, com sobrevivência do sócio João Carlos Marques Antunes, a quota do falecido reverterá a favor dos seus herdeiros, ou a quem ele testar, sem amortização, os quais nomearão entre si um que os represente na sociedade.

ATENÇÃO

BARREIRO

Máquinas de costura Bernina e de tricotar Toyota. Cursos grátis de corte, bordados e tricot.

Rua Combatentes da Grande Guerra, 39-A — BARREIRO



Na Covilhão «Diário de Lisboa» vende-se na Tab. Hermínios de João E. Silva, Lda. na Praça do Município, 7

TAP: NOVA GREVE À VISTA

Governo pode ordenar nova requisição civil

— ANULADO PLENÁRIO PREVISTO PARA HOJE

. Espera-se que o plenário do Conselho de Ministros que está reunido sob a presidência de Mário Soares tome importantes medidas para impedir a greve decretada pelo Sindicato dos Pilotos da Aviação Civil, com início às 24 horas de hoje. Embora o Conselho de Gerência tenha sido informado pelo SPAC de que a greve se efectuará nos dias 16 e 17, tudo leva a crer que se prolongará por tempo indeterminado.

De acordo com a ANOP, o gabinete do ministro Rui Vilar preparou informação detalhada sobre o processo, contendo várias propostas de solução para o caso, admitindo-se que uma delas seja a paralisação temporária das operações de voo da companhia.

Num comunicado intitulado «Em defesa da TAP e também do País», publicado hoje nos órgãos de Comunicação Social, o Conselho de Gerência dos Transportes Aéreos Portugueses informa que cada dia de greve dos pilotos representa para a TAP um prejuízo de 20 000 contos, o que aumentará consideravelmente o défice da empresa nacionalizada, cuja recuperação económica depende, entre outros factores, do esforço dos seus trabalhadores. O Conselho de Gerência afirma no comunicado que pela dignidade de funções em que foi investido, e pelo respeito que lhe merece a opinião pública não deve responder «a todo esse chorrilho de lamentáveis acusações» dirigidas ao Conselho de Gerência da TAP e, especialmente, ao seu presidente, dr. Gomes Mota, constantes de uma moção do SPAC aprovada em assembleia geral extraordinária do passado dia 13, mas acrescenta que devido à repetição de algumas acusações, nomeadamente as que se prendem com a segurança da companhia, resolveu demandar criminalmente os seus autores.

No mesmo comunicado, e ainda com vista a esclarecer a opinião pública, o CG torna públicos valores referentes a receitas e despesas da TAP e tempos de voo. Assim, no fim de Julho deste ano os resultados orçamentados denunciavam um prejuízo de 418 355 000 escudos, tendo-se verificado um prejuízo de 167 290 000 escudos recuperando-se portanto 251 055 000 escudos. «É por esta razão», acrescenta o comunicado, «que o Conselho de Gerência tem repetidas vezes garantido a viabilidade económica dos TAP e o realismo do seu défice previsto para 1977, que é de cerca de 300 000 000. O Conselho de Gerência considera 'maldosamente inventado' o prejuízo de 800 000 000 escudos atribuídos pelo SPAC ao exercício do Conselho de Gerência, salientando no entanto que será 'fácil prever quantos dias de greve será necessário fazer para passar dos 300 000 000 os 800 000 000 escudos de prejuízos'.»

CS RECORRE À PR SE FOR NECESSÁRIO

A Comissão Sindical da TAP afirmou ontem em conferência de Imprensa, mais uma vez, o seu repúdio pelo comportamento dos pilotos, acrescentando que a acção de boicote não só em termos de paralisação, mas também de recusa de preenchimento de cargos tem que ser imediatamente desbloqueada propondo-se a Comissão Sindical recorrer à Presidência da República — órgão do Poder que lhe tem proporcionado o melhor acolhimento — se as circunstâncias a tanto obrigarem.

O porta-voz da CS que fez a exposição na conferência historiou toda a acção divisionista e elitista do SPAC — único Sindicato ligado a trabalhadores da TAP que não se faz representar na estrutura sindical da empresa — cujas origens remontam à criação do próprio SPAC, a partir da divisão dos pilotos anteriormente filiados no Sindicato do Pessoal de Voo da Aviação Civil. No Sindicato mais antigo permaneceram doze pilotos da TAP, que não aderiram às paralisações, embora a Direcção sindical se tenha solidarizado com o SPAC, onde estão filiados 306 pilotos da Transportadora Aérea Nacional.

A CS passou em revista as reivindicações dos pilotos do SPAC que estão na base do seu diferendo com o Conselho de Gerência e sobretudo com o presidente, Gomes Mota. Inicialmente, ainda no âmbito das negociações do ACT, os pilotos começaram por reivindicar um horário de trabalho que a não lhes ser concedido poria em perigo a segurança operacional dos voos e, ao ser o problema remetido para o Ministério dos Transportes, antes da resposta do ministro, os pilotos concretizaram uma greve de zelo que acarretou prejuízos vultosos à TAP por atrasos e cancelamentos de voos. O Governo submeteu os pilotos a requisição civil, tendo a situação voltado à normalidade.

Posteriormente, já depois da demissão do director operacional de voo, Hugo Damásio, durante vigência da requisição civil, e dos técnicos (em número de trinta) que a seguir se demitiram, o SPAC passou a exigir o regresso de Hugo Damásio, e a nomeação de um interlocutor «válido» nas negociações do ACT, o que significava na prática a substituição do Conselho de Gerência (objectivo que passou a ser cada vez mais claro). Com o despedimento dos comandantes Brás de Oliveira e Ribeiro por se terem recusado a preencher os cargos vagos na Direcção Operacional de Voo, o SPAC passou a reivindicar a reintegração dos dois técnicos. Note-se que os despedimentos são também condenados pela Comissão Sindical e pela assembleia geral de emergência do Sindicato do Pessoal de Voo da Aviação Civil. Esta assembleia, realizada esta madrugada, decidiu que se no prazo de oito dias os dois pilotos não foram reintegrados, o Sindicato do Pessoal de Voo decretará também greve.

A CS integrou as medidas do SPAC na última ofensiva da reacção e, mais propriamente, no interesse denunciado de união dos quadros do País, esclarecendo que os quadros não podem perder de vista os interesses dos trabalhadores em geral.

Considerou inoportuna a substituição do Conselho de Gerência e reafirmou a viabilidade económica da TAP, prespectiva contrária aos interesses da direita.

Entretanto, a Comissão de Trabalhadores não convocou o plenário de trabalhadores previsto para esta tarde, por considerar abusiva a informação por parte do SPAC da realização do plenário cuja convocação é da exclusiva competência da CT.

GREVE NA HOTELARIA

Milhares de almoços por servir nos restaurantes

Face à posição do patronato do sector de hotelaria que recusa dar cumprimento à Portaria de Regulamentação de Trabalho, em vigor desde Abril cerca de 65 mil trabalhadores iniciaram hoje, entre as 11 e as 15 horas, uma greve parcial. Esta luta conhecerá amanhã a sua segunda fase, quando será cumprida uma outra paralisação, entre as 18 e 30 e as 22 e 30.

Enquanto os trabalhadores das empresas onde não é cumprida a PRT adoptaram esta forma de luta, nos outros estabelecimentos cujo patronato a cumpre, a paralisação será simbólica, com a duração de 15 minutos. Os trabalhadores nestas circunstâncias totalizam aproximadamente 35 mil.

O processo relativo a esta Portaria iniciou-se há cerca de 16 meses quando o patronato da hotelaria recusou iniciar as negociações que conduziriam ao novo Contrato Colectivo de Trabalho. Nessas circunstâncias, o novo CCT acabou por ser negociado entre o Ministério do Trabalho e a ENATUR (sector público da hotelaria) e tornado mais tarde extensivo por Portaria ao sector privado.

Publicado em Abril, esta Portaria de Regulamentação de Trabalho não seria cumprida por grande parte do patronato, sob diversas alegações e perante a passividade tanto do Ministério do Trabalho como do Ministério do Comércio e Turismo.

As razões apontadas pelos patrões para recusar a aplicação da PRT vão desde o facto de não terem participado na sua elaboração até à existência de unidades que, afirmam, não podem cumprir as novas tabelas salariais.

Deste modo regista-se neste momento a seguinte distribuição na recusa patronal de dar cumprimento ao diploma: Algarve, 10 por cento; Lisboa, 50 por cento; centro do País, 70 por cento; e Norte 80 por cento.

INOPERÂNCIA

Por outro lado, a promessa feita recentemente em nota oficiosa do Ministério do Comércio e Turismo, de que a Inspecção do Trabalho iria actuar, não encontrou qualquer importância prática. De facto, segundo afirmam os sindicatos do sector, a actuação da IT limita-se praticamente «a um inquérito às empresas sem qualquer carácter imperativo».

A polémica relativamente à presente greve tem-se centrado nos possíveis prejuízos que esta forma de luta poderá acarretar para a economia nacional, uma vez que este ano acorreram ao nosso País muitos milhares de turistas estrangeiros. O facto levou o ministro Mota Pinto a admitir a hipótese de não ser respeitada a Lei da Greve. Por seu turno, Maldonado Gonelha, ministro do Trabalho, admitia que a PRT já publicada poderia vir a ser alterada em consequência de negociações.

Os sindicatos adoptam por seu lado, uma argumentação diferente. Afirmam que já nos encontramos em «época turística alta» e que além disso a percentagem de patrões que não cumprem a PRT salda-se no Algarve, onde se hospedam a maioria dos estrangeiros nos 10 por cento.

Segundo afirma a Federação dos Sindicatos de Hotelaria, o Governo depois de ter dado razão «moral e legal» aos trabalhadores acaba por demonstrar a «incapacidade de tomar medidas conformes às declarações expressas».

A presente greve foi ratificada em plenários de trabalhadores da hotelaria que se realizaram de Norte a Sul do País: Viana do Castelo, Braga, Aveiro, Viseu, Coimbra, Lisboa e Faro.

CONTRA OS DESPEDIMENTOS

Reforço da organização sindical e mobilização dos trabalhadores

— defende USP, em reunião de sindicatos

. «O êxito das acções e desenvolver passa, necessariamente, pelo reforço da organização sindical, pela mobilização dos trabalhadores para acções de solidariedade nas empresas e entre empresas e sectores de actividade» — afirma-se numa moção aprovada ontem, em reunião Geral de Sindicatos, efectuada na sede da União dos Sindicatos do Porto, na qual foram analisados os problemas resultantes da elevada taxa de desemprego e o volume despedimentos naquela região do País.

A mesma moção assinala que «a luta contra a situação actual exige o desenvolvimento da consciência entre os trabalhadores de que a barreira a opor aos despedimentos depende, fundamentalmente da unidade de acção na defesa dos interesses de todos».

Na Reunião Geral dos Sindicatos de ontem participaram 33 direcções sindicais, algumas das quais não filiadas na Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical Nacional: ourives, barbeiros, estocadores, garagens, função pública, cerâmica e agrícolas, entre outras.

O debate ontem iniciado terá sequência no próximo dia 23, data em que se realizará nova Reunião Geral de delegados sindicais do distrito do Porto, tendo por ponto único na agenda de trabalhos a situação dos despedimentos e do desemprego e as correspondentes acções a desenvolver nos sindicatos e nos sectores.

A moção aprovada na reunião da USP afirma que as acções a desenvolver no distrito do Porto «devem ser integradas na campanha nacional contra os despedimentos, lançada pela CGTP-IN e devem ficar abertas à participação dos sindicatos não filiados e de todas as organizações unitárias de trabalhadores».

«A orientação governamental que preside à política de incremento dos despedimentos, aliás defendida repetidas vezes por responsáveis do Governo quer junto de dirigentes sindicais, quer em afirmações rpoduzidasnosórgãosdecomunicação social, fundamenta-se em pressões externas denunciadas nos jornais e no princípio tecnocracista de que só despedindo os trabalhadores as empresas se tornam rentáveis e não com a criação de novos postos de trabalho» — referiram sindicalistas presentes na reunião.

Analisando a situação político-sindical, o secretariado da USP salientou que «por cada novo posto de trabalho prometido pelo Governo, multiplicam-se os despedimentos individuais e colectivos».

Por outro lado, concluiu-se que, «as pequenas e médias empresas industriais e comerciais e os estratos sociais de médios recursos são atingidos duramente pelo agravamento das condições de crédito que acrescentam dificuldades à já difícil situação em que viviam».

LEIRIA E SETÚBAL

Também as Uniões de Sindicatos de Leiria e Setúbal promovem nos próximos dias reuniões e comícios com vista à ciscussão dos problemas suscitados pelos despedimentos, entrega de empresas intervencionadas ao patronato sabotador, ataques à Reforma Agrária e a legislação antioperária em geral.

No distrito de Setúbal as reuniões previstas são as seguintes: no dia 17, às 21 horas, no Pavilhão Clube Naval Setubalense; no Sindicato dos Ferroviários no Barreiro; e na Sociedade Incrível Almadense. No mesmo dia, às 15 horas, efectuar-se-ão reuniões de dirigentes sindicais e de Comissões de Trabalhadores.

No distrito de Leiria os plenários efectuar-se-ão nos seguintes dias e localidades: Castanheira de Pera, no dia 18; Vieria de Leiria e Pombal no dia 20; Marinha Grande e Mira d'Aire, no dia 21; Leiria, no dia 22; Valado de Frades e Caldas da Raínha, no dia 23; Bombarral no dia 24; e Peniche no dia seguinte.

L.P. MENDONÇA

Nova "investida" das forças policiais

. O regresso dos representantes do patrão da «Luís Pedro Mendonça», esta manhã, acompanhado de uma força da GNR e de elementos da Polícia de Intervenção, deu origem a nova paralisação naquela empresa e ainda em muitas outras da zona industrial de Santa Iria da Azóia.

Os operários das outras unidades industriais que paralisaram espontaneamente quando se aperceberam da presença do aparato policial, confluiram para a LP Mendonça e ali realizaram um comício. Entretanto, os representantes do patronato, acompanhados por elementos «arruaceiros» recentemente contratados, penetraram nos escritórios onde ainda se mantinham ao fim da manhã.

No dia de ontem, a actuação do patrão caracterizou-se pelo envio de cartas registadas aos cinco trabalhadores que tinham sido presos quando recentemente outra força da GNR tinha estado no local com o objectivo de proteger a entrada dos representantes do patrão.

O conteúdo dessas cartas não é do conhecimento dos trabalhadores a quem se destinavam, dado que as não abriram, devolvendo-as ao remetente.

Diogo d'Ávila ameaça paralisar no dia 19

. Os trabalhadores da fábrica de condutores eléctricos «Diogo d'Ávila» decidiram ontem, em plenário, por unanimidade e aclamação, fazer uma paralisação de trabalho no próximo dia 19. O objectivo desta forma de luta é levar a administração a negociar o respectivo Acordo Colectivo de Trabalho.

Os trabalhadores, em número de 500, decidiram ainda conceder como prazo limite para o início das referidas negociações, as 23 horas do dia 15. No caso contrário, a paralisação efectivar-se-á.

No dia 19, se a paralisação se concretizar, será efectuado um novo plenário para análise da situação e decisão sobre ovas formas de luta.

Numa proposta aprovada no plenário de ontem, repudiam-se e denunciam-se publicamente «as posições que a administração vem assumindo no sentido de retirar regalias e direitos aos trabalhadores, levantando falsos alarmes.»

CÉSAR E OLIVEIRA COMENTA PARA O "DL" AS PROPOSTAS DO PCP

"Ou alternativa de es ou antecâmara do fa

«DL» — Foi uma surpresa para o César Oliveira a proposta do PCP quanto à substituição do Governo, e novas eleições? Ou, pelo contrário admitia-a como previsível, dada a evolução da situação?

. . *Oliveira* — Havia dois caminhos para o PC: um era o de desencadear toda uma acção de manifestações de rua, de greves, para as quais não havia condições pela época em que se está, dada a própria correlação de forças, dadas as características actuais das forças militares e militarizadas, etc; ou fazer outra coisa. Não fazer nada é que não podia ser. Não fazendo nada, depois da aprovação da Lei Barreto, depois das Indemnizações, depois da Lei dos Despedimentos, o PC poderia criar problemas graves no que respeita a uma certa desmobilização ou frustração da sua base de apoio, tendo em conta as pressões que tem á sua esquerda, e que estão desorganizadas. Nessa ordem de ideias, o PC escolheu propostas que de modo nenhum podem ser consideradas antidemocráticas. As pessoas podem estar ou não de acordo com as propostas apresentadas pelo PC. Mas não podem dizer que elas, no seu conjunto, são antidemocráticas, pois remetem a solução do problema para uma consulta eleitoral ao povo português.

Já quanto ao facto de pedir a suspensão da Lei da Reforma Agrária e da legislação antioperária e antipopular promulgada pelo Governo, considero que talvez a solução melhor tivesse sido, tentando colocar-me a mim na optica do PC, pedir um plebiscito ou um referendo para essa legislação.

Seja como for, não é muito claro para mim que as propostas do PC conduzam a uma alternativa. É certo que em eleições futuras a realizar neste país, o Partido Comunista é altamente beneficiado. E pode ser beneficiado por dois modos: primeiro, porque terá certamente um acréscimo de votos bastante grande, e acréscimo ainda num outro sentido que é o de as abstenções favorecerem o PC (logo, um acréscimo real e um acréscimo indirecto qualitativo); depois, é possivel que apareçam representadas na Assembleia da República forças e tendências, ainda que muito minoritárias, que, não fazendo o jogo do PC, e sendo muitíssimo dificil e impossível até que o PC as instrumentalize, poderão ser seus aliados tácticos em algumas coisas essenciais.

«DL» — Concretamente está a pensar...

ésar Oliveira — Estou a pensar num conjunto de forças, que, certamente, numas próximas eleições, não deixarão de aproveitar a oportunidade de utilizar a campanha eleitoral e conseguir até 5, 6, 10 deputados na Assembleia. Por outro lado, cresceria o PC, cresceria o posição da esquerda na Assembleia (da esquerda não social-democrata). O PS seria necessariamente prejudicado. O PSD e o CDS estabilizariam. Portanto, do ponto de vista puramente numérico, o único beneficiado de possíveis eleições parece-me ser realmente o PC.

Não me parece, porém, que novas eleições produzam novas alternativas políticas.

Mas se as propostas do PC apenas visam reforçar a sua posição eleitoral e na Assembleia da República, tornando o PC um elemento cada vez mais imprescindível na negociação de certas acções legislativas, etc., então é compreensível que o PC tenha proposto isso. O que eu não vejo é que, quer o PC quer outras forças de esquerda, quer as próprias eleições globalmente, produzam resultados muito diferentes das actuais eleições, em termos de esses resultados servirem de base de apoio para uma nova alternativa de poder ao nível da própria Assembleia e ao nível do Governo. Não vejo que a direita, PPD e CDS, possa ter mais do que 50 por cento; o PS baixará 5 a 10 por cento; haverá um aumento muito grande da abstenção; o PCP subirá; aparecerá, porventura, uma força socialista-marxista que tenha alguns deputados, mas no cômputo geral não fornecerá uma nova alternativa.

«HÁ ESPAÇO POLÍTICO PARA U MA NOVA FORÇA DE ESQUERDA»

«DL» — Essa «força socialista-marxista» seria um novo partido?

. *Oliveira* — Não sei se será essa a fórmula, agora que há um conjunto de forças que não é tão pequena, nem tão menosprezável como isso, que não se reconhece nem no PC nem no PS, e que terá certamente uma palavra a dizer em futuras eleições.

«DL — Talvez, nesse caso, fosse melhor dizer que o conjunto das forças não se reconhece na direcção do PS pois nesse caso poderia admitir-se a hipótese de numerosos militantes socialistas subscreverem em futuras eleições qualquer coisa como uma frente de esquerda, uma coligação eleitoral de esquerda à margem do PC e do PS.

. *Oliveira* — Sim, é isso.

«DL» — A F. Operária teria aí um papel relevante, ou não?

. *Oliveira* — Isso ainda não foi discutido até agora. Pode ser que possa desempenhar algum papel, pode ser que não. Depende das circunstâncias do momento e depende da análise que se fizer. Certamente, não a F. Operária em si própria, porque não lhe compete essa função, mas pelo menos bastantes elementos da F.O., individualmente, poderão ter nisso um papel considerável.

Não nos esqueçamos que, por exemplo, os trezentos e tal mil votos que o PS perdeu em favor do Otelo; os quatrocentos e tal mil que perdeu a favor de Pinheiro de Azevedo; as abstenções das últimas eleições administrativas, tudo isso dá um certo espaço a uma força socialista, sem ambiguidade, que não pode nunca ser identificada com a social-democracia, nem com o PC, mas que tem o seu espaço político.Não é de modo um espaço político maioritário, é um espaço político relativamente pequeno, mas significativo. Aliás, tem-se visto em algumas eleições sindicais e em alguns sectores de trabalho, onde este sector tem a sua importância e tem sido por vezes elemento decisivo para conquistar eleições.

Em resumo, do ponto de vista estritamente partidário, incluindo do ponto de vista interno, quanto à sua própria força de militância, e do ponto de vista do ganhar capacidade de negociação e terreno de manobra, a proposta do PC é absolutamente lógica e compreensível. Do ponto de vista do produzir uma alternativa política global, não me parece que produza.

«ACTUAL SITUAÇÃO NÃO VAI TER FUTURO»

«DL» — Mas acha que é possível admitir hoje uma alternativa ao Governo PS sem eleições? E essa alternativa poderá ser uma alternativa de esquerda, ou só com novas eleições seria de admitir a hipótese de um Governo mais à esquerda?

. *C. Oliveira* — Como é evidente, eu acho que a situação actual, com uma prática do Governo PS assente na ambiguidade — na ambiguidade de se apoiar à esquerda e à direita, mais à direita do que à esquerda — se caracteriza por uma grande confusão, uma grande ineficácia, uma grande incoerência na prática política, nas propostas, nos projectos, nas medidas que se tomam perfeitamente conjunturais, desinseridas de um plano económico global, medidas «Pacotes 1» e «Pacotes 2» que são tapa-furos e que não resolvem de facto os problemas das emergências da Balança de Pagamentos, etc.).

Acho que esta situação não vai ter futuro não pode ter futuro. E não vai ter futuro porque o PS perdeu toda a relevância que tinha no mundo do trabalho. A nível sindical, houve, como sabemos, cinquenta e tal eleições este ano. O PS apenas ganhou uma ou duas: «salvaram-se» os Escritórios de Setúbal e pouco mais. Perdeu importantes sindicatos que tinha. Pode-se dizer que listas unitárias de esquerda ou listas só do Partido Comunista tiveram noventa e tal por cento das vitórias nestas cinquenta e tal eleições. Isto quer dizer que mesmo naqueles sindicatos onde o PC ou listas unitárias de esquerda não ganharam, as eleições também não foram ganhas pelo PS, mas sim pelo PPD. A «Carta Aberta», hoje, não é um movimento do PS. Por isso me farto de rir quando vejo o Governo do PS a dar uma importância tão grande à «Carta Aberta», é patente e evidente que hoje o PS tem muito pouco a ver com a «Carta Aberta».

Tendo falhado a estratégia «Carta Aberta», tendo falhado a estratégia do documento Gonelha, o PS não tem nenhuma implantação no mundo do trabalho. E como não há uma burguesia nacional capaz de privilegiar, em condições sociais, em condições salariais, em regalias diversas, um sindicalismo paralelo, é evidente que o espaço de manobra da «Carta Aberta» se torna extremamente reduzido e será irremediavelmente cada vez menor.

Não há senão duas saídas: ou uma saída que seja de facto uma alternativa à esquerda do actual Governo PS, ou, a não haver essa alternativa, um inexorável e irremediável autoritarismo de direita, conserve ele ou não uma fachada parlamentar, conserve ele ou não uma característica mais ou menos militarizada, qualquer que seja a fórmula que adoptar. Os parlamentos são extremamente amoldáveis a isso. Temos o exemplo da Grécia, e o actual exemplo de Espanha. Temos vários exemplos de um parlamentarismo subalternizado, de um regime de força, autoritário, que, conservando as liberdade públicas, ou as liberdades públicas entendidas de certo modo, funciona perfeitamente no quadro da «democracia burguesa», e nem por isso deixa de ser autoritarismo. Na ausência de uma alternativa de esquerda, teremos aí mais dia menos dia, um novo regime autoritário. Simplesmente, acontece um problema muito grave: é que nas condições específicas da sociedade portuguesa, do autoritarismo a um regime de características nitidamente fascistas o passo é muito pequeno. As taxas de subexploração, as mais-valias que seria necessário extrair ao trabalho das massas trabalhadoras portuguesas, teriam de ser tão intensas que com os hábitos reivindicativos, já, de certo modo, enraizados em Portugal, a repressão levaria a que se caísse com extrema facilidade num regime fascizante de consequências trágicas imprevisíveis. O problema que nem a esquerda, nem o PC, nem ninguém consegue resolver, é não se poder prescindir do PS para uma alternativa de esquerda.

«HÁ OU NÃO HÁ UMA LINHA SALGADO ZENHA?»

«DL» — Parece evidente, porém, que, na situação actual, a direcção do Partido Socialista não dá qualquer hipótese de abertura a uma alternativa de esquerda. Não concorda?

. *C. Oliveira* — Concordo. Escrevi, há tempos, um artigo pa-

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

QUOTIZAÇÃO SINDICAL

AS ENTIDADES PATRONAIS TÊM DE CUMPRIR A LEI!

1 — Chegaram ao conhecimento do Sindicato alguns casos, embora poucos, em que as entidades patronais se recusam a receber a declaração de autorização de desconto da quotização sindical no salário e respectiva remessa ao Sindicato, conforme previsto na lei n.º 57/77 (Lei da Cobrança da Quotização Sindical).

2 — Tal comportamento é absolutamente ilegal, desde que o CCT. respectivo contenha alguma cláusula em que as associações sindicais e patronais acordem nessa forma de pagamento. É o que acontece ente outros nos seguintes contratos:

Retalhista:	Cláusula	55.ª
Armazenistas de Vinhos:	»	54.
Editores e Livreiros:	»	65.ª n.º 4
Comércio Automóvel:	»	56.
Imp. Material Electrónico:	»	10. alínea m)
Lanifícios e Têxteis:	»	12. » j)
Armazenistas de Mercearia:	»	45.

3 — É isto que os trabalhadores e particularmente os Delegados Sindicais devem fazer notar às entidades patronais que de qualquer forma estejam a desrespeitar a presente lei.

4 — Em caso de recusa total por parte das entidades patronais de receber a declaração de autorização de desconto de quotização sindical no salário, devem os trabalhadores enviar os três impressos de declaração devidamente preenchidos e assinados para o Sindicato que se encarregará de regularizar a situação.

5 — Para a resolução de quaisquer outras dificuldades ou dúvidas agradecemos que contactem o Sindicato.

Chamamos ainda a atenção para o texto de lei publicado no «Jornal dos Trabalhadores do Comércio» que está a ser enviado para todos os sócios e para a urgência de que se reveste a entrega das referidas declarações.

Lisboa, 13 de Setembro de 1977

A DIRECÇÃO

José Manuel Barros

esquerda "fascismo"

ra o «DL» em que dizia mais ou menos isto: há uma alternativa de esquerda, que é um Governo do PS com uma prática radicalmente diferente, com uma prática de esquerda. É óbvio que isto exigem que rolem algumas cabeças no PS. Isto pressupõe, se calhar, uma inversão total da correlação de forças dentro do PS. Mas, de facto, parece-me que uma alternativa de esquerda só é possível, no quadro institucional vigente, com o PS. Essa alternativa de esquerda pode englobar mais ou menos independentes, à esquerda ou à direita ou simultâneamente a ambos os lados pode ter ou não ter o apoio expresso parlamentar do PC pode ter ou não a hostilidade do PC, pode ter ou não a colaboração da CGTP-IN quer dizer há um certo número de condições em que pode haver uma alternativa de esquerda. Mas não vejo uma situação de esquerda que não seja b a s eada no Partido Socialista e a verdade é que estou altamente pessimista quanto à possibilidade de basear uma alternativa de esquerda neste Partido Socialista, com esta direcção, com esta correlação de forças interna. Por outro lado, um factor importante é que o PS arrisca-se a desaparecer por estupidez. Quer dizer: para além de o PC capitalizar a desagregação do PS e o descontentamento popular, sobretudo nos sectores da pequena burguesia e da classe operária e do operariado rural, há uma grande parte dos militantes, do eleitorado e da base social de apoio do PS que não vai para o PC, vai pura e simplesmente para casa, porque foi formada, educada e — por razões que agora não vêm ao caso analisar — está possuída de traumas anticomunistas.

O PS corre, na verdade o risco de desaparecer, persistindo nesta política. Veja-se o que aconteceu na Universidade. Veja-se o que aconteceu no mundo sindical. O PS faz uma política que se confunde com a do PPD, e, por exemplo, no Técnico passa da primeira lista em anteriores eleições, para o quarto lugar. A mesma coisa em Medicina, em Direito, numa série de escolas em que o PS era a força maioritária e agora é a quarta ou a quinta força, quando não desapareceu totalmente. Isto porquê? Porque fazendo o PS uma política de direita, obrigando a Juventude Socialista a sustentar dentro da Universidade esta política de direita, acabou por aliciar a direita em detrimento do próprio PS que ficou sem alternativa. Veja-se, por exemplo, o que acontece em Direito, onde a UEC não era nada há um ano e meio ou há dois anos, e onde hoje é a segunda força eleitoral. O mesmo se passa nos sindicatos. Agora o que eu pergunto é isto: será que não há gente no PS capaz de perceber isso? Será que a tão propalada linha de Francisco Salgado Zenha repousa nesta visão das coisas? Ou não há linha Salgado Zenha? O PS tem uma oportunidade histórica enorme sobre os seus ombros que é, pelo menos, a de impedir alternativas de direita. Seguindo a prática política que tem seguido ultimamente não as impedirá.

SOCIAL-DEMOCRACIA SERIA CONSERVAR «STATU QUO»

«DL» — O PCP tem afirmado que o Governo do PS está a proceder como um Governo de direita e a beneficiar, ainda por cima, da confusão que cria nas massas populares pelo facto de o PS se dizer um partido de esquerda. Acha que isso poderia levar à conclusão de que seria preferível enfrentar um governo abertamente de direita?

. . *Oliveira* — Paradoxalmente eu não sou partidário da teoria catastrófica e das visões apocalípticas da tomada do Poder. Não me é indiferente a mim que a condução política do país seja feita pelo dr. Mário Soares ou pelo dr. Sá Carneiro, e julgo que não é indiferente ao PC nem é indiferente a ninguém. O dr. Mário Soares poderá ser um charlatão, mas é um charlatão antifascista e um cidadão anti-fascista minimamente consequente e nunca aceitou ser deputado pelo Marcello Caetano e pela União Nacional. E o dr. Sá Carneiro aceitou ser deputado ainda pela União Nacional, até (antes de criada a ANP). É um homem que tentou minar e que tentou transformar o «marcelismo», por dentro. O dr. Mário Soares nunca enveredou por esta prática política.

A base económico-social do poder político de direita requer um estado altamente autoritário, um estado altamente repressivo, que não pode ser gerido pelo Partido Socialista. Quando o PS refaz as condições de acumulação de capital, as condições de recuperação de um certo poder da direita, da burguesia e do grande capital monopolista, está a cavar a sua própria sepultura.

O poder económico, cultural e social da burguesia exige em Portugal um poder político nitidamente de direita com grande laivos de autoritarismo e de repressão, conserve ou não conserve uma fachada parlamentar. Por isso, o que o Partido Socialista está a fazer é um suicídio. Ou deixa de ser um partido social-democrata e passa a ser um partido liberal, e então já poderá gerir esse novo poder para o qual está a contribuir, ou mesmo na óptica de um partido verdadeiramente social-democrata — que é o que a sua equipa de dirigentes na verdade sempre foi — o PS está a fazer uma política suícida. Uma política social-democrata em Portugal, neste momento, ironicamente, poderia ser a de conservar o «statu-quo», impedir caminhos novos para uma mais profunda socialização da produção, mas manter o «statu-quo» actual. Isso é que poderia ser uma política social-democrata, dando certas vantagens, controladas estrategicamente, à iniciativa privada. Mas o PS nem sequer está a fazer isso.

Resta saber se estas ordens de razões entram ou não entram nos computadores do PS. Julgo que é possível que outras zonas de poder se apercebam disto.

«DL» — Voltando a esta questão da proposta do PC, disse-se que viria abrir um novo espaço político para a esquerda. Por exemplo, ao nível do debate interno dentro do PS, quais poderiam ser os efeitos do antecipar de eleições?

«COM PC EUROCOMUNISTA O PS DESAPARECE»

C. Oliveira — Eu não sei se o PS tem por hábito fazer debates intensivos no plano interno, nem sei se a proposta do PC, ainda é cedo para ver, abre novo espaço político ou não.

De qualquer modo, acho que não serão as novas propostas do PC que irão abrir uma nova discussão no seio do PS. Há aqui um problema: a velha questão do eurocomunismo, que tem a ver muito com estas propostas do PC. Não sei se o eurocomunismo existe como tal. Lembro-me de ter falado com elementos e dirigentes do CC do PCI que se recusam a essa designação de euro-comunismo. Mas parece-me que não foi visível aos olhos das massas populares (e é inegável que o PS recolheu, graças a isso, grandes votações da classe operária, da pequena burguesia, dos trabalhadores em geral, tudo sectores sociais importantes para um processo de evolução para o socialismo) que o PCP fosse o defensor acérrimo da liberdade, da democracia. Isso permitiu ao PS, em nome de uma política de esquerda, crescer e implantar-se. Daí que, penso eu, a partir do momento em que for claro para as massas populares que o PC ao mesmo tempo que defende uma política de esquerda, uma política socialista, incorpora junto dessa política socialista os valores que permitiram ao Partido Socialista implantar-se junto das classes trabalhadoras — ou seja, a democracia política (que não pode confundir-se com a democracia parlamentar) e a liberdade — o PS tem os seus dias contados. Foi uma certa coerência entre uma política de esquerda e uma linha política socialista harmonizada com a democracia e a liberdade, valores próprios da Europa ocidental (aliás, conquistas das massas trabalhadoras da Europa ocidental, ao contrário de outros países onde esse problema não se pôs: não podemos esquecer a Revolução Francesa onde a democracia e a liberdade foram conquistadas pelos «sans-coullotes»...) que permitiu ao PCI a liquidação prática do PS italiano. Ora bem, julgo que se isso for bem visível aos olhos das massas trabalhadoras portuguesas, será o PC a grande alternativa eleitoral às forças conservadoras em Portugal. Evidentemente, isto é jogar estrategicamente e, portanto, dir-me-ão: e agora? Pois eu julgo que um dos defeitos da esquerda portuguesa foi andar demasiado atrás dos acontecimentos, descurando os aspectos estratégicos do dia-a-dia. Quer dizer: a esquerda portuguesa preocupou-se sobretudo com o que acontecia amanhã, daqui a um mês, ou hoje mesmo, não inserindo o que acontecia hoje, amanhã ou daqui a um mês, numa perspectiva estratégica que desse sentido às suas actuações tácticas e às suas actuações pontuais.

Chegou o momento de assim proceder ou não? Se chegou o momento de assim proceder isso poderá ser uma das razões que explica as propostas do PC.

«DEMOCRACIA POLÍTICA NÃO É SINÓNIMO DE DEMOCRACIA PARLAMENTAR»

«DL» — Ainda uma outra questão: quanto à questão da suspensão por exemplo, da lei arreto pedida pelo PC. Não é verdade que a Reforma Agrária é, mais do que um conceito, um conjunto de medidas realizadas no terreno, uma série de reformas que se foram fazendo na prática e que sucessivas consultas eleitorais foram sancionando?

. *C. Oliveira* — Dentro da própria campanha eleitoral para as administrativas últimas, o PS invocava a justeza da lei do IV Governo Provisório, e não só. Quando o CDS pede na Assembleia da República a revisão da organização agrária o PS opõe-se defendendo legislação que agora foi substituída pela lei Barreto. Julgo que o grande problema da lei Barreto se insere fundamentalmente na luta contra o PC. Pretende ser um instrumento virado contra o PC, visando liquidar a sua influência no Alentejo. Mas isto também é um projecto falhado, porque das duas uma: se a lei é aplicada, (o que é improvável, porque uma coisa é a lei e outra é a sua aplicação), produzirá desemprego, um certo refazer do capitalismo agrário. Nesse caso, quem ficará a lucrar será a força política que impulsionou tudo aquilo que os trabalhadores acabam por perder com a lei Barreto. O grande vencedor, em termos eleitorais, em termos da sua implantação no Alentejo, será o PC, porque será visível aos olhos dos trabalhadores quem defendeu a garantia de emprego e de trabalho todo o ano, etc.

Se a lei não for aplicada o PC lucra também, porque é o partido que se lhe opõe. Parece-me que, do ponto de vista táctico e como instrumento de luta contra o PC, a lei Barreto é algo que não tem sentido. Quando à questão que me é posta, pois é evidente que a Reforma Agrária, tem sido referereferenda através das últimas eleições legislativas, enfim, nas várias eleições. Agora, do ponto de vista *formal* não há dúvida também de que a lei foi revogada por deputados eleitos.

«DL» — Há aí, por assim dizer uma contradição entre dois conceitos de democracia: entre democracia parlamentar e democracia política. Não está de acordo?

. . *Oliveira* — Que distinção é que eu faço entre democracia parlamentar e democracia política? Julgo que a democracia política não pode consistir em depositar de 4 em 4 anos, de 3 em 3, de 2 em 2 ou de 1 em 1 um papel mágico numa caixa de madeira, de metal ou de vidro para eleger um deputado cuja acção nunca mais se controla. Quer dizer: se democracia política é apenas eleger 5 deputados por Aveiro, mais 4 pelo Porto, mais 10 por Lisboa mandá-los para o Parlamento e depois, de 4 em 4 anos, o povo ser chamado a pôr mais um papelinho para a mesma coisa, sem haver nunca nenhum meio de o eleitor controlar a acção desses senhores no Parlamento — se democracia política é só isto — então eu não tenho nada a ver com esta democracia política. Parece-me que democracia política é muito mais do que isso. Democracia política é a capacidade, os mecanismos, as instituições, que a organização do Estado de Direito (isto para utilizar uma expressão tão do agrado dos partidos burgueses portugueses) põe à disposição dos cidadãos para, a cada momento e no quotidiano da sua vida, interferirem em todo o processo decisório. Isso pressupõe que a democracia política seja organizada desde os locais de trabalho, às zonas de residência, às regiões, ao próprio Parlamento.

Pressupõe também, e poderá haver possibilidades de o fazer que os deputados eleitos tenham a sua acção controlada, e que, por exemplo, um certo número de assinaturas de cidadãos eleitores de um dado círculo eleitoral possam requerer nova eleição para os cargos A, B ou C, cuja acção no Parlamento não satisfaz.

A democracia política, na minha opinião, é inseparável da democracia parlamentar, mas também é inseparável sobretudo da democracia na empresa, no local de trabalho, na rua, no poder local, da base até às cúpulas institucionais. Neste aspecto, a democracia política portuguesa deixa muito a desejar. E é este tipo de democracia política que, na minha opinião é inseparável de uma política socialista. Só pode fazer uma política socialista, uma política de esquerda democrática, quem tiver da democracia política uma concepção que permita aos trabalhadores e aos cidadãos na sua vida quotidiana, no seu dia-a-dia, terem nas suas mãos meios, mecanismos e instrumentos de intervenção em tudo o que lhes diga respeito, directa ou indirectamente. É por isso que a democracia parlamentar poderá ser, quando deturpada, a antítese da democracia política. Por isso, repito, no dia em que uma força política de esquerda com tradições na classe operária — concretamente, o Partido Comunista — for capaz de surgir aos olhos da opinião pública, sem sofismas, sem aspectos propagandísticos (é preciso que fique bem claro), como defensor real de uma política de esquerda imbricada numa política assim entendida, dentro das tradições de luta da Europa Ocidental, o Partido Socialista perderá a sua razão de ser porque aparece uma força política que incorpora no mesmo projecto socialismo, democracia, e liberdade. Não digo que o projecto do PC não seja este. Só que não é visível que o seja.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

CONCURSO N.º 3-1771/77

Fornecimento de uma arca congeladora (geleira) para o Serviço de Sangue do Hospital de S. José.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 10 de Outubro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91), todos os dias úteis, das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, e aos sábados, das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 7 de Setembro de 1977.

CHEFE DO SERVIÇO

a) **Alexandre Pinheiro**

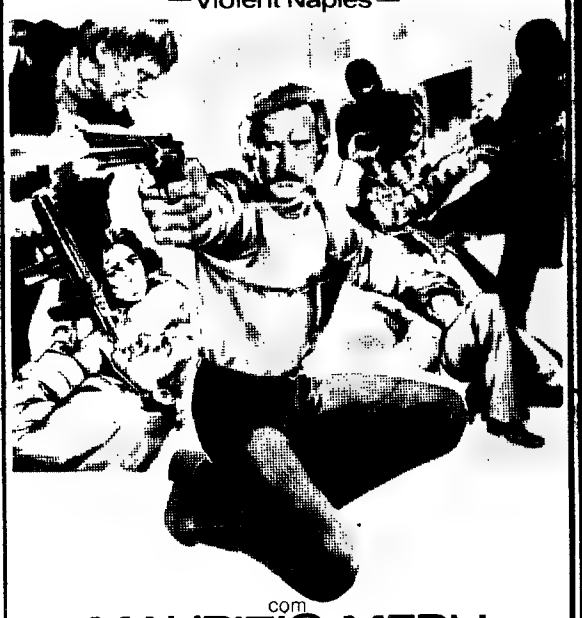
Dois jovens soterrados numa mina

OLIVEIRA DE AZEMÉIS, 15 — Ontem de tarde, quando trabalhavam na limpeza de uma mina, no lugar de Água Levada, Oliveira de Azeméis, distrito de Aveiro, ficaram soterrados quatro jovens devido a um despreendimento de terras. Dois deles conseguiram ainda pôr-se a salvo, a mesma sorte não tendo Abílio da Mota Pinto, de 11 anos, residente na freguesia de Madail, e António Cardoso de Oliveira, de 14 anos, de Adães, ambos do concelho de Oliveira de Azemeis.

Filmes Lusomundo

A HISTÓRIA DE HOMENS
QUE NADA TÊM EM COMUM
A NÃO SER O ÓDIO QUE OS RODEIA!

VIOLÊNCIA EM NÁPOLES
— Violent Naples —



com
MAURIZIO MERLI
JOHN SAXON · BARRY SULLIVAN
MARIA GRAZIA SPINA
um filme de UMBERTO LENZI Scope Eatmancolor

AMANHÃ — ESTREIA Às 21.30 BERNA

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

SONORO FILME

Um festival de
ARTES MARCIAIS

CINCO INDOMÁVEIS SELVAGENS
The Savage Five

com
DAVID CHIANG
CHEN KUAN-TAI
TI LUNG
Um filme de CHANG CHEH / Eastmancolor

AMANHÃ — ESTREIA Às 21.30 ROXY

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

APÓS VISITA À "LINHA DA FRENTE"

Internacional Socialista apresenta programa de apoio à África progressista

A Internacional Socialista publicou um programa de sete pontos que, se for aprovado, apelará para a proibição da exportação de armas e tecnologia nuclear para a África do Sul.

O programa foi delineado numa Conferência de Imprensa em Londres por Bernt Carisson, da Suécia, secretário-geral da Organização, com sede em Londres, a que pertencem cerca de 60 partidos socialistas do mundo não comunista.

Carisson fez parte da missão de boa vontade da Internacional Socialista que acaba de visitar Angola, Zâmbia, Botswana, Moçambique e Tanzânia.

- O programa será debatio na reunião do Bureau Político da Internacional Socialista a realizar em Madrid de 15 a 16 de Outubro.

O projecto de programa preconiza o termo da cooperação com a África do Sul e da transferência de tecnologia para esse país. Pede um embargo de armas pela ONU contra a República Sul-Africana cuja política de «apartheid» tem a oposição firme da Organização.

O programa também pretende proibir a exportação de capitais e novos investimentos na África do Sul e no Sudoeste Africano (Namíbia) por parte de todos os países.

Recomenda o aumento do apoio aos Estados africanos da «linha da frente», especialmente Moçambique.

«Mais países deviam contribuir para a decisão tomada pela ONU de aliviar o fardo económico daquele país em consequência do encerramento da sua fronteira com a Rodésia» — lê-se ainda no programa. O custo foi calculado em 200 milhões de dólares por ano.

O programa apela para o apoio aos Movimentos de Libertação africanos e às vítimas do «apartheid». E manifesta-se a favor da «Frente Patriótica» de guerrilheiros rodesianos chefiados pelos nacionalistas negros Joshua Nkomo e Robert Mugabe, e da Organização Popular do Sudoeste Africano (SWAPO).

CEE pede clemência para Karl I Bond

. O Conselho de Ministros da Comunidade Económica Europeia pediu ao presidente Mobutu, do Zaire, clemência para o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros daquele país, Karl I Bond, ontem condenado à morte «por alta traição», uma vez que, segundo as autoridades zairenses, estava a par do movimento de rebelião que, em Março último ocorreu naquele território, nomeadamente na Província de Shaba.

O primeiro-ministro Leo Tindemans (Bélgica) teria mesmo telefonado pessoalmente a Mobutu observando-lhe que a execução de Karl I Bond poderia ter feitos adversos nos esforços para organizar a cooperação internacional económica e financeira com o Zaire.

Bond, originário da Província de Shaba (antiga catanga), foi acusado de ter tido conhecimento dos planos da rebelião naquela Província sem ter avisado as autoridades.

O seu advogado, o belga Jules Wolf, que foi impedido de entrar no Zaire para participar na defesa de Bond, voltou a afirmar que o antigo ministro estava inocente.

XAVIER DO AMARAL FOI PRESO

Nicolau dos Reis Lobato novo presidente da Fretilin

Por «sabotagem da luta do povo Maubere e eliminação traiçoeira de combatentes» acaba de ser destituído e preso o presidente da Fretilin e da República Democrática de Timor-Leste, Xavier do Amaral — informa a agência moçambicana AIM.

A decisão foi tomada pelo «bureau» Político do Comité Central da Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente, em reunião efectuada ontem, e em que foi analisado o desenvolvimento da luta entre a linha revolucionária e a linha capitulacionista no seio da organização.

Na mesma reunião, foi escolhido para o desempenho das funções de presidente da Fretilin, da RDTL e de comandante supremo das respectivas Forças Armadas Nicolau dos Reis Lobato.

Num comunicado tornado público hoje, através da sua representação permanente em Moçambique, o Comitè Central da Fretilin debruça-se detalhadamente sobre o processo que levou à depuração de Amaral e de alguns cúmplices.

FILMES LUSOMUNDO

Uma época de
esperança, deslumbramento e romance.

ROBERT REDFORD
MIA FARROW
em

O Grande Gatsby
The Great Gatsby

um filme de JACK CLAYTON
KAREN BLACK · SCOTT WILSON
Argumento de FRANCIS FORD COPPOLA
Baseado no romance de SCOTT FITZGERALD
Não aconselhável a menores de 18 anos · Colorido Movielab

A PARTIR DE AMANHÃ ÀS 21.30 CALEIDOSCÓPIO

PARAMOUNT / CINEMA INTERNATIONAL CORPORATION

Novo ministro da Saúde de Angola

. Agostinho Neto nomeou Domingos Coelho da Cruz para ministro da Saúde, em substituição de Mário de Almeida, que, como ontem noticiámos, se demitiu das suas funções no princípio desta semana.

Frente Patriótica considera plano anglo-americano uma "base para negociações"

. A Frente Patriótica rodesiana (Nkomo/Mugabe) rejeitou alguns aspectos das propostas anglo-americanas para a transferência de poderes para um Governo de maioria negra no país, mas afirmou que o plano «poderá servir de base para futuras negociações».

Numa declaração simultaneamente divulgada em Lusaca e no Maputo, a Frente Patriótica afirma que a guerra continuará até que se consiga «a independência genuína».

Pontos rejeitados do plano anglo-americano: comissário britânico residente, manutenção do Exército e da Polícia rodesianos até às eleições e presença de uma força de paz das Nações Unidas tendente a assegurar a transferência de poderes.

Palavras de Nkomo quanto ao comissário britânico residente:

. «Não encaramos o comissário residente como um funcionário neutral ou imparcial. Ele é para todos os efeitos um administrador colonial representando o sistema contra o qual lutamos. Não podemos concordar com os poderes coloniais absolutos que lhe são atribuídos».

SONORO FILME

YUL BRYNNER HENRY FONDA
DIRK BOGARDE PHILIPPE NOIRET
VIRNA LISI MICHEL BOUQUET

um filme de
HENRI VERNEUIL

a Serpente de ouro
le Serpent

Uma magnifica análise
dos grandes mistérios internacionais!

A PARTIR DE AMANHÃ
ÀS 21.30 EDEN

Technicolor Panavision / não aconselhável a menores de 13 anos

FRANÇA

"Cimeira" da esquerda termina por abandono dos radicais

. Robert Fabre, dirigente do Movimento dos Radicais de Esquerda, saiu da sala e bateu com a porta — assim se pôs termo à «cimeira» que ontem reuniu, na sede do PS, os três signatários do Programa Comum de Esquerda, firmado em Junho de 1972 e agora posto em debate para as necessárias actualizações. Pomo de discórdia: as nacionalizações, ou mais propriamente, uma proposta comunista nos termos da qual os trabalhadores duma empresa podiam obter a sua nacionalização, se votassem tal decisão por maioria.

Incidente de percurso? Ou sintoma de que a esquerda, capaz de unidade à volta dum projecto de sociedade em transição para o socialismo, quando as «chances» eleitorais o tornavam de difícil efectivação, não encontra agora a necessária coesão, num momento em que o fruto parece maduro? Por ironia do destino, foi ontem mesmo que o ministério francês do Trabalho publicava as suas últimas estatísticas sobre o desemprego: 1.215.900, um recorde dramático do pós-guerra, que equivale a um índice de desemprego da ordem dos 5,5 por cento. No mês anterior estavam desempregados 1.180.000 franceses e em Agosto do ano passado esse número era de 961.700. Prova provada de que as perspectivas para as classes trabalhadoras são dramáticas, a manter-se a ditadura dos monopólios, que caracteriza o regime actual.

A Reuter considera, entretanto, que a ruptura verificada na cimeira de ontem representa a crise mais séria que a esquerda unida enfrentou de 1972 para cá. Contudo, não é de excluir que o gesto de Fabre seja um acto para as galerias. O certo é que por enquanto nada de irremediável se passou. O dirigente socialista, François Mitterrand, declarou já que o seu partido está pronto a recomeçar em qualquer momento as discussões sobre a actualização do programa. Recorde-se que o PSF terá uma importante reunião da sua comissão directiva no próximo dia 19.

O Partido Comunista convidou entretanto os seus parceiros socialistas para uma reunião na sede do Comité Central a efectuar esta manhã pelas 10 horas. Miterrand não aceitou este convite, mas isso não impede que volte à mesa das negociações depois do dia 19.

A direita, no poder, divulgou ontem um manifesto eleitoral (cujo texto tinha sido já enteriormente redigido), que visa fundamentalmente mostrar a sua unidade ante aquilo que parece ser a desunião da esquerda.

Greve geral paralisa a Colômbia

Com diversos choques entre a polícia e manifestantes, em Bogotá e outras cidades, transcorreu ontem a «greve cívica» decidida pelas centrais operárias colobianas e qualificada de «subversiva e ilegal» pelo Governo.

A situação tensa vivida nas primeiras horas começou a transformar-se em violenta quando grupos extremistas quiseram capitalizar o movimento e resolveram queimar autocarros e enfrentar as forças armadas.

A greve, ordenada pelas quatro centrais de trabalhadores colombianos, incluindo a comunista, começou a transcorrer no primeiro minutos de ontem e conseguiu paralisar cerca de 90 por cento das actividades de Bogotá, a cidada mais povoada do país com quase 4 milhões de habitantes.

O presidente Alfonso Lopez Michelsen acompanhou o movimento, passo a passo, reunido com os ministros da Defesa, Finanças, Trabalhos e Comunicações, enquanto as emissoras colombianas limitavam-se a ler os comunicados oficiais e notícias das agências internacionais.

Nos bairros de classe média de Bogotá não se registaram incidentes. Um porta-voz policial desmentiu por «não ter nenhuma informação», a morte de duas pessoas num choque com a polícia.

O governo municipal de Bogotá impôs o recolher obrigatório (das 20 às 5 horas locais), como forma de travar o início de violência que se manifestava. O recolher obrigatório foi severamente criticado pelas centrais operárias.

Durante a greve, os dirigentes das quatro centrais seguiam os acontecimentos reunidos «num lugar desconhecido» de Bogotá, para evitar a prisão.

A greve foi promovida para protestar contra o alto custo de vida, exigir um aumento geral de salários (mais 50 por cento do que os actuais), e por melhorias sociais para os trabalhadores colombianos.

traçou um quadro bastante sombrio da situação económica e social do país.

O MDB, que realizava o seu terceiro congresso extraordinário desde a sua fundação, há onze anos, deseja com este documento dar o sinal de partida para uma vasta campanha popular (que deverá começar em 20 de Setembro) a favor duma Assembleia Constituinte, esforçando-se assim por fazer pressão sobre o regime militar.

MÉXICO

Vinte e sete bombas explodiram nas cidades mexicanss de México, Guadalajara e Oaxaca, na noite de terça para quarta-feira.

BRASIL

O Movimento Democrático Brasileiro (MDB), único partido de oposição no Brasil, reclamou ontem um regresso à democracia e a convocação duma Assembleia Constituinte, enquanto fazia uma viva crítica ao regime militar, no poder desde 1964.

Reunidos em Brasília, num congresso extraordinário, os parlamentares do MDB aprovaram por aclamação um verdadeiro manifesto neste sentido, reflectindo, num tom bastante agressivo, apelos à «redemocratização», que se multiplicam desde há dois meses no Brasil.

O MDB, pediu igualmente uma amnistia política geral e

Demissão de Bert Lance admitida pela Casa Branca

. Numa mudança de 180 graus em relação às declarações ainda anteontem produzidas pelo porta-voz da Casa Branca, Jody Powei, em relação a Bert Lance, os jornalistas ouviram ontem dizer expressamente que o presidente Carter demitiria o seu director do Orçamento se as circunstâncias o exigirem.

Recorde-se que anteontem Powei declarara ser pouco provável a demissão de Lance e que esta a efectivar-se causaria surpresa. Na linguagem cifrada que caracteriza as informações da Casa Branca Powei declarou: «Se ele sentir que deve pedir a demissão, claro que o fará», acrescentando que Carter pensa que o próprio Lance se demitirá se o entender necessário.

Lance, acusado de práticas irreguiares, antes da sua entrada na Administração Carter, responde hoje a uma comissão senatorial, sendo voz pública que se demitirá logo depois de prestar o seu depoimento. Entretanto, Powei admitiu ter cometido um erro ao dar a um jornal de Chicago informações não fundamentadas sobre possíveis acções irreguiares do senador Percy (um dos maiores críticos de Bert Lance).

RFA

Governo aprova orçamento-78

. Dizendo que tem por objectivo a «reanimação da economia» e a «redução do índice de desemprego» que actualmente atinge 4,3 por cento da população activa do país, o Governo da RFA aprovou ontem, em Bona, o orçamento para 1978, que se eleva a 79 mil milhões de dólares, o que representa uma taxa de crescimento de 10,1 por cento em relação ao ano em curso. Com a fixação deste orçamento, o Governo de Helmut Schmidt calcula em 11.500 milhões de dólares, o endividamento das fazenda pública e a parte mais significativa como nos anos anteriores caberá aos ministérios do Trabalho (18 mil milhões de dólares) e da Defesa (14.300 milhões de dólares). O Conselho de Ministros modificou o projecto inicial, para, entre outras medidas, destinar 361,5 milhões de dólares para o «reforço dos efectivos policiais. Entretanto, a Democracia Cristã, que tem à frente Franz Josef Strauss, deu a entender que recusará este orçamento aquando da sua apresentação no Parlamento, ao mesmo tempo em que defende a isenção maciça de impostos».

Por outro lado, quanto ao caso Schlayer Helmut Schmidt, falando esta manhã ao Bundestag (Parlamento), disse que o Governo quer evitar mais derramamento de sangue e que não procurará medidas militares para libertar o presidente da Federação do Patronato da RFA, que permanece sequestrado, ao mesmo tempo em que pediu aos sequestradores que acabem com a sua «iniciativa demente».

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

NOTÍCIA NÃO CONFIRMADA

Cidade de Jijiga capturada aos etíopes

. Forças apoiadas pelos somalis tomaram a cidade etíope de Jijiga, após a maior batalha na guerra não declarada, que se trava há dois meses, segundo revelam notícias que não foram ainda confirmadas, disseram hoje fontes diplomáticas de Adis-Abeba.

Declararam que Jijiga, a principal base etíope de tanques e radar defronte da fronteira somali, a 65 quilómetros a Leste, fora conquistada na terça-feira, de acordo com as mesmas notícias.

As notícias não foram ainda confirmadas e não foi emitido qualquer comunicado pelo governo. Contudo, parece ter havido uma tentativa muitíssima mais séria dos somalis para tomarem a cidade de que a sua primeira arrancada, há duas semanas, quando penetraram em Jijiga e foram repelidos, continuaram.

Segundo a Somália, a guerra contra a Etiópia está a ser desencadeada por guerrilheiros da Frente de Libertação da Somália Ocidental (FLSO), com o apoio de Mogadixo.

A Somália afirma que a FLSO tomou e ocupou Jijiga, em 31 de Agosto. Na batalha principal e nas operações subsequentes de limpeza para conquistar aldeias nos arrabaldes da cidade e uma estrada montanhosa vital próxima, disse, 4000 soldados etíopes foram mortos, nove aviões abatidos e 52 tanques destruídos pelos guerrilheiros.

Entretanto, a Etiópia mostrou a um grupo de repórteres estrangeiros o que afirmou serem provas concretas da participação directa de tanques e veículos blindados somalis na guerra de Ogaden.

TRABALHISTAS VENCEM

Segunda reviravolta nas eleições da Noruega

. As eleições norueguesas sofreram hoje uma nova reviravolta, quando os socialistas arrebataram ao partido conservador o lugar na circunscrição de Nordland por apenas 142 votos, dando assim à coligação socialista-trabalhista a maioria no Parlamento.

O bloco socialista fica assim com 78 lugares, o que permite ao primeiro-ministro Odvar Nordli manter-se no poder.

O resultado dessa recontagem interrompeu uma reunião em Oslo entre representantes dos direitistas, do Partido do Centro e do Popular Cristão, quando discutiam a distribuição de pastas no «seu governo de coligação».

O presidente do Partido Conservador, Erling Norvik, classificou a reunião como as negociações a nível governamental mais curtas da história na Noruega.

Vencedor na recontagem, Hanna Kvanmo, deputado do Partido Socialista da Esquerda, estava a proceder a uma limpeza no seu gabinete quando soube a notícia da vitória.

Na terça-feira de manhã, aguardava-se que o governo trabalhista do primeiro-ministro Odvar Nordli continuasse no poder, após ganhar 76 dos 155 lugares no Parlamento, com o apoio do único representante, até ontem, do Partido Socialista da Esquerda.

Os democratas-cristãos haviam entretanto, arrebatado ao Partido Trabalhista um lugar no condado de Moere and Romsdal, na contagem dos votos por correspondência. Nessa altura a viragem foi provocada por 482 votos.

Essa primeira reviravolta ocorreu escassas horas depois de o Partido Trabalhista, com 77 lugares, e o Partido Socialista, com 1, terem sido proclamados vencedores na terça-feira de manhã.

A rádio norueguesa interrompeu a sua programação normal para anunciar esta segunda reviravolta. Anunciou também que a comissão eleitoral da circunscrição de Nordland, que inclui grandes cidades como Bodoe e Narvik, pode pedir nova contagem dos votos se considerar necessário.

Holanda: não à África do Sul

. Os três partidos da Holanda decidiram que o próximo governo deixará de conceder garantias de crédito e outros benefícios aos exportadores para a Africa do Sul.

A decisão dos três partidos holandeses foi tomada durante a redacção do programa do próximo governo de coligação. Trata-se dos Partidos Socialista, Democrata-Cristão e Centrista.

SINDICATO DOS TRABALHADORES GRÁFICOS DO SUL E ILHAS ADJACENTES

MOÇÃO

— Considerando que a Constituição determina e defende, que aos trabalhadores é reconhecida a liberdade sindical;

— Considerando que a Constituição consagra e defende o direito ao trabalho de todos os trabalhadores;

— Considerando que a Constituição consagra o direito de os trabalhadores constituírem livremente CTs para defesa dos seus direitos e intervenção democrática na vida das empresas, visando o reforço da unidade dos trabalhadores e a sua mobilização para o processo revolucionário e de construção do poder democrático dos trabalhadores;

Considerando que esta arbitrariedade se insere na vasta escalada repressiva do Governo:

Considerando que a Constituição consagra e determina todos estes princípios que o Governo, cedendo ao imperialismo e à reacção interna contraria, e, para o efeito, executa uma política de repressão legislativa e física com a finalidade de destruir todas as conquistas dos trabalhadores.

Os delegados e Dirigentes Sindicais Gráficos reunidos em plenário na sede do seu Sindicato no dia 13.9.77, decidem:

1. Repudiar vivamente a prisão arbitrária da CT «LUÍS PEDRO MENDONÇA» pelas forças da GNR por ordem do Governo.
2. Exigir do Governo que cesse de atentar contra as conquistas dos trabalhadores e cumpra a Constituição.
3. Manifestar a sua solidariedade aos camaradas da «LUÍS PEDRO MENDONÇA», lembrando-lhes que não estão sós na luta pela defesa das conquistas de Abril, contra os inimigos da democracia e do progresso social.

PELO DIREITO AO TRABALHO!
PELA DEFESA DAS LIBERDADES!
CONTRA A POLÍTICA ANTIPATRIÓTICA E ANTI-POPULAR DO GOVERNO!

Aprovada por unanimidade

Lisboa, 13/9/77

Crítica de Música

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Festival em retrospectiva

Sequeira Costa: rigor beethoveniano

. Vários recitais importantes assinalaram o III Festival da Costa do Sol. Refiro-me, em primeiro lugar ao programa realizado pelo duo húngaro Dénes Kóvacs-Maria Szaboky, compreendendo obras de Bach, Beethoven, Debussy, Bartok e Brahms. Dos atributos que geralmente estão na base dos melhores conjuntos de câmara a coesão, a unidade espiritual dos intérpretes, o equilíbrio das aptidões de execução — passo aos que pareceram mais específicos, sobretudo na linha interpretativa do violino: aqueles que, pressupondo uma escola, uma técnica perfeitamente dominada, opções estéticas muito conscientes, a construção da obra segundo uma precisa concepção de estilo e de «conteúdo», permitiriam com legitimidade afirmar que Dénes Kóvacs usou para cada peça (cada compositor) um violino diferente. Fez no violino, e não só de obra para obra mas também de andamento para andamento, o que normalmente só aos organistas é dado: «programar» o instrumento segundo uma determinada registação considerada mais conveniente à substância de tal ou tal fragmento e da obra do seu conjunto.

Raramente se encontra, mesmo entre os maiores violinistas (e nisto um Oistrakh, por exemplo, era mestre) uma tão grande capacidade de fixar a cor (o timbre) do violino em função de um propósito expressivo.

Outro duo de altíssima craveira, que se apresentou nesta 3.ª edição do Festival da Costa do Sol, no qual aliás vem participando regularmente, é o de Marianne Clément e Raul Sanchez, respectivamente em flauta e guitarra. Percorreram quatro séculos de música italiana perante um auditório em entusiasmo crescente. No fim, a surpresa extraprograma de um dos «Tre capriccetti» que Lopes Graça compôs em 1975, dedicados aliás a estes mesmos artistas.

Trata-se de música da mais *essencial* de entre a que o autor das *Catorze Anotações* tem escrito nos últimos anos. Continuando extremamente fecundo nas diferentes direcções em que realiza a unidade da sua obra, Lopes Graça continua também a renovar-se e a assumir um papel de vanguarda dentro das coordenadas histórico-culturais em que a sua actividade criadora desde o início se inseriu. As peças para flauta e guitarra representam algo de inédito na sua trajectória: não importa aqui sublinhar a combinação instrumental (essa também inédita), mas a linguagem, tão peculiarmente nova no reformular de um mundo sonoro onde domina, embora com uma certa ambiguidade, a base tonal.

A força da peça exemplarmente interpretada por Marianne Clément e Raul Sanchez, horas depois de terem concluído a gravação de um disco com a quase tonalidade das obras do compositor para os dois instrumentos, reflectiu-se, de resto, na forma como o público correspondeu, talvez surpreendido por aquela música vir de quem vem.

Mais dois artistas se encontram, para fazer música de câmara, no âmbito do Festival: Dulce Cabrita (mezzo-soprano) e Filipe de Sousa (piano). Programa de *Lieder* muito bem organizado, começando em Hugo Wolf e prosseguindo por Richard Strauss, Alban Berg, Erik Satie, George Gershwin e Filipe de Sousa. De assinalar, em primeiro lugar, a articulação alcançada entre os intérpretes, dado que, tanto quanto sei, é a primeira vez que trabalham em conjunto. Filipe de Sousa, de resto, revela-se não apenas um pianista notável na difícil função de «acompanhar» mas ainda um compositor que domina inteiramente a forma de *Lied*, a avaliar pelas peças agora realizadas neste concerto, respectivamente «Two negro poems», sobre textos de Langston Highs, escritos em 1948, e «Trois poèmes d'amour», sobre Paul Éluard, estes de 1951. Quanto a Dulce Cabrita, são conhecidas as suas faculdades de cantora, sobretudo no género *Lied*, que tão longe tem levado através do estudo e de uma prática assídua, de colaboração com Lopes Graça, com quem se apresenta frequentemente em recitais de canto e de cuja obra é, sem dúvida, hoje em dia, a intérprete mais qualificada. O seu recital com Filipe de Sousa foi mais uma prova brilhante da sua capacidade. Deixo, no entanto, à reflexão da cantora duas questões: 1.ª) Até que ponto não será de evitar a sobrecarga da intencionalidade cénica para além da «encenação» que já existe no texto e na música? 2.ª) E não será maneirismo a corrigir uma certa propensão para absorver o som, nos «pianissimi», desligando, por vezes, o «ataque» do resto da nota sustentada?

Três sonatas de Beethoven constituiram o programa que Sequeira Costa interpretou em Queluz. Bem preparado, e com o costumado rigor na execução beethoveniana, herdado do seu mestre Viana da Mota, repensado através do contacto, com a moderna escola soviética, Sequeira Costa proporcionou-nos sem dúvida um dos seus melhores recitais. Se a produção de discos estivesse suficientemente desenvolvida em Portugal, bem se justificava a gravação integral das Sonatas de Beethoven por este pianista. É um ponto de referência histórica da nossa cultura musical que naturalmente perderemos por insuficiência de infra-estruturas ou talvez antes de iniciativa daqules a quem compete a responsabilidade de pensar nestas coisas.

Uma breve referência ainda ao concerto da Orquestra Gulbenkian, em que Oliveira Lopes foi solista de uma cantata de Bach e dos «Seis cantos sefardins» de Lopes-Graça, num programa que também compreendia uma abertura de Vivaldi e a Sinfonia em ré menor («La casa del diavolo») de Boccherini. Na estante de direcção, Ciadio Scimone com o seu estilo não isento de humor, fortemente crítico em relação ao maestro «compenetrado» tradicional, dirigindo realmente uma orquestra que de antemão já sabe o que ele quer, obtendo certeza e ao mesmo tempo um grande entusiasmo de execução dos instrumentistas. A colecção de «Seis cantos sefardins», outra das obras mais recentes de Lopes Graça, igualmente inovadora, aqui na linha da recriação dos cantos populares tradicionais, foi bastante prejudicada pelas condições acústicas da sala, dada a diversidade e o tipo de instrumental utilizado, designadamente no sector da percussão. Espera-se que de futuro, a organização do Festival não insista na Igreja da Assunção, em Cascais para concertos com orquestra. Oliveira Lopes, é claro, ouvia-se distintamente, correspondendo com eficácia ás solicitações técnicas de estilo e de expressão das duas obras que interpretou.

Na véspera a mesma sala revelara condições acústicas muito mais favoráveis para a música coral. Refiro-me ao memorável concerto pelo Coro da Academia Médica de Gdansk (Polónia) que, sob a direcção do maestro Ireneusz Lukaszewski, interpretou primorosamente um repertório exigente abrangendo quatro séculos de história da música. É surpreendente — e tem um profundo significado cultural, social e até político — que jovens estudantes de Medicina, por espírito puramente amador, possam atingir uma tão elevada qualidade artística e uma tão sólida preparação técnica. E diz muito acerca do maestro, o saber-se que é da sua inteira responsabilidade a tarefa de transformar (no curto período de três quatro ou cinco anos) jovens amadores num colectivo de cantores tão capaz e tão musical como os melhores coros profissionais.

Scimone: o humor na direcção

TEATRO ABC
TELEFONE 36 67 45
Esp. não acons. men. 18 anos

SÉRGIO DE AZEVEDO apresenta

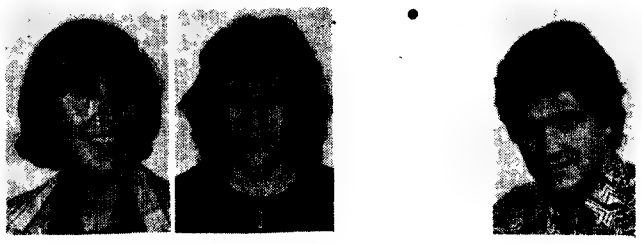
ESTREIA AMANHÃ

O ORIGINAL DE CÉSAR DE OLIVEIRA, R. BRACINHA E ARY DOS SANTOS, montagem de MÁRIO ALBERTO, música de THILO KRASMAN, PAULO DE CARVALHO E JOSÉ LUÍS SIMÕES, maquetas de HERNÂNI LOPES, cenografia de JOSÉ MANUEL E REBOCHO

DIRECÇÃO DE VARELA SILVA

A "RIA" ALMENTE GRANDE E POPULAR REVISTA QUE TODO O PAÍS ESPERAVA

IVONE SILVA OCTÁVIO MATOS HERMAN JOSÉ NATÁLIA SOUSA



FERNANDA BORSATTI JÚLIO CÉSAR
participações especiais

VASCO RAFAEL
A nova voz da canção

BALLET STAR DANCER'S

200 TRABALHADORES NA REALIZAÇÃO DESTE MAGNÍFICO ESPECTÁCULO

BILHETES À VENDA

SINDICATO DAS ACTIVIDADES CINEMATOGRÁFICAS

Rua D. Pedro V 60-1.º Esq. LISBOA

AVISO IMPORTANTE

Cinema Estúdio 444

1 — Como é do conhecimento dos espectadores do Estúdio 444 (cinema) a empresa proprietária resolveu unilateralmente em Junho do ano em curso instalar máquinas de venda de bilhetes sem marcação de lugares, em substituição dos bilhetes tradicionais.

2 — Este facto lesa o público, os trabalhadores e a própria empresa.

3 — Lesa o público que deixa de ter a certeza de poder assistir á exibição do filme nos lugares que livremente escolheu, eventualmente ao lado dos acompanhantes.

4 — Lesa a empresa, porque não se vendem tantos bilheres (dada a incerteza dos espectadores em ficarem na 1.ª fila) como os que se venderiam.

5 — Nestes termos e logo que o Sindicato teve conhecimento manifestou junto da gerência o protesto de inúmeos espectadores que se lhe dirigiram.

6 — Para o efeito houve lugar a uma reunião entre o Sindicato e um representante da empresa, na sede da Associação Patronal e na qual se estabeleceu um consenso, reiterado posteriormente por escrito, no qual a empresa parecia aceitar o diálogo e informava retirar oportunamente as máquinas, voltando à venda de bilhetes numerados e marcados.

7 — Mais tarde, deu pura e simplesmente o dito por não dito.

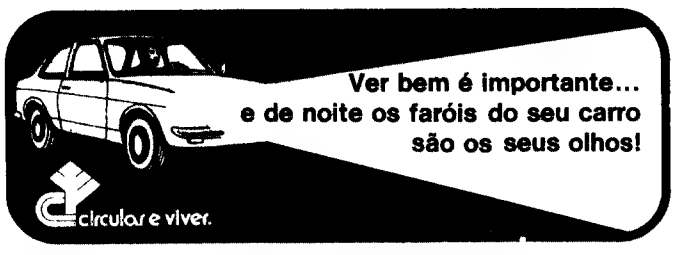
8 — Tal reflecte uma forma de actuar que o Sindicato não pode deixar passar em claro, por ser lesiva do público.

9 — Resta pois informar o público do Estúdio 444 das diligências efectuadas pelo Sindicato e esperar que sejam tomadas as medidas que a situação aconselha, até que se retirem as máquinas, o que se conseguirá a partir do momento em que a empresa detecte que a frequência é nula.

10 — Esta posição foi tomada em reunião geral de sócios do Sindicato no dia 10/9/77.

Lisboa, 12/9/77

O Conselho Directivo do Sindicato da Actividade Cinematográfica



Grupo de teatro do Hotel Eva

. Uma experiência de certo modo inovadora e aliciante está a ser levada a cabo pelos trabalhadores do Hotel Eva de Faro que, sob a divisa «Quando queremos tudo podemos», fundaram há cerca de dois meses um grupo de teatro, tendo já levado à cena a peça «O Contraste», da autoria de um dos seus elementos, José da Silva Guerreiro.

Pretendendo ser um «motor de arranque» que incentiva o aparecimento de outros grupos de teatro em empresas do ramo no Algarve e não só, o GATTHE (Grupo de Animação Teatral dos Trabalhadores do Hotel Eva) irá levar «O Contraste» aos trabalhadores dos hoteis Quarteirasol, Algarves, Balaia, Pedras d'El Rei, e de unidades hoteleiras em Vila Real de Santo António, Portimão e Beja. Para além disso, como o Hotel Eva é uma unidade nacionalizada, englobada na Rodoviária Nacional, encontra-se em estudo a deslocação do Grupo à zona de Lisboa, para representações nas sedes de alguns centros de actividade daquela empresa.

O autor da peça, José da Silva Guerreiro, fez a instrução primária já adulto, e desempenha neste momento as funções de porteiro no Hotel Eva.

Cenas & Cenários

Eugénio Salvador e Henrique Santana, rodeados do restante elenco do Maria Vitória que, dentro de dias, irá estrear a revista «Alto e pára o baile», de que são autores (em coligação com o jornalista Augusto Fraga). Outros nomes do elenco: Delfina Cruz, Joel Branco, Verónica, Igor Sampaio e a fadista Cidália Moreira. As melodias são da responsabilidade de Frederico Valério, João Vaconcelos e Jorge Machado, enquanto a coreografia tem assinatura de José Luís Ardis.

«ATIRA O BARRETE AO AR!», o último espectáculo da Cooperativa Teatro Popular de Almada, entrou n.º 2.º mês na Academia Almadense, onde se exibe todas as noites às 21.30 e aos domingos também às 16 horas.

Números como «Compadre Malaquias», «Novo fado do Cacilheiro», «Homenagem a António Aleixo», «Todo o Mundo e Ninguém», «Casal do Côco», «Chegada dos Patrões», «Reformado», e «A Família da Vedeta», fazem desta revista de José Viana um dos maiores êxitos do género, nestes últimos tempos.

«ATIRA O BARRETE AO AR!» é interpretado por Joeé Viana, Maria Duice, Dora Leal, pela primeira vez neste género Rogério Paulo, António Anjos, António Machado, Carlos Ivo, Elisa de Guisette, Janine Osório, Manuel Coelho, Maria Alexandra e Maria Helena Silva.

Os acompanhamentos musicais estão a cargo do conjunto de Jorge Nascimento.

Novos discos

«ESTAMOS VIVOS!»

«Estamos Vivos!» é o título do novo «LP» de Fernando Tordo e Ary dos Santos que acaba de ser publicado pela Cooperativa «Toma lá disco».

São dez poemas cantados por Fernando Tordo, com acompanhamento de um conjunto constituído, entre outros, por piano (Pedro Osório) acordeão (Helder Reis, guitarras (Carlos Menezes e Armindo), viola-baixo e contrabaixo (Zé Eduardo e Luís Duarte), bateria (Vítor Mamede), percussão (Paulo de Carvalho, Pedro Osório e Fernando Tordo), coros (Argentina, Adélia, Paulo, Fernando), e uma orquestra onde avultam alguns dos nossos mais categorizados instrumentistas profissionais. Os arranjos e a direcção de orquestra são de Joaquim Luís Gomes e Pedro Osório. A abrir as dez canções, que prometem ser outros tantos êxitos em breve na voz do povo, o poema que termina assim: «Asmáticos agrários/Reumáticos banqueiros/ Ciáticos doutores/ Hieráticos reaças/ Fanáticos fascistas/ Estáticos senhores».

A capa é de Henrique Ruivo

«CLASSICAMENTE AMADORES»

O Quarteto Zimarlino, de instrumentos de cordas palhetadas, embora pratique de há muito a música de câmara, só agora começou a ganhar uma certa popularidade, devido à sua participação com o Grupo de Teatro de Campolide na peça de Virgílio Martinho «1383». Os instrumentos em questão são dois bandolins, uma bandola e um bandoloncelo, que correspondem, de certo modo, à composição clássica do quarteto de cordas.

Este agrupamento, que neste disco inclui obras de Telemann, Scarlatti e Mozart, existe graças à dedicação e ao verdadeiro espírito artístico amador dos seus membros: Bernardo Nascimento, José Grazina, Eduardo Marques e Analide Ferreira.

Lançamento da Cooperativa «Toma lá disco».

"Filho de Sam" no cinema

A vida do «Filho de Sam», o assassino recentemente capturado em Nova Iorque, será levada ao cinema pela Lorinar Productions, uma casa que começou a rodar filmes para a TV e passou desde há um ano a trabalhar para o grande «Écran».

O autor do argumento é o jornalista do «Daily News», de Nova Iorque, Jimmy Breslin.

BEKIM ★ IRENE ★ JULIETTE
FEMIU PAPAS MAYNIEL
Revivem a espectacular ODISSEIA de Homero
AS AVENTURAS DE ULISSES

AMANHÃ ESTREIA 21,30
MUNDIAL
Direcção de FRANCO ROSSI
ASTÓRIA FILMES
Não aconselhável a menores de 13 anos

O FENÓMENO MAIS ESPECTACULAR DA HISTÓRIA DO CINEMA!

O FILME DAS MULTIDÕES
O REGRESSO DE
KING KONG
COM
RHODES REASON • LINDA MILLER
E
KING KONG
SUPERVISÃO DE ARTHUR RANKIN
EXCLUSIVO MUNDIAL FILMES
POLITEAMA
OXFORD
EM CASCAIS
HOJE ESTREIA
Não aconselhável a menores de 18 anos
ab eine
BREVEMENTE NO PORTO CINEMA BATALHA

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

ISTO NÃO VAI BEM NEM MESMO PARA OS DEFICIENTES

. Foram três os temas que anteontem dominaram o **Mosaico**. No primeiro, assistimos ao problema da reabilitação dos deficientes no nosso país. A mesa-redonda, moderada pelo palavroso Gomes Ferreira, contou com a presença de Cristina Viegas, Ferreira Pinto e Carlos Pereira. Como parte mais curiosa da emissão, a reportagem inglesa da actividade dos deficientes no desporto. Não é todos os dias, por exemplo, que vemos cegos a jogar futebol. Cegos propriamente ditos, porque, quanto aos outros, basta assistir a tantos e tantos jogos da categoria principal.

O resto foi conversa longa, arrastada, penosa que o «tempo» televisual já não consente (pelo menos nos moldes em que foi feita). Por outro lado, assistiu-se a uma que suponho exagerada convicção de que estão criadas as estruturas que vão permitir reabilitação dos deficientes. Estes optimismos pagam-se caro em frustrações, desânimos, desencantos.

Num país, como o nosso em que os escorreitos (alguns ainda há, caramba!) não possuem nenhuma possibilidade por exemplo de prática desportiva, como supor que tal problema pode vir a ser resolvido, a médio prazo, para os deficientes?

O Secretariado Nacional de Reabilitação nada resolverá pelo facto de existir. Nada de ilusões. Quando muito, proverá a um ou outro caso isolado.

Aliás, não será um pouco assim que sucede èm Inglaterra donde nos veio o documentário? Não será que esse documentário representa qualquer coisa como um filme de ficção do futuro? Por outras palavras: será que uma sociedade mercantilista, óptima geradora de deficiências, está mesmo resolvida a recuperar os deficientes de que é responsável?

. Não sejamos tão ingénuos.

E MIGRAÇÃO E CONFUSÃO

A reportagem sobre as férias dos emigrantes em Portugal, além de extremamente fragmentada e dispersa, resultou confusa, pese embora o seu aparente dinamismo.

O problema é demasiado vasto para ser entendido através de amostragens tão precárias. Há quem fique, há quem regresse, há quem trabalhe mais em França, há quem trabalhe mais em Portugal, há quem trabalhe o mesmo. Há quem afirme a igualdade de tratamento para trabalhadores nacionais ou estrangeiros; há quem negue essa igualdade e se refira a casos de nitido racismo.

A confusão permaneceu e foi pena que assim acontecesse. Porque não importa o que as pessoas dizem: importa a consciência, a experiência em que assentam os juízos. Neste caso, o ideal seria portanto ouvir os emigrantes responsáveis de uma situação, conscientes dela. Por que desprezou a RTP, de maneira tão ostensiva, o encontro dos emigrantes das Beiras, organizado pelo **Jornal do Fundão**? Porquê, inclusivamente, o nome do **Jornal do Fundão** foi praticamente ignorado?

. Porquê, pergunto, em vez de andar ó tio, ó tio, à procura de emigrantes apressados e isolados, não foi esta reportagem ouvir os emigrantes que produziram no Fundão, por iniciativa de um homem chamado Antônio Paulouro, trabalho tão valioso para o entendimento do fenómeno? Porque? Mistério...

Uma coisa ficou no entanto clara: as nações que negam o suor dos emigrantes e se enriquecem à custa deles, estão a dar-lhes com os pés. O que não podem fazer, com igual descaramento e facilidade, aos trabalhadores nacionais.

Quem comeu a carne aos trabalhadores portugueses, não lhes quer comer os ossos. Pois...

CADEIAS E M CADEIA

No terceiro capítulo do **Mosaico** assistimos a uma prisão-modelo na Dinamarca. Os muros são altos, como em qualquer prisão, e como em qualquer prisão são inflexiveis as medidas para impedir as fugas.

Os prisioneiros são-no em grande parte por motivos relacionados com a droga. Ficamos a saber que a prisão tudo fará para os ajudar a reocupar o seu lugar na sociedade.

Pessoalmente, e salvo o devido respeito, acharia preferível que a sociedade tudo fizesse para que aqueles indivíduos não ocupassem o seu lugar na prisão. Acabemos, de vez para sempre, com esta hi-

Continua na pág 22

Hoje

Os Paladinos

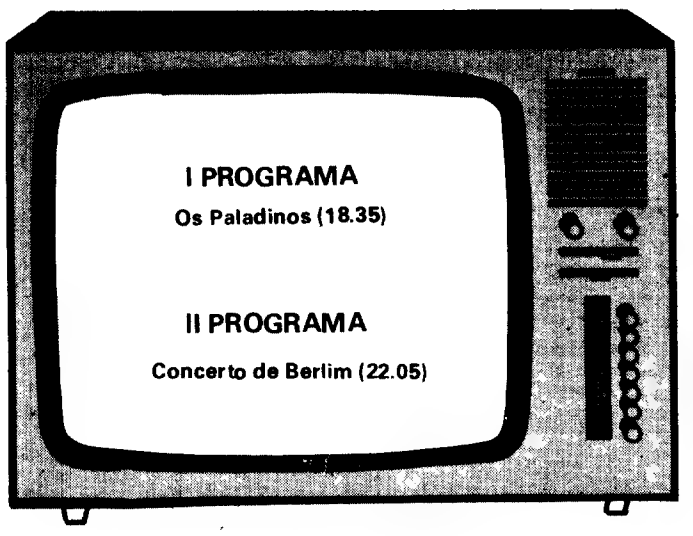
I PROGRAMA

18.30 Abertura e Telejornal _ 1.ª edição
18.35 Os Paladinos _ «Três Camaradas» _ 1.º episódio
19.00 Aventuras dos Hardy
19.30 Tempo de desporto _ As motivações desportistas
20.00 Telejornal _ 2.ª edição
20.30 Gabriela _ Baseado na obra de Jorge Amado. Uma produção da Rede Globo de Televisão
21.10 Boletim Meteorológico
21.20 Vamos jogar no Totobola
21.35 O Homem e a Terra «O Abelharuco» _ Um programa do professor Rodriguez de la Fuente dedicado à Fauna Ibérica
22.05 Reportagem do exterior
23.00 Telejornal _ 3.ª edição. Últimas notícias
23.20 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

21.02 Telejornal _ 2.ª edição
21.30 Gabriela (repetição)
22.05 Concerto de Berlim _ Concerto inaugural da Exposição de Rádio e Televisão de Berlim, pela Orquestra Sinfónica da Rádio de Berlim
23.25 Fecho.



Amanhã

I PROGRAMA

18.30: Abertura e Telejornal _ 1.ª edição; 18.35: Jardins Zoológicos de todo o Mundo; 19.00: Abre-te Sésamo; 19.30: A ideia e a imagem; 20.00: Telejornal _ 2.ª edição; 20.35: Gabriela; 21.05: Boletim Meteorológico; 21.10: «Órfeu 9» _ Ópera Pop de Tito Schipa Júnior; 22.40: Telejornal _ 3.ª edição; 23.05: Fecho.

II PROGRAMA

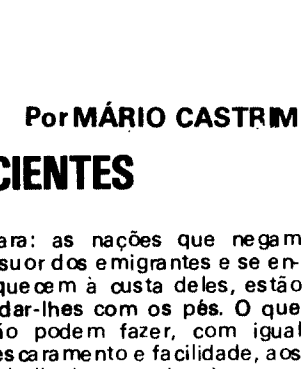
21.00: Abertura e Telejornal; 21.35: Gabriela (repetição); 22.10: Histórias da Musica Wolf; 22.40: Histórias Insólitas; 23.30: Fecho

teatro do bairro alto — 2 SALAS 2 ESPECTACULOS — teatro do bairro alto

teatro da Cornucópia
Casimiro e Carolina de Ödön von Horváth
3.º MÊS
«Algo de muito importante» (M. Azevedo, «D. Notícias»)
Todas as noites às 21 e 30
Sábados às 18 e 21 e 30
Domingos só às 18
Subsídio da SEC

os cómicos
APRESENTAM
A GUARDA
DE
BENIAMINO
JOPPOLO
com
Antonino Solmer, Fernando Heitor, Lia Gama, Luís Lucas, Teresa Madruga e Zé Eduardo.
Todos os dias às 21 e 30
Domingos SÓ às 18 h
2.ª feira _ Dia de descanso
Subsidiados pela SEC

ESTREIA AMANHÃ, ÀS 21,30
tel. 320000 TRINDADE-INATEL
DO AUTOR DE "O PAGADOR DE PROMESSAS"
O SANTO INQUÉRITO
A. DIAS GOMES
Enc. de JOAQUIM BENITE
TODOS OS DIAS ÀS 2 30
DOMINGOS ÀS 16 E 2 30
SEGUNDA FEIRA DESCANSO
ANTÓNIO ASSUNÇÃO
GUIDA MARIA
JOÃO GUEDES
Grupo de Campolide


IRENE ISIDRO
7 MESES EM CENA NO TEATRO LAURA ALVES
NA RUA DA PALMA
TEL. 864756
TODAS AS NOITES ÀS 21,30
MATINÉES: DOMINGOS ÀS 16 h
ÀS 2.as FEIRAS NÃO HÁ ESPECTÁCULO
UMA COMÉDIA DE José Vilhena
CALCINHAS AMARELAS
com
IRENE ISIDRO
BARROSO LOPES
MANUELA MARIA
LUIZ HORTA
CARLOS MIGUEL
TEREZA ZILOC
MARIA JOÃO
PAULA LIMÃO
80.000 ESPECTADORES JÁ VIRAM ESTAS CALCINHAS!

37 500 PESSOAS JÁ VIRAM
Ó CALINAS CALA A BOCA!
UMA REVISTA
AS CONFUSÕES DO NICHOLSON
DE VIVER A RIR!...
UM ÊXITO JÁ EM 2.º MÊS
VENHA VOCÊ VER TAMBÉM
ERMELINDA DUARTE ● FRANCISCO NICHOLSON
HENRIQUE VIANA ● MAGDA ● MARIA TAVARES
e ainda
FÁTIMA VELOSO ● FERNANDO OLIVEIRA
MARIA N'ZAMBI ● VASCONCELOS VIANA
ADÓQUE teatro
NO MARTIM MONIZ
TODAS AS NOITES (20.30/22.45)
MATINÉES AOS DOMINGOS
Telefone 874476 FOLGA ÀS SEGUNDAS-FEIRAS

TEATRO DA COMUNA
Pç. Espanha (Metro Palhavã)
A BARRACA
Com: Fernanda Lapa, Jorge Gonçalves, José M. Osório, Luís Lello, Manuel Marcelino, Maria Céu Guerra, Mário Viegas, Paula Guedes, Júlio Pereira, Sheila Charlesworth
(m/13 anos)
BARRACA CONTA TIRADENTES
encenador: A. Boal
3.º A SÁBADO: 21h15
(marcações pelo tele 762624)

GTH
GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA
Tr. S. Vicente, 11 - 875626
a comédia
A ESTALAJADEIRA
de Goldoni
Diariamente às 21.30 h
TARDES _ Sábados às 16 h
Domingos, só às 18h. Folga às 2.as Feiras
SUBSÍDIO DA SEC

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS _ SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

"TAÇA DAS TAÇAS": COLÓNIA, 2-PORTO, 2

Seninho era "o homem a abater"

Daniel Reis em Colónia
enviado especial do "DL"

COLÓNIA — O FC Porto empatou aqui ontem à noite (por 2-2) no 1.º jogo da sua eliminatória com o FC Koln, a contar para a Taça dos Vencedores das Taças e fê-lo de uma forma perfeitamente natural e justa em termos de lhe podermos conceder as mais fortes esperanças para o desfecho da eliminatória, que se completa em Coimbra, daqui a 15 dias.

O homem do quadro electrónico parecia adivinhar, antes do jogo, o que mais tarde se iria passar: ao dar a constituição da equipa portista aos 20 mil espectadores que acorreram ao belo Mungersdorger Stadium, onde devia aparecer o nome de Seninho apresentou Sininho, exactamente com i: e o número 11 do Porto foi um sininho a dar a dar, na cabeça do ex-guia do campeonato alemão, causando-lhe autênticas tonturas. Como explicou no final o seu treinador Weisweiler (que já orientou o Barcelona) os nervos começaram-lhe a tremer e o Koln nunca mais se encontrou como grande equipa que devia ser. Pelo lado direito correu quase todo o perigo forjado pelo F C Porto. Por aí se marcaram os dois golos: o primeiro, num lance ofensivo de Seninho, mal cortado pela defesa que permitiu a Gabriel recuperar a bola, passar todos os defesas e marcar, ficando por cima do guarda-redes; o segundo foi o próprio Seninho que o conduziu, levando a bola até à linha de fundo para daí cruzar até Octávio, que enviou a bola para o fundo da rede, à segunda tentativa, do lado oposto do campo.

Seria ingrato destacar individualidades, nesta homogénea equipa do F C Porto. Já que falámos em Seninho, devemos sublinhar também as actuações de Freitas, Oliveira e Gabriel. O primeiro foi insuperável quando em movimento, só sentindo algumas dificuldades em lances de bola parada. Isto é: «livres», pontapés de «canto» e lançamentos laterais. Foi em lances destes que os alemães marcaram, aliás, os seus dois golos. O segundo foi uma óptima alternativa para o ataque, sempre que a marcação a Seninho se tornava mais apertada, jogador apresentado pela Imprensa alemã como «o homem a abater». O terceiro, não só por ter interpretado a espectacular jogada do golo, mas, também, pela perfeição como jogou, desnorteando o extremo-esquerdo alemão, Lohr de seu nome.

Estiveram muitas pessoas do Porto no Estádio de Colónia. Houve, mesmo, momentos em que os adeptos portistas chegaram a abafar a «claque» local, em intensidade e volume de aplausos. Esta «claque» portista acabaria até por gritar, na parte final do jogo: **Só mais um! Só mais um!** tal era a bela situação que atravessava em campo o F C Porto.

Na véspera, os jornais tinham criado um clima manifestamente negativo ao clube português, publicando fotografias do «célebre» jogo de Hamburgo, nomeadamente Octávio em transe e Murça em séria discussão com o árbitro. Houve (mesmo) quem chamasse ao Porto uma das equipas mais violentas da Europa neste quadro inocente... Tudo isto contribuiu para uns pequenos atritos iniciais que, rapidamente, foram sanados.

O primeiro quarto de hora foi aflitivo para a turma portista onde, em três lances sucessivos, Fonseca quase deixava escapar uma bola para bem dentro da pequena área, enviando outra para a cabeceira em situação de apuro e acabando por sofrer um golo na sequência desse pontapé de «canto», em lance que nos pareceu dever pertencer-lhe. Após o jogo, o guardião azul-branco explicar-nos-ia que tinha sido forçado a provocar o «canto» porque não tinha conseguido controlar a bola. Quanto ao golo, ele estava perante dois companheiros e dois adversários. Aliás, ambos os jogadores alemães (Flohe e Lohr) ficaram com a bola na cabeça, e a marcação de «cantos» havia de tornar-se a fonte principal de temores para a equipa portuguesa, dado que os avançados alemães são muito altos. A equipa teutónica está muito bem treinada na marcação destes pontapés: um pormenor de muito interesse e a ter em conta para o jogo da 2.ª mão, porquanto os alemães, com a bola a correr, não nos parecem tão excepcionais como se afirmava que eram.

Relativamente ao jogo de sábado, em que o F C Porto perdeu no Estoril, as diferenças da equipa são totais: para melhor, evidentemente. Muita humildade, sentido de entreajuda, preocupação constante em não cometer erros (sobretudo na marcação individual) e velocidade quando a equipa partia para o ataque, utilizando sistematicamente os extremos, como forma de penetrar na forte defesa contrária.

Praticamente, o Porto jogou com 4 defesas, tendo o meio campo entregue a outros quatro, vendo-se muitas vezes Duda e Oliveira a prestarem ajuda ao ataque estando Seninho colocado sempre na frente, quase colado à linha lateral direita, segurando (assim) pelo menos dois defesas, o que resultaria bem.

A satisfação era evidente, depois do jogo quando futebolistas, técnicos e acompanhantes se juntaram para jantar num restaurante (propriedade de um cidadão português) onde, inclusivamente, se cantou. Já (antes) uma cadeia de Televisão, referindo os resultados das cinco equipas alemãs envolvidas em competições europeias, havia referido os resultados, verificando-se que só o F C Porto causara intranquilidade. Os quatro cartões amarelos mostrados a Duda, Gabriel, Rodolfo e Celso, foram o menos em relação à satisfação causada pelo resultado deste jogo. E o Koln teve de se vergar, no seu próprio terreno, a uma superior exibição do conjunto treinado por José Maria Pedroto conforme dizia, no final, o técnico portista, **o Koln merece todo o respeito do F C Porto e embora não estejamos eufóricos a eliminatória pode ser perfeitamente ganha pelo Porto.**

Essa é (por igual) a convicção absoluta de quantos assistiram ao resgate portista em terras germânicas.

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Estoril · Faro · Porto · Funchal

Duda: também sensacional

"TAÇA UEFA": BOAVISTA,1-LAZIO,0

Difícil mas saboroso

Comentário por Manuel Neto

Vencer os romanos do Lazio foi um «bico de obra» para o Boavista. Tal como previramos, as dificuldades que se depararam à turma «axadrezada» foram enormes, e só a muita aplicação, acompanhada de uma pontinha de sorte, conseguiu levar de vencida uma equipa que, desde o primeiro ao último minuto, tudo fez para não sair derrotada do Estádio das Antas. Foi, na verdade, notável o comportamento dos pupilos de Fernando Caiado, sobretudo a partir do momento em que as forças começaram a escassear e foi necessário fazer um apelo ao espírito de sacrifício de cada um. Pode dizer-se que a vitória tangencial é pouco convincente, mas deverá constituir o melhor estímulo para o jogo da 2.ª «mão», daqui a 15 dias.

A história do jogo é simples. Enquanto no tempo o Boavista conseguiu equilibrar a partida, mercê do sistema adoptado por Caiado (em que Albertino funcionou como «charneira» na transposição da bola da defesa para o ataque), no período complementar o domínio pertenceu por completo aos italianos, que proporcionaram um excelente espectáculo e criaram também muitas apreensões para o jogo de Roma.

Vinicius de Meneses foi, com efeito, um homem de palavra. A sua equipa praticou um futebol tipo europeu, onde a versatilidade e a técnica andaram de mãos dadas. O Lazio surpreendeu tudo e todos pela sua maneira de jogar, nada identificada com o sistema de jogo italiano: e, também, pela excelente condição física de todos os componentes. Trata-se de um conjunto que pratica o «futeboi total» e portanto está tudo dito.

O Boavista «europeu» foi, igualmente, uma surpresa. Os jogos que a equipa disputou para o campeonato nacional, sobretudo o realizado na Póvoa de Varzim, fizeram com que muita gente receasse o pior, já que (conforme o próprio Fernando Caiado reconhece) a equipa ainda está longe da sua melhor forma, além de que tem lutado contra as lesões que logo de início fizeram mossa. O certo, porém, é que o Boavista se transcendeu a si próprio e, na hora própria, soube manter o bom nome já granjeado em edições anteriores. O futeboi praticado pela turma boavisteira assentou, fundamentalmente, no trabalho realizado pelo quarteto do meio-campo. Foi aí, nessa zona vital do terreno, que Fernando Caiado apostou: e foi aí que se forjaram as jogadas de maior perigo, mormente aquela que haveria de resultar no primeiro e único golo do encontro.

Para fugir à marcação implacável dos italianos (que o diqam Moínhos e Salvador...), Albertino jogou mais recuado do que o habitual. O técnico Vinicius só muito tarde se apercebeu dessa «jogada» de Caiado, mas tratou logo de «cortar o mal pela raiz», fazendo entrar um jogador só para marcar à zona o estratego do Boavista. Mas, enquanto isso não aconteceu, Albertino ainda teve tempo de trabalhar o golo da sua equipa, oferecendo o remate final a Jorge Gomes que apareceu muito oportuno a antecipar-se ao «gigante» do Lazio.

Depois disso (no período em que a equipa se galvanizou com o golo) Albertino desenvolveu ainda nova ofensiva de parceria com Jorge Gomes, em que o próprio Albertino esteve na emenda final, desviada «in extremis» para canto pelo guarda-redes italiano. Este foi, digamos, o último lampejo de força e de arrogância da turma boavisteira, muito embora Salvador ainda tenha conseguido também levar o pânico ao extremo reduto do Lazio, através de uma iniciativa individual que foi cortada em falta, dentro da área, mas que o árbitro não viu.

A partir dos cinco minutos finais do 1.º tempo começou o «reinado» dos italianos. Sousa apareceu (então) em grande evidência, negando constantemente o golo ao adversário. No derradeiro quarto de hora da contenda, os italianos jogaram tudo por tudo para chegarem à igualdade, mas aí foi a sorte que protegeu os homens do Boavista. Um remate de cabeça de Garlascelli à barra e um falhanço espectacular do «veterano» Cierici, nos últimos momentos, ficaram a constituir duas «dívidas» que os italianos vão, por certo, tentar cobrar em sua «casa».

A arbitragem do «trio» belga (e não francês como se disse) registou algumas falhas de menor importância, a par daquela em que deixou passar em claro um derrube a Salvador. De qualquer forma o seu trabalho pode considerar-se positivo.

Dirigido por Jean Claude Jourquin, o jogo que teve a presenciá-lo uma assistência calculada em 1[illegible] pessoas, entre as quais se destacava uma falange de apoio dos italianos), foi feito pelas seguintes turmas:

Boavista — Sousa; Trindade, Mário João, Artur e Aberto; Vítor Pereira (Barbosa), Jorge Gomes, Albertino e Francisco Mário; Moínhos e Salvador.

Lazio — Garella; Pinghin, Martini (Buccolini) Wilson e Manfredonia; Agostinelli, Lopez, Badiani e D'Amico; Giordano (Garlascelli) e Cierici.

Marcador: Jorge Gomes (36 m). Cartões Amarelos: Wilson, Francisco Mário e Pinghin.

Por essa Europa

Para além dos cotejos em que foram intervenientes os clubes portugueses, eis o quadro dos resultados verificados nas três competições uefeiras:

TAÇA DOS CAMPEÕES

Omonia (Chipre)-Juventus (Itália), 0-3; Kuopion (Finlândia) Bruggu (Bélgica) 0-4 Celtic (Escócia)-Jeunesse D'Esch (Luxemburgo), 5-0; Estrela Vermelha (Jugoslávia)-Sligo Rovers (Eire), 3-0; Dinamo Bucareste (Roménia)-At. Madrid (Espanha), (a); Lillestroem (Suécia)-Ajax (Holanda), 2-0; Vasas (Hungria)-Borussia M'Gladbach (RFA), 0-3; Basel (Suíça)-Innsbruck (Áustria), 3-1; Trabzonspor (Turquia)-B. K. 1903 (Dinamarca), 1-0; Dukla (Checoslováquia)-Nantes (França), 1-1; Levsky Sofia (Bulgária)-Wroclaw (Polónia), 3-0; Floriana (Malta)-Panathinaikos (Grécia), 1-1; Dinamo Dresden (RDA)-Halmstadt (Noruega), 2-0 e Valur (Islândia)-Glentoran (Irlanda do Norte), (a). Ficou isento o Liverpool, detentor do título. (a) Jogos para hoje.

TAÇA DAS TAÇAS

St. Étienne (França)-Manchester United (Inglaterra), 1-1; Glasgow Rangers (Escócia)-Twente (Holanda), 0-0; Lok. Sofia (Bulgária)-Anderlecht (Bélgica), 1-6; Hamburger (RFA)-Lahden Reipas (Finlândia), 8-1; Dundalk (Eire)-Hajduk Split (Jugoslávia), 1-0; Bétis (Espanha)-Milan (Itália), 2-0; Coleraine (Irlanda do Norte)-Lok. Leipzig (RDA), 1-4; Progrès Niederkorn (Luxemburgo)-Vejle BK (Dinamarca), 0-1; Olympiakos (Chipre)-Universitatea Craiova (Roménia), (a); Brann Bergen (Noruega)-Akranes (Islândia), 1-0; Besiktas (Turquia)-Diosgyör (Hungria), 2-0; Valletta (Malta)-Dynamo Moscovo (URSS), (a); Cardiff City (País de Gales)-Áustria (Áustria), 0-0; PAOK (Grécia)-Zaglebie (Jugoslávia), 2-0 e Lok. Kosice (Polónia)-Oesters (Suécia), 0-0. Em jogo preliminar, o Glasgow Rangers afastou da prova os suíços do Young Boys, com os seguintes resultados: 1-0 e 2-2. (a) Jogos para hoje.

TAÇA DA UEFA

Barcelona (Espanha)-Steaua (Roménia), 5-1; Marek (Bulgária)-Ferencvaros (Hungria), 3-0; Florentina (Itália)-Schalke 04 (RDA), 0-0; Rapid (Áustria)-Inter (Checoslováquia), 1-0; Servette (Suíça)-At. Bilbau (Espanha), 1-0; Bohemian (Checoslováquia)-Newcastle (Inglaterra), 0-0; AZ 67 (Holanda)-Red Boys (Luxemburgo), 11-1; Eintracht Frankfurt (RFA)-Sliema (Malta), 5-0; Las Palmas (Espanha)-Sloboda (Jugoslávia); 5-0 Aston Villa (Inglaterra)-Fenerbahce (Turquia), 4-0; Dinamo Kiev (URSS)-Braunschwtig (RFA), 1-1; Dundee United (Escócia)-Wjöbenhavns (Dinamarca), 1-0; Gornik (Polónia)-Valkeakosken Haka (Finlândia), 5-3; Lens (França)-Malmö (Suécia), 4-1; Bayern (RFA)-Mjondalen (Noruega), 8-0; RWD Molenbeek (Bélgica)-Aberdeen (Escócia), 0-0; Manchester City (Inglaterra)-Widzew (Polónia), 2-2; BK Frem (Dinamarca)-Grasshoppers (Suíça), 0-2; Glenavon (Irl. Norte)-PSV Eindhoven (Holanda), 2-6; Odra Opole (Polónia)-FC Magdeburg (RDA), 1-2; Landskrona (Suécia)-Ipswich (Inglaterra), 0-1; Stat (Dinamarca)-Fram (Islândia), 6-0; Zürich (Suíça)-CSKA (Bulgária), 1-0; ASA Tg Mures (Roménia)-AEK (Grécia), 1-0; Torino (Itália)-Apoel (Chipre), 3-0; Standard Liège (Bélgica)-Slávia (Checoslováquia), 1-0; Linzer Austria)-Ujpest (Hungria), 3-2; Olympiakos Pireu (Grécia)-Dinamo Zagreb (Jugoslávia), 3-1; Carl Zeiss (RDA)-Altay (Turquia), 5-1 e Inter (Itália)-Dinamo Tbilisi (URSS), 0-1.

INCIDENTES

Adeptos do Manchester United que acompanharam a sua equipa a Saint-Etienne para assistir ao jogo desta noite para a «Taça das Taças» (resultado: 1-1) foram autores de violentos incidentes, em que partiram montras, saquearam lojas e ameaçaram os transeuntes. Foram necessários policias com cães para dominar os díscolos, muitos dos quais tinham recebido em demasia e ostentavam navalhas. Cinco deles foram presos.

BEST, SEMPRE

George Beste alinhará na próxima semana pela selecção da Irlanda do Norte que jogará em Belfast com a sua congénere islandesa, nas eliminatórias do mundial de futebol. Best encontra-se na Califórnia, aguardando que o Fulham e o «Aztcs» (de Los Angeles) resolvam uma disputa sobre o seu contrato, mas o treinador da equipa da Irlanda do Norte (Danny Bianchflower) declarou-se convencido de que Best jogará.

Severiano Correia faleceu

Aos 65 anos, morreu ontem, no Instituto de Oncologia, um dos homens a quem o futebol português alguma coisa fica devendo: Severiano Correia, que jogou no Fafe, no Benfica e no Braga, esteve como treinador em várias colectividades (em Moçambique, na Grécia, no Brasil, aqui mesmo, bem recentemente, no Belenenses), foi colaborador dos jornais «A Bola» e «Mundo Desportivo» e muito do que sabia ensinou em cursos, que marcaram época e fizeram o esclarecimento de novos técnicos.

Casado com a sr.ª D. Maria Gabriela da Silva Mesquita Castro Cabrita Correia, Severiano Correia vai esta tarde (15 e 30) a sepultar. Entre a Igreja de S. Sebastião da Pedreira e o cemitério de Benfica, muitos dos seus amigos irão dar o derradeiro adeus a um homem puro, simples e bom.

Academia Almadense
Telefone 2752127

JOSÉ VIANA
em «compadre Malaquias»
Atira o Barrete ao Ar!
com
VIANA — DULCE — DORA
e pela 1.ª vez neste género
ROGÉRIO PAULO
2.º MÊS!
GRANDE ÊXITO DA COOPERATIVA TEATRO POPULAR
Às 21.30 Aos domingos também às 16 horas
BILHETES NA ABEP

"TAÇA UEFA": BASTIA, 3-SPORTING,2

Perder uma batalha e não perder a guerra

Júlio Rodrigues na Córsega enviado especial do "DL"

Bastia — *Espectáculo como este nunca vi na vida: é incrível*, são palavras do delegado da UEFA ao encontro de ontem, no Estádio Armand Cesari de Furiani, em Bastia, entre a equipa local e o Sporting de Portugal, na 1.ª mão da Taça com o mesmo nome. A afirmação (fundamentada e categórica) de quem tem quase 60 anos de vida e mais de 40 de futebol (e que foi, também presidente da Federação belga da modalidade e director do Anderlecht), aqui fica. Assim como a do árbitro espanhol Emilio Guruceta, apitador internacional, jovem com muita autoridade que, nos vestiários, dizia para quem o queria ouvir: *Corremos o risco de não sair daqui com vida. Felizmente não morremos, nem tudo correu mal.*

Declarações como as que reproduzimos descrevem, perfeita e irrefutavelmente, o que foi, entre as 20.30 e as 22.15 horas de ontem (fuso de França) o encontro Bastia-Sporting. E nanja por usos e abusos dos leoninos, que se portaram como nunca os víramos: cordatos, estilo de «comer e calar», aí para exteriorizar o seu futebol e, se possível, preparar o caminho para ganhar a eliminatória. Aí, também, para levarem com pedras na barriga e nas costas, verem garrafas passarem-lhes perto, serem despidos e enxovalhados pelos fanáticos adeptos corsos e, na reiva agreste do campo, uma autêntica vindima, própria do Minho ou do Cartaxo.

Como se tudo isso não fosse suficiente (e para além do desfecho, facilmente recuperável em Alvalade, onde os corsos já contarão provavelmente com Rep e Franceschetpi), haverá ainda que equacionar a violência que entrou em quase todo o «match», as consequências pouco animadoras para os leoninos que, além do abandono de Da Costa (positivamente ceifado por Desuignes), após ter sido «sacudido» por La Cuesta, tiveram Baltazar, Manaca, Artur, Manuel Fernandes e Botelho no rol dos molestados. Não espantaria (até) ouvir Baltasar, na viagem de retorno ao hotel: *Então eu é que sou duro?! Estou a ver que para o ser teria de aprender com estes corsos.* E mais (ainda da lavra de Baltasar): *Isto não são jogadores de futebol, são selvagens!.*

O Sporting perdeu, nas circunstâncias que acima tentámos descrever. Podia ter ganho a contenda, sobretudo quando, depois de ter alcançado o 2.º golo, desfrutou de três oportunidades soberanas (duas de Keita e uma de Manuel Fernandes). A sorte, nesses momentos decisivos, voltou as costas aos pupilos de Paulo Emílio. Mas, a despeito de terem perdido a batalha da Córsega, os homens de Alvalade não perderam a guerra. Bem pelo contrário, estamos em crer que nem tudo foi aziago nos Furiani.

DA COSTA ABANDONA

O desafio começou sob maus auspícios. O enquadramento preciso para este juízo, para não irmos mais longe, poderá encontrar-se quando momentos antes do apito inicial de apelou aos microfones do campo, exortando os jogadores a comportar-se com dignidade, pois os acontecimentos de há cinco anos não se deveriam repetir.

Por isso, aquele responsável quase anónimo aconselhou à calma, acentuando (nomeadamente) que os excessos, sempre reprováveis, redundariam em prejuízo da equipa, do clube e da Córsega. O tempo estava ameno, plenamente convidativo à prática de futebol: os seis milhares de corsos presentes, com alguns portugueses de permeio e praticamente silenciosos, entre quatro mil pagantes, iniciaram então o coro da barulhada infernal. A atmosfera humana estava tensa.

Os primeiros petardos (vermelhoseverdes) irromperam da multidão, afagando uma reiva mal tratada. Também os foguetes estrelejaram. Aquilo era uma festa, entre folclore e fanatismo, que iria subir de intensidade com o decorrer do tempo, e atingir o rubro, só não se transformando em batalha campal porque os jogadores do Sporting numa excepcional demonstração profissional, não estavam ali para arruaças, para à provocação, responder com violência. Nem à violência, com a violência.

Pouco depois do início do jogo, Botelho teria já uma grande intervenção. Barulho infernal, o apito do árbitro quase não se fazia ouvir, a histeria colectiva sobrepunha-se a tudo e todos.

Botelho apercebe-se, então, que a sua camisola era da mesma cor da dos bastianos e muda de «maillot» enquanto Desvignes «ceifa» Da Costa, que abandonaria (temporariamente) o terreno, antes de reentrar para vir a deixar definitivamente o relvado, quando o embate já estava quente e, tanto no rectângulo como ao redor dele, a temperatura era elevada. E, também, Mariot bastante perigoso, imaginativo, possuidor de extraordinário «dribie», começava a fazer suar a camisola de Artur, pondo em sobressalto a defensiva de Alvalade. Mas, o estilo do desafio primava pelo «tu cá, tu lá». Isto é: na ânsia do contra-ataque, muita velocidade do lado dos corsos e os «leões» a procurarem responder ao antagonista, a segurarem o jogo, a paralisarem o espectáculo. O público assobiava. Começaram a chover as primeiras pedradas a sério. As assobiadelas eram monstras, as gaitas irrompiam.

Europeia
• a experiência ao serviço do turismo •
Av. da Liberdade 233 | Telef. 536121 · Lisboa 2

Até que o Sporting, sempre atento na retaguarda melhor articulado a meio campo e, com Keita, Jordão e Manuel Fernandes apontando para as redes de Petrovic (e sem responder ao «olho por olho, dente por dente» que o Bastia tentava incutir nas suas intervenções), esteve em vias de inaugurar o marcador; o remate do homem do Mali saiu-lhe fraco e à figura.

Os corsos ripostaram do mesmo tom, uma vez mais (com Felix e Pappi a embaraçarem a defesa portuguesa), num potente remate que embateu na trave esquerda da baliza de Botelho, e que antes de sair pela linha lateral foi sorrir ao outro poste.

Um minuto depois (aos 34), Manuel Fernandes seria outra vez vindimado. E seis minutos passados o marcador funcionou. Assim: Keita isolou-se, surge Manuel Fernandes, corre à frente para receber a bola do seu companheiro, e Jordão, indo à bola, foi ostensivamente derrubado por Desuignes. O árbitro espanhol não vacilou, usou da sua autoridade e indicou a marca da grande penalidade. Gerou-se um instante de protestos. Os fanáticos lançaram mais pedras para o terreno e Jordão, chamado a marcar o castigo, fez o golo, com um remate forte e a meia altura. O jogador do Sporting não esperou muito para levar com uma pedrada no ventre. Os responsáveis leoninos foram também alvejados com esses objectos. O árbitro consultou o juiz de linha e recolheu algumas pedras, tendo ouvido então aquilo que não imaginava que os corsos soubessem dizer: que era filho de mãe incerta e outros mimos do mesmo estilo.

HISTERIA COLECTIVA

No recomeço, Latrios apareceu no lugar de Krimau, passando o Bastia a imprimir outra dinâmica na sua explanação, depois de nos últimos 10 minutos da primeira parte ter sido completamente subjugado pelo dispositivo leonino. A equipa de Paulo Emílio (tal como nos primeiros 20 minutos da parte inicial) recorreu ao mesmo expediente que, diga-se de passagem (e em abono da verdade) tinha como objectivo congelar o couro, cortar rente as veleidades ofensivas dos bastianos.

E é, então, que surgem duas autênticas oportunidades de golo, desperdiçadas por Keita, quer quando simulou bem (no primeiro caso) quer quando escapou a Burkhardt, tabelou com Jordão e, descaído sobre o lado direito, evitou Petrovic (que abandonara as redes) rematando com erro de milímetros. O Sporting voltava a assenhorear-se, como na última meia hora da 1.ª parte, dos cordelinhos do jogo, fazendo girar o couro ao primeiro toque, fazendo uma espécie de faena digna de praça cheia.

Num ápice, contra a corrente do jogo, o Bastia empata, na sequência de um canto (mais um) consentido por Artur. Mariot, cobrou-o levando a confusão a assaltar outra vez a área de Botelho: Felix, de cabeça, repôs novamente a igualdade. Era o delírio no estádio, o êxtase, o fanatismo em potência, a histeria colectiva perpassando em 6.000 pessoas.

E os corsos, sem nunca prescindirem da dureza, ou das faltas no subterrâneo, adiantaram-se uma vez mais. Os homens do Sporting, em «fato de ganga», cheios de calma, não descoroçoariam: a resposta foi concretizada no «placard»: após «livre» de Inácio, que Keita recolheu no lado esquerdo, o esférico chega aos pés de Fraguito que põe, de novo, o Sporting na situação de vencedor. Apesar dos numerosos protestos (de todo em todo injustificados) do clã corso, Guruceta valida o tento, por não considerar fora de jogo o médio leonino.

O Bastia tenta retorquir, mas o Sporting coloca na mesma três homens a incomodar Petrovic (Jordão, Keita e Manuel Fernandes) enquanto que Baltasar e Vítor Gomes andavam numa roda viva entre a defesa e o ataque e Fraguito dava nas vistas com os seus «raids». Na retaguarda agora, 4 defesas.

Os corsos pareciam esgrimilhados: mais quando Manuel Fernandes, implacavelmente marcado e duramente carregado, tentava fazer das suas. Era então o «sr. Sporting» na situação, a mostrar talento. Até que, um tanto inopinadamente, o Bastia igualou (aos 29 min. por Felix, outra vez na sequência de um «canto» cedido por Artur. A bola, bem atirada para a baliza leonina, acabou por entrar, toque de cabeça de Felix, que apareceu sobre o risco de golo em posição que nos pareceu de fora de jogo.

Os corsos carregaram então mais, estimulados pelo empate que podia ter sido evitado se os atacantes leoninos tivessem concretizado, pelo menos, uma das três oportunidades de golo feito que construíram. De tal modo o 2.º golo serviu de tónico aos jogadores locais que, a 9 minutos do fim da partida, Felix (sempre ele) dominou da melhor forma o esférico e marcou o 3.º tento, quando já poucos o esperavam. Nem podem imaginar o que então aconteceu...

Os minutos finais foram extremamente emocionais: mas, os homens do Sporting, garbosos e valentes, seguraram estoicamente o resultado, evitando que o «placard» registasse outra expressão. Ao fim e ao cabo, a derrota, imerecida (até pelos números) constitui, no meio de toda a borrasca, o justo prémio para a forma como actuaram e souberam lutar.

Outro futebol

ENTRETENIMENTO NA MADEIRA

Num desafio de carácter particular, o Marítimo (do Funchal) bateu o Vitória de Setúbal por 2-1 (golos de Djair, Marinho e Quim). As equipas:

Marítimo: Quim; Humberto, Euardo Luís, Nelson e Franque; Tininho (Calisto), Ângelo (Canam) e Eduardinho; Marinho, Beto (Norberto) e Djair.

Vitória de Setúbal: Jorge; Narciso, Carlton Martin (Francisco Silva), Mendes e Caica; Tomé, Rachão (Gamboa) e Palhares (Wagner); Libânio, (Quim), Mirobaldo e Vítor Madeira.

Manuel Correia foi o árbitro.

ARRANJAR FUNDOS

Tome nota: se quiser ajudar o Clube Atlético e Cultural da Pontinha, vá, na sexta-feira pelas 15 horas, ao campo de «Os Unidos», no Bairro Padre Cruz (Lisboa). Três embates de chutadores: CAC — iniciados do Atlético, juvenis de «Os Unidos»-Atlético e «Parodiantes de Lisboa»-«Mundo Desportivo», num cartaz de festa.

CASTIGOS DUROS

Na extensa lista de castigos aplicada pelo Conselho de Disciplina federativo, destacam-se 3 jogos de suspensão a Romeu (Guimarães) e um a Padrão (Riopele).

«TAÇA» DESEMPATA

Jogos da «Taça» desempates): Batalha, 1-Cartaxo, 0 (após prolongamento); Marinhense, 3-Peniche, 1; Manguaide, 4-Gouveia, 1; Tirsense, 3-Chaves, 0; Lourosa, 3-Avintes, 0; Torriense, 2-Oliveira do Bairro, 1 (por «penalties», depois de, no prolongamento, se manter a igualdade

SIMÕES EM PORTIMÃO

O «internacional» Simões está a treinar no Portimonense.

ÁRBITRO ATACADO

O árbitro peruano Carlos Montalban esteve vários minutos inanimado, num estádio de cidade de Iquitos, ao ser atingido em cheio, na cabeça, por uma garrafa lançada da tribuna principal. O incidente deu-se aos 76 minutos do jogo entre o CNI (equipa local) e a do Alfonso Uguarte (de Puno)

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 3 , DE 18 DE SETEMBRO DE 1977

Alvo Desportivo x12 11x x21 1211; Auto-Rádio 11x x11 1xx x211; Boa Nova 112 11x 121 xxx1; A Comarca de Arganil 112 111 x21 1211; Cavalgada do Ritmo 11x 112 1x1 xx11; A Forja 112 x1x 121 1x21; Clube do Ar 112 111 121 1221;

O Diábo 11x 111 1x1 1xx1; Rádio Totobola 112 11x 1x1 211x; O Despertar 112 112 x21 2211; O Comércio de Leixões 112 111 x21 x2x1; O Comércio do Porto 111 111 1x1 x211; Correio dos Açores 112 112 1x1 x221; Correio de Coimbra 112 x11 12x 12x1; Correio do Vouga 112 111 121 1x12; Diário de Coimbra 112 111 xx1 1x1x; Diário de Lisboa 11x 111 xx1 12x1; Diário do Porto 11x 11x 221 1x2x; Ecos de Cacia 11x 11x 221 1211; Estrela da Manhã 112 111 1x1 12xx; Estúdio 64 11x 11x 221 1221; Eu Sei Tudo 112 112 12x 1222; Folha do Domingo 11x 111 x21 1x1x; Gazeta das Caldas 112 11x x21 12x1; Jornal da Beira 112 11x x21 1xxx; O Jornal de Felgueiras 112 11x 121 121x; Jornal da Lixa 112 11x 121 12x2; Jornal de Santo Tirso 11x 111 xx1 x211; Notícias de Viseu 1xx 111 1x1 1x11; Linhas de Elvas 112 x12 x21 121x; Litoral 112 x11 121 122x; Manchete Desportiva 111 111 x11 1211; Maria da Fonte 112 111 221 1211; Mundo Desportivo 112 111 121 1211; Notícias de Évora 11x 11x 121 1x1x; Notícias de Guimarães 111 211 2x1 1111; A Ordem 112 111 x21 1221; Penalti 112 111 121 1211; Placard Desportivo 112 111 121 12xx; Póvoa de Lanhoso 112 111 xx1 12x1; Programa Sem Nome 11x 11x 221 x122; Quadrante Desportivo 11x 11x x21 x2xx; Quadrante Norte 112 111 121 x211; Rádio Altitude 11x 11x xxx 122x; Rádio Alvo 11x 111 221 12xx; Panorama 112 11x xx1 122x; Rádio Placard 111 111 111 1111; Rádio Sports 111 111 121 1x21; Reconquista 112 111 x21 1111; Renovação 11x x12 x21 x211; Repórter do Dia 112 11x 121 x2x2; Resenha Desportiva 112 11x x2x 1221; Encontro Musical 112 11x x21 1211; Ritmo e Amizade 112 x1x x21 12x1; Dimensão 3 1xx 111 xxx 1221; Primeiro Andamento 112 x1x 2x1 x2xx; RDP-Desporto 112 111 x21 121x; A Voz das Beiras 11x 11x 2x1 1111; A Voz do Domingo 112 11x x21 1x1x; Voz de Lamego 112 11x x2x 12x1; Jornal da Graça 11x 111 x21 1211; Jornal de Notícias 112 111 1x1 1221; O Primeiro de Janeiro 11x 111 xx1 1211; A Voz dos Ridículos x11 11x 221 11x1.

17ª. ÉPOCA

	RESUMO 1	X	2	BOLAS 1	X	2	(a)
1. BOAVISTA - ESPINHO	62	2	0	11	1	1	
2. VARZIM - PORTIMONENSE	62	2	0	11	1	1	
3. GUIMARAES - BENFICA	6	20	38	1	4	7	
4. BELENENSES - ACADÉMICO	55	8	1	10	1	1	
5. SPORTING - BRAGA	64	0	0	12	1	1	
6. RIOPELE - SETÚBAL	33	25	6	6	5	1	
7. FEIRENSE - ESTORIL	26	28	10	5	5	2	
8. MARITIMO - PORTO	2	20	42	1	4	7	
9. VILA REAL - RÉGUA	57	7	0	11	1	1	
10. MARINHENSE - EST.PORTALEGRE	49	13	2	9	2	1	
11. AGUEDA - BEIRA-MAR	7	13	44	1	2	9	
12. JUVENTUDE - BARREIRENSE	31	18	15	6	3	3	
13. FARENSE - ATLÉTICO	41	18	5	8	3	1	

a) Nos termos do Artº. 13º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "chave" lógica será:

112 111 X21 1211

"TAÇA DOS CAMPEÕES": BENFICA,0-TORPEDO DE MOSCOVO,0

Do céu não caiu uma estrela

Comentário por NEVES DE SOUSA

Jogo de futebol sem golos é casal sem filhos, jardim despido de flores, automóvel, sem rodinhas. É como se um monte de sonhos transformado em pó batido pelo vento. Assim a modos que um misto de descrença, de insatisfação de ira sufocada, de frustração. E era isso (afinal) que traziam afivelado no rosto, os milhares de benfiquistas que, lenta, muito lentamente, iam virando costas à Luz, perdida a bela hipótese de arrecadar, no pátrio lar, embalagem para saltar sem tropeções de maior até nova eliminatória da «Taça dos Campeões».

Todavia (é impossível negá-lo) como queriam os apaixonados do símbolo da águia retornar satisfeitos a vale de lençóis, se foi tão má, tão decepcionante, a festa que (por muito dinheiro) lhe tinham prometido?

. É evidente que, analizando a imaculada brancura do «placard» verificado após o esgrima em Benfica, fica-se com a ideia (implantada) do Benfica possuir dois diapasões para seu consumo energético e artístico: **meia de acelerador** para uso interno, sufocar de pulmões e abrandar de pernas sempre que o adversário vem de paragens onde o temor, o medo e o receio não são coisa do quotidiano, em matéria de comparativas desportivas com outras latitudes. E, é isso que sucede: óptimo para utilização caseira, nos jogos de cristas com os pares da mesma língua, o Benfica anda (desde que perdeu Eusébio, e, sucessivamente, se desfalcou de outros eventuais caudatários do rei) a arrastar por esse mundo fora ou nas noites europeias em seu parque, uma apagada e vil tristeza, fruto confirmado novamente, se preciso fora) de não possuir «planteI» de estatura idêntica ou semelhante ao que (pelos pés de Coluna e Simões, José Augusto e Germano, pela cabeça de José Torres mais com as mãos de Costa Pereira, em simbiose com o ímpar talento do prodigioso sr. Silva Ferreira) escrevia façanhas no dia-a-dia do futebol mundial.

Desbarato no património (tão depressa solta Humberto, como não recupera Jordão) ainda se vê, mal tateava novo estilo, desapossado de Nelinho, e Artur, pedras fundamentais num xadrez que começava a mecanizar-se. E, de experiência em oportunidade, semi-masoquista ou meio inconsciente, julga que as rutilantes proezas de antanho se podem escrever com sinónimos de renúncia.

Nada mais erróneo. Hoje, para um «team» de clube singrar no horizonte europeu, conquistar mercados e divisas, terá de possuir um somatório de atributos que vão desde a personalidade à humildade, com forte toque de habilidade e muito de companheirismo.

Foi isso que vimos ontem no Torpedo de Moscovo. Foi isso, mais cabeça fria e inteligência no cérebro, que ninguém encontrou num Benfica desgovernado que, carregando pelo campo fora, pensava que estava a conquistar terreno quando ele lhe era cedido de motu-próprio, apenas para o lacerante contra-ataque que criava cabelos brancos na careca de bebés de berço. Depois, vinha (em catarata) aquela louca mania de despejar a bola na grande área contrária como se entre a fortíssima e coriácea defesa soviética estivesse o José Torres, de há uma dúzia de anos ou o Vítor Baptista das veladas lúcidas e claras. Só que, não haverá mais um gigante a descer das nuvens: tampouco cá pelos terrenos humanos se vislumbra dia e hora exactos para Vítor Baptista deixar de vogar em maré de incidências, lesão daqui, capricho dacolá. Ora, como se um ou outro tipo de jogador parecido (fura-vidas, brigão corpulento e destemido) estivesse na frente da sua média, o Benfica teimou em arquear o jogo, bombeando-o do domínio celeste para junto das redes de Zarapin.

E era isso mesmo que o Torpedo sabia ser possível, da cuidada observação feita em terras lusas. Como o Benfica persistiu num logro que se adivinhava lance após lance, foi fácil ao Torpedo dar banho áquele menino desmiolado mas de mama que lhe aparecia pela frente, pese embora alguns dos rapazitos das nossas bandas tudo terem tentado para dar o reverso da medalha.

Infelizmente, porém, o Benfica também não tinha a meio-campo, junto ao indómito Tóni, um homem com o esclarecimento de Vítor Martins. E a coisa, se não chegou à «tragédia», ao «dramatismo» viajou bem perto da fronteira: a um minuto do fim, quando Filatov, teve aquela perdida, restituiu às farmácias litros de coramina.

DESACERTO

. O Benfica nunca acertou com o modo de escapulir-se ao espartilho idealizado pelo Torpedo. Apenas e só Humberto Coelho que fala a linguagem universal do futebol, entendeu o que era preciso fazer para o grito do Ipiranga. Mas, era um só homem, mesmo que liberto do compromisso de terçar armas com parceiro constante e à proa: e mais não podia fazer que, ao longo de hora e meia, atingir o grau 20 na apreciação ao labor feita pela multidão.

Todavia, deve já dizer-se que outros profissionais do campeão nacional atingiram a craveira do bom: o tempo inicial de Alberto confirma a grande categoria de um defesa que nasce para voos até longe, tal e qual como o balanço proporcionado por Toni, em toda a 2.ª parte é exemplo de como uma locomotiva deve puxar vagões com cimento. Mas, desde que não sejam muitos e bem pesados: e, para mal dos pecadilhos rubros, Chalana enrolava-se com a bola e só episodicamente progredia. Nené continuava de costas voltadas para o santo do seu remate, Celso nem uma só vez era servido em condições de progressão rápida, e quanto a Pietra, como a Sheu, temos conversado. Bolinha recebida, era logo para fazer arquinho e balão: precisamente o que desejava o bom do Zarapin, que tem para aí, na visão dos benfiquistas, perto de três metros de altura, tantas as vezes que, mãos como tenazes, largava do solo como mola e, um metro para cima da cabeça, que já morava lá no cume, ia segurar o couro como quem agarra a felicidade que uma única vez bate à porta do pedinte.

CONFUSÃO

Catorze «cantos» conquistou o Benfica: 11 vezes a bola foi direitinha sem namoro no caminho aterrar nas maos de Zarapin. Duas vezes (apenas) tiveram os soviéticos benefício na marcação de golpes semelhantes; Humberto safou um à beirinha do risco e Eurico cortou outro quando o seu guarda-redes andava às urtigas. Aqui, nesta diferença de procedimento, encontra o leitor, não espectador a razão do grande fracasso benfiquista que, vendo bem, pesando honestamente as circunstâncias, foi de tal monta que nem uma só vez se virou em perigo sério para os comandados por Iurin.

O que verdadeiramente passmou foi Mortimore, sagaz e atento a tudo o que se passa no domínio da sua profissão, não ter conseguido explicar aos alunos (mesmo com interprete a tiracolo) que o percurso único para o golo tinha de ser feito com bola rasteira, solta ao primeiro toque, atirada com desprezo e raiva em velocidade supersónica. A passo, fazendo que sim mas que também, dobrando para os lados ou lateralizando para um palmo de distância, não podia ser nada. Tal e qual como os biqueiros para as 18 jardas do Torpedo, bola a escorregar como chuva desabaiada, não resolviam aritmética infantil, quanto mais geometria no espaço. Desde os longos e imprafíquos pontapés-despachos de Bento, às corridinhas soiavancadas de Pietra e Sheu, passando pelo requinte maquiavélico de Chalana querer escamotear a bola e levá-la para a Outra Banda, tudo ia acontecendo santo Deus! Cada minuto tornou-se, assim, mais complemento do anterior: com grande pena de quem gosta de ver futeboi bem jogado e, para cúmulo, esportulara largo pelo capricho.

Arbitragem: Robert Wurtz, acolitado por Uloops e Muchemdied (França).

Benfica: Bento, Humberto Coelho; Pietra, Eurico e Alberto; José Luis (Bastos Lopes), Toni, Sheu e Chalana; Nené e Celso (Cavungi).

Torpedo: Zarapin; Prigoda, Khudiev, Buturiakin, Zkisikor e Petrenko; Filatov e Mironov; Iurin; Nikonov (Sakharov) e Kiopotnov (Kabostin).

Cartão amarelo para Prigoda.

VULGARIDADE

O apelo a Bastos Lopes deve ter representado para Mortimore, a ida ao arsenal na procura de pólvora enxuta. Mas, a capacidade técnica do mocinho, não lhe pode chegar para ser ofuscante: e o trivial voltou a assentar arraiais no «team», porque também Cavungi era uma raça minorca, que nem sequer podia ousar em desafiar o ombro ou a anca dos caimeirões vindos de Moscovo. Humberto Coelho (uma andorinha) não fazia a Primavera. Tal como Toni e Alberto, vontade e brio até mais, não, seriam (pelo tempo fora) enrolados no mesmo novelo que tinha aglutinado as progressões de José Luís e Sheu, Nené e Celso. Sobretudo de Chalana que, esta manhã ao acordar ainda deve ter visto a um palmo da cara o corpanzil daquele n.º 4 (Buturiakin) que é do estilo carraça a sugar sangue de perdigueiro com um mês.

APURO

Chega a vez de falar do Torpedo, incontestavelmente das mais harmónicas e compenetradas turmas futebolísticas que vimos até hoje actuar por estas paragens: ou não fora (por direito adquirido) o campeão de todas as Rússias.

Tinham-nos enchido os ouvidos com a força e o poder atlético dos jogadores soviéticos: ninguém se tinha lembrado de salientar com entusiasmo igual, que eles possuem um dom de afago de bola que só se obtém com treino muito intenso, feito desde a verdura dos anos, desde quando os pares de outras coordenadas mai se podem ter nas tíbias, por carência de proteínas; do leitinho, do mel, da carninha, de espaços verdes onde o polícia de giro, não surja pressuroso depois de ter deixado escapulir-se um ladrão de bolsas, a repreender a criança que pisa a relva, julgando que o tapete fora pensado para poiso dos seus brinquedos.

Vimos (os que quiseram reparar) uma indesmentida por notável lição de «association», que é (afinal) uma espécie de capacidade para mobilização geral sempre que alguma coisa pode correr mai para a bandeira que servem. Ninguém era defesa, médio ou atacante: cada qual era tudo o que fosse preciso fazer, se cuidar de ir à pauta espreitar que disciplinas lhe tocavam naquele exame.

Em matéria de linguagem táctica, toda aquela santa gente sabe, de cor e salteado, os compêndios mais actuais. Depois, como o seu campeonato está no auge e por cá vai no adro, ainda se encontravam com uma tão nítida superioridade física que os «torpedos» conseguiram, justamente nos últimos minutos do espectáculo; deitarar às malvas o pensamento de se quedarem pelo nuio e procurarem, à custa da fraqueza alheia, trepar até às uvas. Foi quando Filatov, teve a escandalosa perdida nocturna e um imenso sopro de alívio fugiu do fabuloso foie humano até às alminhas.

Pode, daqui a duas semanas, acontecer tudo e mais alguma coisa: o Benfica ir vencer a Moscovo, o Torpedo derrubar os nossos embaixadores, a coisa oscilar entre o infinito ou o zero. Contudo algo jamais ficará desassociado da primeira visita a Lisboa de um «onze» do futebol soviético: essa noção de disciplina de respeito, de pureza e de elegância com que abalam à conquista de mercados os companheiros do velho Igor Netto. Impecáveis em espírito desportivo, jogam como altamente profissionalizados mas com o coração de pomba de um menino de escola em *pelados de tra-*

Por alto, era tudo para as mãos de Zarapin

Uma muralha com os olhos em Chalana

peira, dessas que nenhum de nós gostou de perder mesmo no confronto com a rua de baixo. E é isso, amigos que todos nós temos de avivar no cerne das crianças que, nossos filhos, brincam ao Desporto à espera de um trampolim para a alta competição. O exemplo, o padrão, o modelo esteve ontem na Luz: nenhum torpedo levantava mais alto a água de um charco.

REVERÊNCIA

Fiquemos por último com o chapéu na mão para saudarmos o juiz alsaciano Robert Wurtz. Aos 36 anos de idade, este funcionário do Centro Macromolecular de Estrasburgo manejou uma a uma todas as leis do jogo com uma clarividência e um conhecimento de causa, só possíveis a quem domina de fio a pavio o livrinho do futeboi. Também ele profissional de outras andanças, Robert Wurtz foi o complemento ideal do fraternal abraço na Luz. Um estreitar de corações que valeu, na singeleza paradoxal de um zero em produtividade no «placard», por anos e anos de trabalho psicológico junto de muitos quadros de futebolistas. Pena que nem todos tenham aprendido a lição: e que alguns outros, misturando alhos com bugalhos, estejam já a esta hora a roer a corda, depois de terem ontem ficado de boca escancarada.

Aplausos e assobios

. O Estádio da Luz não encheu: algumas clareiras no «terceiro anel» (o bilhete de sócio não era demasiado caro — 70$00 — mas exigia as quotas em dia, o que, para muitos, representava despesa incomportável no meio do mês) e muitas vagas nas bancadas, facto a que não é alheio o custo de vida e o preço dos lugares em causa (desde 300$00 a 500$00). Mas não faltou o colorido e o entusiasmo das grandes noites europeias, pelo menos enquanto houve esperanças na vitória.

O montante apurado foi de 6500 contos, o que constitui novo recorde nacional de receitas de futebol. Outro máximo batido, cremos, o número de militares presentes: centenas de boinas (de várias cores) e fardas de Marinha.

Refrigerantes beberam-se aos montes: muita gente e temperatura de tarde de Verão, em noite de quase Outono. No relvado, antes do jogo, as duas equipas de futebol (11 de cada lado) mais o conjunto de arbitragem e um «team» de fotógrafos que metia suplentes e segundas categorias: um batalhão.

Quando os «encarnados» assomaram ao túnel, uma trovoada de «Benfica! Benfica!», após alguns assobios à primeira entrada dos atletas do Torpedo que, depois de diversos (poucos) exercícios de adaptação ao relvado, voltaram a sair para entrar (então «oficialmente») ao lado e a passo com a turma benfiquista. Nessa altura, os aplausos eram uma espécie de tónico para os dois «onzes», razão porque não tiveram «certo» eco que se esperava pela amostra.

Depois foram as peripécias do jogo e o zero final, a comprometer a viagem do Benfica, até à meta da Taça dos Campeões. Daqui a quinze dias estaremos lá para dizer como foi. Mas vai ser difícil para a turma portuguesa, em terra onde as bandeiras também são vermelhas, mas os aplausos têm outro sentido.

João Ferreira

França e Portugal: protocolo à vista

Decorrem, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, as conversações finais para estabelecimento de um protocolo entre Portugal e a França, no sector da juventude e desportos. Prevê-se que o referido protocolo incida, especialmente, no aspecto escolar.

Constituem a delegação francesa às conversações Lucien de Somer D'Assenoy (presidente da delegação e director encarregado das actividades de tempos livres socio-educativos de Secretaria de Estado da Juventude e Desportos), Roland Martin (representante da Direcção de Educação Física e Desportos), Hyancinthe de Montera (chefe do Gabinete dos Encontros Internacionais do Ministério dos Negócios Estrangeiros) e Gilbert Bougnol (adido cultural da Embaixada de França).

Integram a delegação portuguesa Carlos de Matos Taquenho (director-geral adjunto dos Negócios Políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros), que preside à delegação, prof. Nuno Barros (inspector-superior de Educação Física), Vital de Melo (chefe do Gabinete de Relações Internacionais da DGD), prof. Boa de Jesus (Técnico do Instituto Nacional dos Desportos — DGD —, e Duarte Brás (chefe de Divisão do Fundo de Apoio a Organismos Juvenis), José Manuel Epifânio (delegado regional do FAOJ em Setúbal).

As reuniões de trabalho terminarão amanhã.

Canal da Crítica

Continuação da pág. 18

pocrisia de salão social-democrata que consiste em pretender ajudar aqueles mesmos que tudo fez para desajudar.

Castigar, ò rosa. A sociedade é responsável pelo destino dos seus elementos. O desprezo dos velhos, dos reformados e dos doentes, a ausência de perspectivas a proporcionar aos jovens, a concepção da sacralidade do lucro que provoca a danação das almas, a produção em série do desemprego para **desinchar** a crise — não derrotam aptidões de uma sociedade para criar cidadãos livres. Denotam aptidões para aluir prisões, até prisões-modelos...

Pretender recuperá-los depois de presos, através de golpes psicológicos e novas concepções de vida na cadeia, sabe a fingimento sem piada nenhuma.

Não dá boa conta de si uma sociedade que aos cidadãos prometa um bom xelindrò em lugar de lhes garantir condições de plena realização... fora dos muros.

E a plena realização, como bem se compreende, não passa pela droga, por exemplo.

CONTRA O DESPEDIMENTO DA COMISSÃO DE TRABALHADORES PARALISAÇÃO DA EFACEC-INEL (SUL)

6.ª FEIRA — DIA 16-9-77

No último Plenário foi analisada a situação criada pela Direcção da empresa ao despedir 11 membros da COMISSÃO DE TRABALHADORES e ficou decidido uma paralisaçao geral durante todo o dia de 6.ª-feira (16-9-77).

Os Sindicatos abaixo assinados alertam os seus trabalhadores para possíveis boatos postos a circular no sentido de ser considerado o dia de paralisação como falta injustificada e ter lugar o desconto no vencimento dos dias de sábado e domingo, o que é falso.

Chama-se ainda a atençao para a necessidade de todos os trabalhadores comparecerem em massa ao Plenário que se realizará no dia da paralisação às — 14.30 horas no INSTITUTO SUPERIOR DE ECONOMIA (entrada pela Rua das Francesinhas a S. Bento) a fim de se analisar a situação da luta contra o despedimento dos membros da Comissão de Trabalhadores e se decidir das medidas a tomar.

SÓS NADA SOMOS. SEM LUTA NADA TEREMOS.

UNIDOS E ORGANIZADOS — VENCEREMOS.

Lisboa, 13/9/77

OS SINDICATOS

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE LISBOA

SINDICATO DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE LISBOA

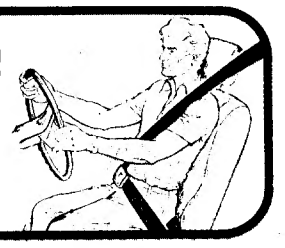
SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE PORTARIA, VIGILÂNCIA E LIMPEZA

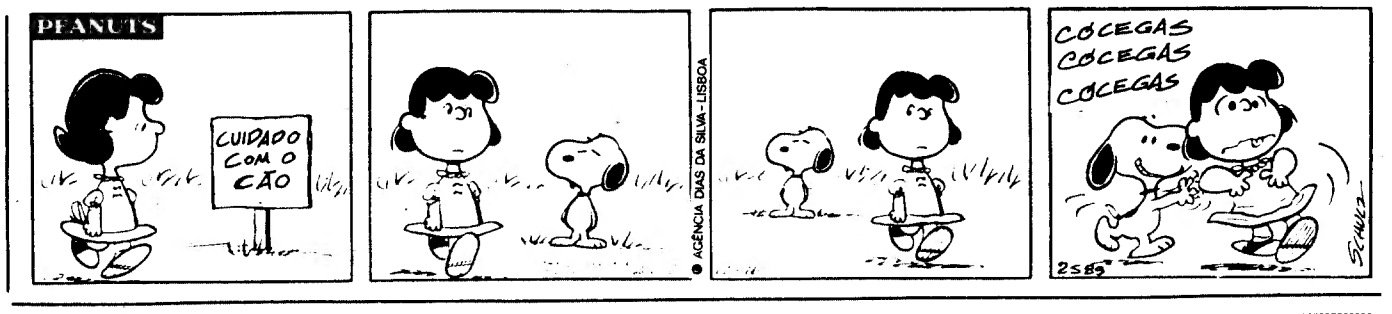
SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO

SINDICATO DOS TELEFONISTAS

Proteja a sua vida!
Use sempre o cinto de segurança



circular e viver.



Como vão as coisas

BOMBARRAL EM GRANDE

Conclue-se no sábado a «Volta Ciclista a Málaga», onde o Bombarrelense tem sido amo e senhor. A prova tem, nos primeiros lugares, os portugueses José Sousa Santos, João Duarte, João Marta, Joaquim Sousa Santos e Fernando Fernandes. Outros bombarralenses: João Costa (11.º), Vasco Belizário (20.º) e Rogério Santos (32.º).

SEQUEIRAS EM XADREZ

João Sequeira, jogando com negras, empatou o seu jogo da 9.ª jornada do campeonato mundial de xadrez (categoria de juniores) frente ao iraquiano Razzak. O comandante do torneio é o soviético Yusupov, (com 7,5 pontos) João Sequeira tem 3 pontos, em nove possíveis.

NOTARIADO PORTUGUÊS

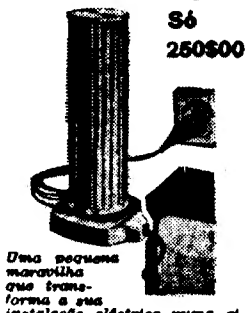
CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

Certifico para efeitos de publicação que no dia 7 de Setembro corrente, de fls. 64 a fls. 65 do Livro A-106, para «escrituras diversas», deste Cartório, foi lavrada uma escritura de Justificação Notarial, na qual Francisco dos Santos e mulher Guilhermina de Jesus, casados no regime da comunhão geral de bens, residentes no lugar de Colaria, freguesia de Freiria, concelho de Torres Vedras, justificaram que, com exclusão de outrem são donos e legítimos possuidores de um prédio rústico, composto de vinha, oliveiras e pereiras, com a área de 5.812 m2, denominado «Cavaleiro», sito na freguesia da Azueira, concelho de Mafra, que confronta do sul com herdeiros de Domingos Alcântara Fernandes e dos outros lados com caminhos, inscrito na respectiva matriz cadastral sob o artigo 6 - secção A — com o rendimento colectável de 1.285$00 — de que resulta o valor matricial e atribuído de 25.700$00. Que o referido imóvel encontra-se omisso, na Competente Conservatória do Registo Predial, e, conquanto não haja documento que permita fazer a prova do direito da propriedade, nem registo do respectivo título ou de mera posse, a verdade é que os outorgantes Francisco dos Santos e mulher, possuem o referido imóvel — há mais de trinta anos — com exclusão de outrem e de boa fé pelo que o adquiriram por usucapião.

É CERTIDÃO NARRATIVA PARCIAL, que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita e certifico que na parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ou além do que fiz transcrever. Mafra, 7 de Setembro de 1977

O Ajudante
Maria Manuela Beirão Climaco Delgado

SUPER STARK
ANTENA TV ELECTRÓNICA
Só 250$00



Uma pequena maravilha que transforma a sua instalação eléctrica numa gigantesca rede que amplia o campo de recepção da TV e rádios com AM - FM.
PEDIDOS À COBRANÇA
+ 25$00 (portes)
SEX-SHOP
Apartado 292 — PORTO

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

O céu estava geralmente limpo o vento era fraco e havia neblina ou bruma em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	25º
P. DOURADAS	22º
COIMBRA	26º
PORTALEGRE	29º
LISBOA	21º
SAGRES	22º
FARO	24º
P. DELGADA	22º
FUNCHAL	20º
V. CASTELO	23º
BRAGANÇA	23º
V. REAL	23º
ÉVORA	23º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima.....36º

FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO
Mínima.....13,6º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.04	4,1 m	9.38	0,7 m
16.21	42 m	22.00	0,7 m
Dia 16			
4.41	4,1 m	10.18	0,7 m
17.01	4,1 m	22.41	0,8 m
Dia 17			
5.22	4,0 m	11.01	0,8 m
17.44	4,0 m	23.24	1,0 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco soprando moderado de leste na costa algarvia. Neblinas matinais na orla costeira ocidental a norte do Cabo da Roca.

— AMANHÃ —
NASCER ÀS 7.18
OCASO ÀS 19.44

Dia 20 Dia 27 Dia 5 Dia 12

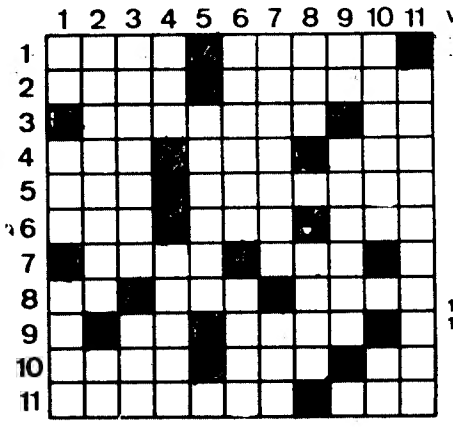
Palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11.841

HOROZONTAIS:

1 Mamífero desdentado espécie de tatu. Roer.
2 Rodeira. Traçar.
3 Relatara. Pronome pessoal.
4 Fúteis. Governanta. Cidade de França.
5 O mesmo que três (inv). Abandonava.
6 Dá mios. Pega. Oceano.
7 Lavrar. Fecha as asas para descer mais depressa.
8 Preposição. Tempo do verbo ir. Adória.
9 Quinto filho de Jacob. Refego.
10 Grande afeição. Para barlavento. Bário (s.q.).
11 Adicionasse. Possui.



VERTICAIS:

1 Aparência. Caminha para cá. Épocas.
2 Padeceriam. Moderato.
3 Sentir agastamento. Dádiva.
4 Grande quantidade. Avarenta.
5 Amofinara.
6 Teces. Caminharás.
7 Deras oiro a. Pronome pessoal.
8 Sua Senhoria. Personagem do «Otelo» de Shakespeare.
9 Antes de Cristo. Suástico.
10 Roía. Berilo (s.q).
11 Emendariam.

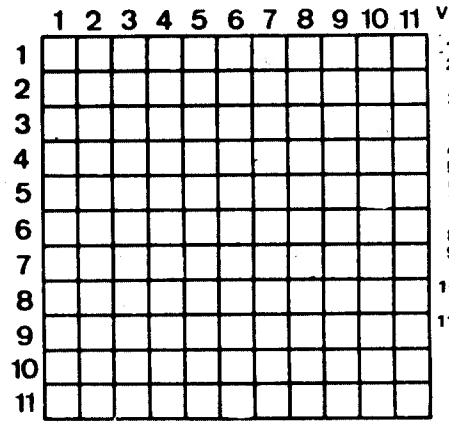
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7.902

HORIZONTAIS:

1 Um dos estados do Brasil. Feiticeira.
2 Curso de água natural e abundante. Reze. Medida de superfície.
3 Aparência. Cravo. Cidade da antiga Caldeia.
4 Fluído aeriforme. Gosta muito de. Cidade dos Países Baixos.
5 Toste. Bazófia.
6 Ferro temperado.
7 Bário (s.q). Juízo. Sentidas condolências.
8 Pronome demonstrativo. Paixão (fig).
9 Invulgar. Nome de uma tribo africana (Bras).
10 Zomba. Preposição. Autores. Batraquio.
11 Tostas. Glóbulos.



VERTICAIS:

1 Cidade da Polónia. Grita.
2 Encolerizas. Guarneceis de asas.
3 Letra grega. Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Senhor.
4 Enredo.
5 Agora. Suspiros. Pertences.
6 Semente de tremoceiro.
7 Povoação do concelho de Condeixa. Olé. Prata (s.q.).
8 Enfeites.
9 Em partes iguais. Época. Quinto filho de Jacob.
10 Colo. Pai do marido em relação à esposa.
11 Que é do ar. Plantas têxteis do Ceará.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11.840

HORIZONTAIS:

1 NO. RISO. É O.
2 Amoirara. Cl.
3 Ni. Má. Alvor.
4 Otão. Tana.
5 Sim. Sol. Chi.
6 Regar. Mãe.
7 Martim. Ca.
8 Oó. Inês. Ti.
9 Imita. Amada.
10 Doma. Aramou
11 Oso. Asa.

VERTICAIS:

1 Nanos. DOIDO.
2 Omitir. Omo.
3 Amem. Imo.
4 Rimo. Gaitas.
5 Ira. Sarna.
6 Sa. Porte.
7 Ora. Isara.
8 Alt. Mm. Mas.
9 Vaca. Lama.
10 CONHECIDO.
11 Oirai. Aue.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7.901

HORIZONTAIS:

1 Haiti. Havai.
2 Era. Aliam.
3 Remara. Orai.
4 Arais.
5 Ar. Ras. Aa.
6 Duras. Ro. Pr.
7 Em. Resolvia.
8 Sota. Aoto.
9 Rè. Ara. Aa.
10 Pará. Má.
11 Acabariam.

VERTICAIS:

1 Herdades. Ma.
2 Are. Rumor.
3 Iama. Terá.
4 Arcara.
5 Iara. Se. Apa.
6 Air. Sarar.
7 Há. Saro. Ari.
8 Aló. Sola. Aa.
9 Vira. Voa.
10 AAA. Apitam.
11 Imitarão Au.

PROVÉRBIO: No riso, é o doido conhecido.

farmácias de serviço

LISBOA

Até às 22 horas

ALIANÇA — Av. Almirante Reis, 145-B/C. Tel. 570487.
ALMEIDA — Rua Silva Carvalho, 136. Tel. 681726.
BRISÁLIA — AV: Rio de Janeiro, 66/66-A. Tel. 722368.
CANTO — Estr. das Laranjeiras, 202-B. Tel. 780841-788904.
CARDOTE, LDA. — Av. Visconde Valmor, 28-A. Tel. 772291.
ELMA — Rua D. Maria Pia, 358-A. Telefone 686176.
HIGIENE — Rua Cidade Vila Cabral, lote 43. Tel. 310026.
IDEAL — Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A . Tel. 892803.
INTERNACIONAL, LDA. — Rua Áurea, 228. Tel. 360203-322017.
LABOR — Rua Diário de Notícias, 81. Tel. 323428.
LÍDIA ALMEIDA — C.ª da Ajuda, 170. Tel. 637318.
MARLUZ — Calçada da Picheleira, 140-B/C. Tel. 720703-728395.
MARTINS, LDA — Rua Fernanão de Magalhães, 33. Tel. 849448.
MICAEL — Rua de S. Bento, 380-382. Tel. 662162.
MONTE (do) — Rua Senhor do Monte, 30-A/B. Tel. 867842.
MORGADO LOURENÇO — L.º D. Estefânia, 4-5. Tel. 54808.
PAIVAS E PARENTE — Rua St.º António à Estrela, 96. Tel. 665196.
PATULEIRA, H.ºs — Alam. das Linhas de Torres, 262-B. Tel. 790332.
PINTO — Rua de Campolide, 11-A. Telefone 682610.
ROMA — Av. de Roma, 85-B. T. 772466.
SANTA CRUZ — Av.º Gomes Pereira, 34-A. Tel. 704828.
SANTA LUZIA — Rua da Saudade, 2-B. Tel. 869831.
S. MIGUEL — P.º Francisco de Morais, 1. Tel. 771469.
VIEIRA ROSA — Rua Prior do Crato, 74. Tel. 660187.

Permanente

CARDOTE, LDA — Av. Visconde Valmor, 28-A. Tel. 772291.
CANTO — Estr. Laranjeiras, 202-B. Telefones 780841-788904.
INTERNACIONAL, LDA — Rua urea, 228. Tel. 360203, 322017.
MARLUZ — Calc. da Picheleira, 140-B-C. Telefs. 720703-728095.
MORGADO LOURENÇO — L.º D. Estefânia, 4-5. Tel. 54808.
PATULEIRA, H.ºs — Alameda Linhas de Torres, 262-B. Tel. 790332.
MICAEL — Rua S. Bento, 380-382. Telefone 662162.
PINTO — Rua Camplide, 11-A. Telefone 682610.
SÃO MIGUEL — P.ª Francisco Morais, 1. Telf. 771469.
VIEIRA ROSA — Rua Prior do Crato, 74. Tel. 660187.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes — Av. Com. G. Guerra, 166 (Telef. 2113953)
ALCABIDECHE
Carvalho — Até às 21 horas
PORTO SALVO
Ferreira Bastos — Até às 21 horas
CARCAVELOS
Central — Até às 24 e das 0 às 9 horas
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira — Av. Saboia, 29-B (Telef. 260085) Até às 21 horas
PAÇO DE ARCOS
Pargana — Av. eng.º Bonneville Franco (Telef. 2435147) Até às 22 horas
OEIRAS
Oeiras — L. Henrique Paiva Couceiro (Telf. 2430485) Até às 24 e das 0 às 9 horas
NOVA OEIRAS
Leal — Até às 21 horas
PAREDE
Aisir — Av. Gago Coutinho B.º das Caixas de Previdência (Telef. 2472948) Até às 24 e das 0 às 9 horas
PAREDE
Junqueiro Mendes — Até às 21 horas
MURTAL
Primavera — R. das Parreiras, 3 (Telef. 2472278) Até às 24 e das 0 às 9 horas
AMOREIRA
Amoreira — (Telefs. 262313-267314) Até às 22 horas
ESTORIL
Parque — Arcadas do Parque, 3 (Telef. 260191) Até às 21 horas
CASCAIS
Cordeiro — Av. Comb.-G. Guerra, 40 (Telef. 280170) Até às 21 horas
A. Costa — R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)) Até às 24 e das 0 às 9 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Confiança — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Telef. 938149) Permanente
Jardim — Av. Conde de Oeiras, 210 (Telef. 938424) Até às 22 horas
DAMAIA
Condiança — Est. Militar, Lote D (Telef. 9710231)
QUELUZ
André — R. Elias Garcia, 151 (Telef. 950043)
CACÉM
Garcia — Av. dos Missionários 2 (Telef. 2942181)
ALGUEIRÃO
Rodrigues Rato (Telef. 2912038)
MERCÊS
Claro Russo
RIO DE MOURO
Riomouro — Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194)
SINTRA
Simões — Estefânia (Telef. 2930732)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 204250)
ALMADA
Central, R. de Oliveira, 11-B (Telef. 2750504)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança — Est. Nacional, 178-B (Tetef. 2040302)
BARREIRO
M scarenhas Neto — R. Garrett, 1 (Telef. 2072454)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso — P. 5 de Outubro, 18 (Telef. 2750254)
MOITA
Silva Rocha — P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Higiene — R. José Joaquim Marques, 142 (Telef. 2310035)
SESIMBRA
Lopes — R. Cândido dos Reis, 21 (Telef. 2233028)
SEIXAL
Godinho — L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)
COSTA DA CAPARICA
Carlos — Av. do Mar, 23 (Quinta de St.º António)

PORTO

CONTUMIL — Rua de Contumil, 540. **FRANCA DE XIRA** — C. Pereira — Tel. 485755; **VAZ TEIXEIRA** — Rua do Heroísmo, 56 — Tel. 52851; **BIRRA** — Praça da Liberdade, 125 — Tel. 20463; **COSTA LIMA** — Av. da Boavista, 855 — Tel. 60606; **MARQUES DE MENDONÇA** — Rua do Ameal, 251 — T. 487118; **MONTE CATIVO** — Rua do Monte Cativo, 444 — Tel. 481687; **CARDONA DOS SANTOS** — Rua de D. Manuel II, 90 — Tel. 315051; **ORIENTAL** — Rua do Bonjardim, 727 — Tel. 27878.
PATELEIRA — Rua André de Resende, 92 — Tel. 687011; **ALMEIDA CUNHA** — Rua Formosa, 327 — Tel. 24874; **SAMPAIO** — Rua de Cedofeita, 636 — Telef. 21782; **SÃO JERÓNIMO** — Rua de Santos Pousada, 622 — Tel. 54526.

COIMBRA

(Das 9 horas as 9 do dia seguinte)

ADRIANA — Praça da República, 20-22 — Tel. 23609; **ESTÁDIO** — Rua do Brasil, 348, r/c — Tel. 72710.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

QUARTETO
23.45 (18 anos)
«A Verdadeira História de Jack o Estripador»
MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«Aqui quem Manda Sou Eu
GIL VICENTE (Cascais)
22.00(13 anos)
«O Vento nas Ramas do Sassafraz»
VARIEDADES
21.30 (13 anos)
«Desculpa o Caetano»
BARRACA
21.15 (13 anos)
«Barraca Contra Tiradentes»
LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Calcinhas Amarelas»
TEATRO DO BAIRRO ALTO
(13 anos)
«Casimiro e Carolina»
OS CÓMICOS
21.30 (13 anos)
«A Guarda»
ÁDÓ UE
20.30, 22.45 (18 anos)
«O Calinas Cala a Boca»
MARIA MATOS
21.45 (13 anos)
«O Pato»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Exibição»
PARIS
21.30 (18 anos)
«Herdeira na Cama»
OLÍMPIA
Sessões Permanentes (18 anos)
«As Jovens Sedutoras»
CINEARTE
21.30 (13 anos)
«As duas Faces do Medo»
CALEIDOSCÓPIO
21.30 (6 anos)
«Fuga para a Montanha Mágica»
LUMIAR
21.30 (13 anos)
«Irmão Contra Irmão»
PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Cavalgada Fantástica»
MONUMENTAL
21.30 (14 anos)
«Amor sem Barreiras»
CAPITOLIO
21.00, 23.00 (18 anos)
«China Girl»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«O Mundo do Oeste»
VOX
21.15 (13 anos)
«A UltraPassagem»
RESTELO
21.30 (18 anos)
«A Doutora de Baixo do Lençol»
COLISEU
21.30 (10 anos)
«Sugar Colt»
EUROPA
21.00 (6 anos)
«Música no Coracão»
CINE AUDITORIO
21.30 (17 anos)
«A Bela Moleira»
QUARTETO
Sala 1
21.00 e 23.00 (13 anos)
«A História de Adele H.»
Sala-2 21.15 (18 anos)
«A Máscara»
Sala-3 21 e 23 (13 anos)
«Tudo à Venda»
Sala 4 21.00 e 23.00 (18 anos)
«Verão 42»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (18 anos)
«Muro de Separação»
OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (18 anos)
«Emanuelle Branca, Emanuelle Negra»
PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Ternas Amigas»
ESTORIL
Casino
17 e 21.15 (6 anos)
«Os Dois Missionários»
Palácio
21.15 (13 anos)
«Por favor não me morda o pescoço»
CASCAIS
S. José
21.15 (6 anos)
«Elvis Show»

LINHA DE SINTRA

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (13 anos)
«A Carambola»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrivel
21.15 (13 anos)
«Os Três Mosqueteiros»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (13 anos)
«Isto é que Me Dói»

PORTO/Cinemas

SALABÉBÉ
21.10 (6 anos)
«Serenata à Chuva»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Os Vencidos»
OLIMPIA
21.30 (18 anos)
«Emanuelle Negra n.º 2»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Big Boss o Impacável»
PASSOS MANUEL
21.30 (4 anos)
«Música no Coração»
ESTUDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«A semente do Diabo»
ESTÚDIO
21.30 (13 anos)
«O Raid Relâmpago dos Comandos»
ESTÚDIO 400
21.30 (6 anos)
«Onde se meteu a 7.ª Companhia»
TRINDADE
21.30 (6 anos)
«A Última Loucura»
CHARLOT
21.30 (13 anos)
«As aventuras de Takla kan»
COLISEU
21.15 (13 anos)
«Maome»
S. JOÃO
21.30 (4 anos)
«O Gendarme em Férias»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Catherine»
CHAPLIN
21.30 (13 anos)
«O Direito de Nascer»
BATALHA
21.30 (13 anos)
«O Espião sem Amanhã»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Eva»
S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Alfredo, Alfredo»
AVENIDA
21.15 (13 anos)
«Diário de uma Adolescente»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Bucktown, Cidade Corrupta»

cinemas

ab CINE
Centro Comercial de Alvalade
Sala A
Não acons. m/ 18 anos
14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00
4.ª semana
PRESIDIÁRIO
Sala B
Às 21.30 e 23.30. Não acons. men. 13 anos
REGRESSO DE KING KONG

ALVALADE
T. 897480 — 15.30, 18.30 e 21.30
Para todos
HEIDI

APOLO 70
Tel. 763319 14.00, 16.30 19.00 21.30
O INQUILINO
em 2.ª semana
de Roman Polanski
Interd. a m/18 anos
Hoje às 24 h
M 14 anos
SHERIF PRECISA-SE

AVIS
Tel. 47163 — 15, 18.15 e 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
14.ª semana
SOFRIMENTO DE AMOR
O filme começa a projectar se logo após o início da sessão

BERNA
Tel. 776098 — 14, 16.30, 19, e 21.30
UMA VIAGEM AO REINO DA FANTASIA
FUGA PARA A MONTANHA MÁGICA
um filme de John Hogh
para todos

CALEIDOSCÓPIO
Tel. 795093 — 14, 16.30, 19, 21.30
FUGA PARA A MONTANHA MÁGICA
um filme de John Hough
para todos

CASTIL
Tel. 530194 — 15.30, 18.30, 21.30
Claudia Cardinale/ Nino Manfredi/ Eurico Maria Salerno
NO ANO DO SENHOR
de Luigi Magni
Não acons. m/ 13 anos
2.ª semana
O filme começa 6 m. após o início das sessões

CONDES
Tel. 322523 — 14.00, 16.30, 19.00 21.30
Para todos
A GRANDE PARÓDIA
De Louis de Funès
Bourvil

EDEN
Tel. 320768 — 14, 16.30, 19, 21.30
Clint Eastwood
George Kennedy em
A ESCALADA
N. acs. a M/13 anos

ESTÚDIO
Tel. 535134 — 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. m/ 13 anos
ISTO PODE ACONTECER-LHE
de Robert Mulligan

ESTÚDIO 444
Tel. 555134 — 5.00, 17.00, 19.00, 21.45
Não acons. m/ 13 anos
GOLPE EM BERLIM

IMPÉRIO
Tel. 5551345 — 15.30, 18.30 e 21.30
Filme seleccionado para inauguração da época
N. acs. às M/13 anos
MAOMÉ, O MENSAGEIRO DE DEUS
c/Irene Papas e Anthony Quinn
um filme de Moustapha Akkad

LONDRES
Tel. 801313 14.15, 16.30, 18.45, e21.30
Int. a m/ 18 anos
O GÉNIO DO MAL
c/ Gregory Peck

MUNDIAL
Tel. 538743 — Estreia às 21.30
Não acons. men 13 anos
AS AVENTURAS DE ULISSES
c/ Bckin Femin, Irene Papos
Renald Verley

NIMAS
Tel. 574362 — 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
DAISY MILLER
um filme de Peter Bogdanovich
c. Cybill Shepherd Barry Brown

ODEON
Tel. 326283 — 15.15, 18.15, e 21.15
Não acons. m/ 13 nos
em 2.ª semana
JULIE
filme exibe-se no início da sessão

PATHÉ
Tel. 821933 14.15 16.30, 18.45 e 21.30
Int. men. 18 anos
(colorido)
EVA NEGRA
c/Jack Palance, Laura Gemser
A grande aventura do homem desde a sua origem

POLITEAMA
Tel. 326305 — Estreia às 21.30
Não acons. men. 13 anos
O Regresso de King Kong

RESTELO
Tel. 610378 — 21.30
Não acons. men/18 anos
A DOUTORA DEBAIXO DO LENÇOL

ROMA
Tel. 887778 — 15.30 18.30 e 21.30
Não acons. men/13 anos
A FLECHA SAGRADA
Às 15.30 e 18.30 (men. 13 anos)
CRIME PERFEITO

ROXY
Tel. 48560 — 14.00-16.30-19.00-21.30
O filme indiano de maior êxito
4.ª Semana
AMOR E JUSTIÇA
n. acos. men. 18 anos

S. JORGE
Tel. 579144 — 15.15 18.15 e 21.30
Grande Prémio do Cinema francês
A HISTORIA DE ADELE H.
Um filme de François Truffaut
Não acons. m/ 13 anos

TIVOLI
Tel. 570595 — 15.00, 18.00, 21.00
A GRANDE AVENTURA DO HOMEM DESDE A SUA ORIGEM
2.ª Semana
A BIBLIA
de John Huston
Não acons. m/ 13 anos

D. JOÃO V — BAIRRO
Tel. 971794 — 21.30
Int. men 18 anos
Bucktown, Cidade Corrupta

rádio

1.º PROGRAMA

18.00: Noticiário; **18.05**: «O Povo e a Terra», programa do Emissor Regional do Norte. «Música Portuguesa»; **19.00**: «A Criança», programa do Emissor Regional de Coimbra; **19.30**: Acção Sindical; **20.00**: «Jornal da Noite»; **20.30**: Orquestras; **21.00**: 3.º episódio do folhetim «O Bobo», de Alexandre Herculano, numa adaptação de Manuela de Azevedo; **21.20**: «Contraponto»; **23.30**: Polidesporto; **24.00**: «Último Jornal»; **00.30**: Música de filmes; **01.00**: «Música na Noite»

2.º PROGRAMA

18.20: Solos de Cravo: «O cravo bem temperado», de Bach; **19.00**: «O canto e os seus intérpretes», por Maria Helena de Freitas; **20.00**: Música sinfónica: Os prelúdios, de Liszt. Sinfonia n.º 2 em ré maior, de Brahms; **21.10**: Duetos de Óperas, de Giordano, Puccini e Donizzetti; **21.45**: Música de piano: Sonata em ré maior, de Bach. Sonata em lá menor K. 310, de Mozart. Sonata n.º 29 em si bemol maior op. 106, de Beethoven; **23.00**: Endimione e Cintia (cantata para dois sopranos e conjunto instrumental), de Scarlatti; **23.50**: Música de Câmara: Concerto n.º 4 em fá menor, de Pergolesi. Concerto grosso op. 6 n.º 10 em ré menor, de Haendel; **00.25**: Solos de órgão: Fantasia p/duplo órgão, de Gibbons; **01.00**: Fecho.

3.º PROGRAMA-NACIONAL E REGIONAL (290 m)

18.20: Títulos de 1.ª página; **18.30**: Actualidade; **18.45**: Fórmula 1; **19.05**: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; **20.15**: Antologia; **20.30**: Pesquiza; **20.50**: Diálogo; **21.00**: A música e as vezes; **21.30**: «Ouando o telefone toca»; **23.03**: «Nocturno»; **23.06**: Mensagens Bíblicas; **24.00**: «Nocturno» (continuação); **00.15**: «Dia a dia com o passado»; **02.00**: Fecho.

3.º PROGRAMA-LOCAL (187,5 m)

18.00: «Compasso»; **18.15**: Sal e pimenta (repetição); **19.45**: Esta palavra saudade; **20.10**: A verdade!; **20.40**: Serviço de Agenda; **21.00**: Fecho.

4.º PROGRAMA-EMISSÃO TOTAL EM ESTEREOFONIA

19.00: «Em órbita»; **20.00**: «Forum», realização de Jorge Lopes; **22.00**: «Auditório»; **00.00**: «Prisma» — Realização de Fernando Quinas. «O Homem no Tempo» — Programa de Antropologia produzido por João de Sousa Monteiro; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

18.08: Apelos; **18.15**: Igreja em Notícia - Palavra do Dia; **18.30**: Transmissão do Terço da Basílica dos Mártires; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de RR; **20.00**: Objectivo; **20.53**: Apelos; **21.05**: Pentagrama; **21.30**: Ao encontro da Grande Música; **22.00**: Ouando o telefone toca; **22.30**: Temas Vivos; **23.05**: Última Hora; **23.30**: Dicionário político; **23.55**: Meditando; **01.00**: Rotação; **02.00**: Fecho.

NOVO SERVIÇO
Você e o seu carro
Diariamente Lisboa-Porto-Lisboa
Caminhos de Ferro Portugueses

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Gabinete para a Cooperação vai começar a funcionar

. Por decisão governamental acaba de ser definida a organização e funcionamento do Gabinete para a Cooperação Económica Externa (GCEE), criado em Fevereiro deste ano.

No decreto regulamentar do novo organismo público especifica-se que cabe ao GCEE «assegurar a ligação permanente entre o Ministério do Plano e Coordenação Económia e os outros Ministérios no âmbito de acções sectoriais em que se desdobra a cooperação económica externa, suscitando, acompanhando e coordenando as acções interministeriais neste domínio e assegurar a ligação entre os Ministérios do Plano e Coordenação Económica e dos Negócios Estrangeiros na mesma matéria».

O Gabinete contará com 41 funcionários, sendo três Directorres — um Director-Geral (fala-se em Victor Constâncio) e dois Directores de serviço (já escolhidos, segundo consta).

Reprivatização de "O Século" não está excluída

● ANOP faz boletim para emigrantes

. A ANOP vai passar a emitir um boletim noticioso especialmente dirigido aos emigrantes portugueses — esta a decisão firmada através de um protocolo de acordo assinado pelo secretário de Estado da Emigração, João Lima, e o director-geral daquela agência noticiosa, João Tito de Morais.

Entretanto, a Associação da Imprensa Não Diária, em documento enviado ao secretário de Estado da Comunicação Social, considera «positivas mas insuficientes as medidas de apoio aos jornais». Asssina o documento o presidente da AIND: Francisco Pinto Balsemão.

Finalmente, Mário Soares não exclui a reprivatização de «O Século». Palavras do Primeiro-Ministro a um jornalista que, sobre aquele matutino, o interpelou em Coimbra: «Se vier a aparecer uma solução desse género, que se mostre exequível, não se vê que isso não possa acontecer».

Mil pessoas "encalhadas"

. Devido ao nevoeiro que ontem de manhã se fez sentir no estuário do Tejo o «Minho», um dos barcos da CP que faz a ligação entre o Barreiro e Lisboa, encalhou com cerca de um milhar de pessoas a bordo num baixio próximo da praia do Bico do Mexilhoeiro.

A ocorrência verificou-se pelas 8,15 e provocou grandes transtornos aos utentes (trabalhadores na sua maioria) da carreira pois só cerca do meio-dia lhes foi possível serem evacuados e, portanto, chegar a Lisboa.

Embora os danos materiais sejam quase nulos, o incidente teve graves repercussões nos horários das carreiras entre as estações de Sul e Sueste e do Barreiro.

LEI BARRETO

Comissão Constitucional já entregou parecer ao CR

. Embora oficialmente nada tenha até agora transpirado relativamente aos diplomas enviados à Comissão Constitucional, «Lei Barreto», Lei do Arrendamento Rural e Lei das Indemnizações — sabe-se que a Comissão Constitucional cumpriu os prazos legais para a elaboração dos pareceres solicitados sobre as referidas leis. Isto significa que o Conselho da Revolução está agora habilitado a produzir, na sua reunião de amanhã, a decisão que nos termos constitucionais lhe compete.

De acordo com algumas fontes não terá havido unanimidade de pontos de vista no plano jurídico quanto à «Lei Barreto», cuja inconstitucionalidade, em certos aspectos, se apresentaria flagrante a vários membros da Comissão. Ignora-se no entanto se uma decisão política se terá sobreposto ao rigor jurídico na análise da referida lei. Entretanto, segundo as mesmas fontes, relativamente à lei sobre as Comissões de Trabalhadores, a Comissão teria concluído pela sua inconstitucionalidade.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º Prémio 45 591 — 6000 contos
2.º Prémio 40 482 — 1500 contos
3.º Prémio 19 635 — 750 contos

2.º PRÉMIO VENDIDO CASA DA SORTE

Consulte a lista oficial e habilite-se para a próxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETUBAL

A publicação ontem pelo «D.L.» da segunda parte da entrevista concedida pelo general Vasco Gonçalves ao escritor Jorge Reis suscitou grande interesse em todo o País, fazendo com que a nossa edição se esgotasse rapidamente (tal como já sucedera na segunda-feira)

PSOE isolado no Parlamento espanhol

MADRID — (Fernando Jaureguy — especial para o DL) — Os diários espanhóis apresentavam hoje títulos como «O PSOE ficou só», reportando-se à derrota sofrida ontem pelos socialistas na moção que apresentaram ao Parlamento, pedindo a demissão do ministro do Interior, Rodolfo Martin Villa.

Ao longo de quatro tensas horas, o partido do Governo e a oposição cruzaram ataques no Congresso dos Deputados, roçando muitas vezes o insulto pessoal.

O PSOE pedia a demissão de Martin Villa por o considerar responsável pela agressão da Polícia ao deputado socialista Jaime Blanco.

No fundo, discutia-se o papel das forças de ordem pública na transição para a democracia, assim como o desejo da oposição de que o Governo se submeta ao controlo do Parlamento, coisa que o partido no poder — a União do Centro Democrático — pretende evitar a todo o custo.

O tema «forças da ordem» (Polícia Armada e Guarda Civil) foi tratado com especiais cuidados e precaução por todos os grupos parlamentares do Congresso, já que poderosos sectores da vida política espanhola encontram-se especialmente irritados pelo facto de esta questão ser discutida publicamente.

No entanto, no Parlamento não deixaram de ser citados os excessos de grupos descontrolados para policais e secções especiais responsáveis por torturas, escutas telefónicas, etc.

O PSOE responsabilizou Martin Villa por estes excessos, acusando-o de ser «resíduo do franquismo e da ditadura no actual Governo». Mas os restantes grupos parlamentares da oposição, comunistas e nacionalistas, assim como a oposição de direita, a Aliança Popular (que pediu mais energia para impor a ordem), não apoiaram o PSOE. Todos se abstiveram na votação, pelo que a moção socialista não passou.

O Governo e a oposição saíram, no entanto, abalados do debate frente à opinião pública.

Os jornais desta manhã interrogavam-se sobre qual é o papel dum Parlamento que dedica duas sessões plenárias a debater a agressão policial a um deputado, enquanto os problemas económicos e políticos do país continuam como dantes.

Como ontem afirmou um deputado «o povo alheia-se cada vez mais do Parlamento, vendo os seus problemas assemseremtratados na Câmara»: o crescente desemprego e a possível falência de dez mil empresas até ao final do ano são temas que angustiam a opinião pública espanhola e que ninguém parece tratar frontalmente.

Sem dúvida tendo em conta este panorama, o secretário-geral do Partido Comunista, Santiago Carrillo, no discurso mais lúcido ontem pronunciado no Parlamento, lembrou a possibilidade de que um «salvador da Pátria» (leia-se um Pinochet à espanhola) sinta a tentação de «instaurar a felicidade no país».

A única solução, repetiu uma vez mais Carrillo, é um governo de concentração nacional, que, nas actuais circunstâncias, seria muito mais um governo de salvação nacional.

Comutada pena a Karl I Bond

. O presidente Mobutu decidiu hoje de manhã comutar a pena de morte contra Karl I Bond, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros do Zaire, em prisão perpétua.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM AGOSTO: 44 200
(Hoje 24 páginas)

POR "ULTRAJE À BANDEIRA"

Pilotos portugueses em apuros no Brasil

. A Polícia Federal brasileira está a investigar uma denúncia segundo a qual dois pilotos portugueses teriam «ultrajado a bandeira nacional» no dia 7 do corrente mês em Aracaju, capital de Sergipe, no noroeste do país.

Se a denúncia for comprovada, a Polícia Federal considera que os dois pilotos — António Carlos Fontes Pereira de Melo e Luís Vasco Gomes Raposo do Amaral — poderão ser condenados a penas de dois a quatro anos por «crime previsto na lei de segurança nacional».

Segundo informa «O Estado de São Paulo», os dois pilotos, ex-membros da Força Aérea Portuguesa, residem no Brasil há mais de um ano, e trabalham actualmente na empresa «Votec Taxi Aéreo».

A denúncia foi feita por dois mecânicos da mesma empresa. Segundo afirmaram, os pilotos portugueses recusaram-se a transportar a bandeira nacional fixada na parte externa do helicóptero, no Dia Nacional do Brasil. Um deles, Raposo do Amaral, teria dito que não estava «para fazer gracinhas para o Governo, enquanto o povo brasileiro passava fome».

Os pilotos negaram a denúncia, explicando que os dois mecânicos pretendiam afixar cartazes e uma bandeira no helicóptero e atirar, em pleno voo, folhetos com a letra do hino nacional brasileiro. Isso representaria — disseram — um sério perigo para a visibilidade do voo.

Ramiro Correia morreu por afogamento

. Devido a problemas relacionados com o tráfego aéreo e ainda a um complicado circuito burocrático inerente a tais situações não devem chegar ainda esta semana a Lisboa os corpos do comandante Ramiro Correia, da mulher e do filho, vítimas de um trágico acidente de barco, em Moçambique, onde o malogrado oficial médico da Armada se encontrava a trabalhar como cooperante.

Entretanto, sabe-se que as autópsias já concluídas, revelaram a morte por afogamento do comandante Ramiro Correia e do filho, e da mulher por congestão.

Nota oficiosa

OS INTERESSES E A LEI

Um conhecido semanário reaccionário, dirigido por uma personalidade especializada em turismo-hoteleiro, apela na edição de hoje para um «referendo nacional sobre a necessidade de se suspenderem as greves durante um ano».

O referido director, autor do editorial em que se avança tal projecto, claramente inconstitucional, fazia há tempos um barulho dos diabos contra a proposta (constitucional) do PCP, de eleições gerais!

. Ou seja, em matéria de legalidade há interesses com razões que a razão (Constituição) desconhece! ...

EME regulamenta promoção de oficiais

. Uma portaria do Estado-Maior do Exército hoje publicada no «Diário da República» define as condições e a forma como devem ser feitas as listas de promoções de oficiais do Exército.

As promoções, segundo o referido diploma, têm por objectivo proporcionar o aproveitamento dos oficiais mais aptos, contribuir para tomar mais aliciante as carreiras militares, possibilitar o rejuvenescimento dos quadros e compatibilizar essa possibilidade com as exigências de maturidade e experiência dos diferentes postos e funções.

A portaria, assinada pelo general Rocha Vieira, admite a promoção por escolha ao posto seguinte dos capitães, majores, tenentes-conronéis e coronéis, em percentagem nela fixadas e que variam de 25 por cento na promoção de capitão a major e 50 por cento de tenente-coronel a coronel, devendo as restantes vagas existentes nos quadros das armas e serviços ser preenchidas segundo o critério de antiguidade.

As listas de promoções deverão ser elaborados pelos Conselhos das Armas e Serviços, delas havendo possibilidade de recurso para os respectivos directores, cabendo no entanto as decisões finais sobre a organização das listas ao chefe do Estado-Maior do Exército.

As votações a efectuar nos Conselhos das Armas sobre os oficiais a incluir nas listas serão sempre por maioria de dois terços, sendo os votos secretos e individuais.

AÇORES

FAIAL TERCEIRA S. MIGUEL

FERIADO DE OUTUBRO
30 de SETEMBRO a 6 de OUTUBRO
PREÇOS DESDE
Esc. 8.600$00
Informações e reservas:
Av. Liberdade 233
Tel. 536121
Lisboa 2
Europeia